

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

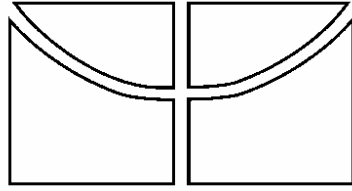
**A INTERNET COMO MEIO DE COMUNICAÇÃO A PARTIR DOS ESTUDOS DA
TEORIA DO MEIO**

Rodrigo Miranda Barbosa

Trabalho apresentado à banca de qualificação como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília. Linha de pesquisa: Teorias e Tecnologias da Comunicação.

Orientador: Dr. Pedro Russi Duarte.

Brasília, Fevereiro de 2010



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

**A INTERNET COMO MEIO DE COMUNICAÇÃO A PARTIR DOS ESTUDOS DA
TEORIA DO MEIO**

Rodrigo Miranda Barbosa

Brasília, Fevereiro de 2010

RESUMO

A pesquisa propõe compreender a Internet a partir da tradição conhecida pela denominação de Teoria do Meio. Tradição esta que se preocupa em estudar os meios de comunicação como atores importantes na configuração da sociedade e das relações sociais. Discutimos então as principais pesquisas de seus representantes como Marshall McLuhan, Harold Innis, Joshua Meyrowitz entre outros pesquisadores a fim de problematizar o potencial desta tradição em analisar a Internet enquanto meio de comunicação.

Palavras chaves: Teorias da Comunicação, Internet, Tecnologia, Teoria do Meio, Marshall McLuhan, Harold Innis, Joshua Meyrowitz.

ABSTRACT

The research proposes to understand the Internet from the tradition known as Medium Theory. This tradition is concerned in study the media as key players in shaping society and social relations. We discuss the main research of its representatives as Marshall McLuhan, Harold Innis, Joshua Meyrowitz and other researchers, to question the potential of this tradition to consider the Internet as a medium of communication.

Keywords: Theories of Communication, Internet, Technology, Medium Theory, Marshall McLuhan, Harold Innis, Joshua Meyrowitz.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	6
1 O SABER COMUNICACIONAL E OS ESTUDOS DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO	9
1.1 SABER COMUNICACIONAL.....	9
1.2 OS ESTUDOS QUE CONTEMPLAM OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO	22
2 TEORIA DO MEIO	27
2.1 HAROLD ADAMS INNIS	28
2.2 MARSHALL MCLUHAN	32
2.3 JOSHUA MEYROWITZ.....	36
2.4 LIMITES E DESAFIOS DA TEORIA DO MEIO.....	45
2.5 O CONCEITO DE MEIO DE COMUNICAÇÃO DA TEORIA DO MEIO	47
2.6 DETERMINISMO TECNOLÓGICO E A AUTONOMIA DA TECNOLOGIA..	54
2.6.1 Definições de tecnologia.....	57
2.6.2 As três faces do Determinismo Tecnológico	60
2.6.3 A Teoria do Meio.....	63
3 CARACTERÍSTICAS DA INTERNET	75
3.1 QUADRO DE REFERÊNCIAS SELECIONADAS	79
3.1.1 Ambiente/Organização Social	80
3.1.2 Difusão/Criação	84
3.1.3 Redefinição/Convergência/Propriedades dos Meios	86
3.1.4 Sentidos.....	93
3.1.5 Espaço/Tempo	95
3.1.6 Identidade/Relação Social.....	98
3.1.7 Controle	101
4 A TEORIA DO MEIO PARA COMPREENDER A INTERNET	106
4.1 AMBIENTE/ORGANIZAÇÃO SOCIAL.....	106
4.2 DIFUSÃO/CRIAÇÃO	108
4.3 REDEFINIÇÃO/CONVERGÊNCIA/PROPRIEDADES DOS MEIOS	110

4.4 SENTIDOS.....	111
4.5 ESPAÇO/TEMPO.....	114
4.6 IDENTIDADE/RELAÇÃO SOCIAL.....	117
4.7 CONTROLE.....	120
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	122
REFERÊNCIAS.....	126
ANEXO A – LISTA DE ARTIGOS DO GT COMUNICAÇÃO E CIBERCULTURA DA COMPÓS.....	131
ANEXO B - QUADROS DE REFERÊNCIAS.....	135
ANEXO C – TABELA DE REFERÊNCIAS.....	170

INTRODUÇÃO

A pesquisa propõe compreender a Internet a partir da tradição conhecida pela denominação de Teoria do Meio. Tradição esta que tem como ponto central estudar os meios de comunicação como atores importantes na configuração da sociedade e das relações sociais. Discutimos as principais pesquisas de alguns de seus representantes como Marshall McLuhan, Harold Innis, Joshua Meyrowitz entre outros pesquisadores a fim de problematizar a capacidade desta tradição em analisar a Internet enquanto meio de comunicação.

Dentro da ampla discussão que envolve a cibercultura apresentei um projeto para o mestrado que seguia a trilha de problematizações levantadas em meu trabalho de monografia *Pirataria On-Line: Sistemas emergentes, jogo e dádiva*¹ sobre organizações/comunidades de pirataria on-line. Assim, na busca de avançar nas investigações, o projeto para o mestrado era focado em compreender como as interações se construía em certos sites que muitos consideravam comunidades on-line.

Durante as disciplinas de Teorias da Comunicação e Metodologia do Mestrado, as questões que envolvem o limite e o foco do campo da Comunicação em relação aos demais se tornaram aspectos importantes e me levaram a questionar não só meus antigos textos, mas também meu projeto de pesquisa, modificando-o.

A formulação do problema de pesquisa começou a tomar forma a partir das leituras relacionadas às interações que eu havia problematizado no meu antigo projeto. Foi então que tive contato com o livro *Interação Mediada por Computador* (2007) de Alex Primo. Neste livro o autor chama atenção para as interações interpessoais como um assunto da Comunicação², ainda que o “olhar do pesquisador da comunicação é outro” (2007:10). A proposta de Primo é estudar a interação mediada por computador, logo, ele não está estudando a interação interpessoal do tipo face a face, mas um tipo de interação interpessoal mediada.

Por vezes lendo o texto de Primo, ficamos tentados a substituir o termo “interação” por “comunicação”. Um dos exemplos é que para ele "(a) clicar em um link

¹ Com base na monografia publiquei dois artigos:

BARBOSA, Rodrigo M. “Pirataria On-Line e a dádiva”, in RASTROS, Ano IX - Edição no 09 - Agosto 2008.

BARBOSA, Rodrigo M. “Pirataria On-Line e o Jogo”, in II Simpósio ABCiber, 2008, São Paulo. Anais II Simpósio ABCiber. São Paulo: Editora, 2008.

² Utilizo em letras maiúsculas para referenciar a disciplina Comunicação e em letras minúsculas quando trato do processo comunicacional.

e (b) jogar um videogame quanto (c) uma infamada discussão através de e-mails e (d) um bate-papo trivial em um chat são interações" (2007:56). Primo acrescenta que a interatividade é a "ação-entre os envolvidos no processo e o relacionamento que se constrói durante o processo." (2007:39). Estaríamos então falando então de "interação" ou "comunicação"?

Essa dificuldade com os conceitos como "interação" "interatividade" "ciberespaço", "cibercultura", "Internet", "Meio de Comunicação", entre outros, problematizava cada vez mais o projeto que estava se tentando prosseguir. Percebi que havia a necessidade de uma discussão anterior à que estava fazendo com relação às interações em comunidades online. Assim, me parecia cada vez mais difícil levar à frente uma pesquisa que tinha um foco mais ligado a um estudo empírico sobre interações em determinados sites, sem antes me situar das propostas que focam seus estudos nos meios de comunicação propriamente ditos.

Foi então que conheci os trabalhos dos pesquisadores Marshall McLuhan e Harold Innis, e suas pesquisas sobre os meios de comunicação. Os avanços nos estudos dos meios de comunicação a partir destes autores compõem uma corrente de pesquisa denominada Teoria do Meio. Essa corrente procura chamar a atenção aos meios de comunicação como agentes de transformação da sociedade, trazendo para a discussão uma outra dimensão que não aquela dos estudos que se centram nos efeitos dos conteúdos. Como esta tradição pode compreender a Internet como um meio de comunicação?

Procuramos explorar assim de um lado as pesquisas da Teoria do Meio através de alguns de seus principais pesquisadores (Harold Innis, Marshall McLuhan e Joshua Meyrowitz) e de outro as principais características da Internet evidenciadas pelos principais pesquisadores da cibercultura.

Dessa forma, problematizaremos as características da Internet e como a Teoria do Meio nos ajuda a compreendê-las. Esta análise se dá em uma via de mão dupla procurando responder: as características da Internet apontadas pelos pesquisadores da cibercultura são alvo de análise da Teoria do Meio? Qual é a compreensão desta tradição em relação a estas características? Que características não são evidenciadas pelos pesquisadores da cibercultura, mas o são pela Teoria do Meio?

Nossa pesquisa, por fim, procura, ao mesmo tempo, problematizar o lugar comum da novidade que a Internet representa, e os seus aparentes efeitos, ao ponto de

alguns autores (Santaella, 2003:21, Sodré, 2001) destacarem que são necessárias novas teorias para dar conta deste novo cenário.

Acreditamos assim que a pesquisa aqui apresentada deve suscitar novas questões, e este é o seu papel. Independente se os resultados sejam: o fortalecimento desta tradição ou a sua possível incapacidade de lidar com a Internet como objeto de pesquisa. A pesquisa tem a função de contribuir com o desenvolvimento da teoria ou tradição, mais do que simplesmente verificá-la. Queremos assim contribuir para o debate frutífero na Comunicação sobre a intervenção da técnica no processo comunicacional, ao chamar a atenção para esta dimensão de análise trazida pela tradição da Teoria do Meio e que por vezes é deixada de lado.

Iniciamos nosso trabalho situando as pesquisas em Comunicação e a problemática do seu objeto de estudo. Em seguida procuramos situar as grandes correntes de pesquisa dentro da Comunicação, localizando quais correntes podem colaborar para compreender a Internet enquanto meio de comunicação, ou seja, que tenham como objeto principal os meios de comunicação. Deparamo-nos com uma situação em que os meios na maioria dos estudos ou são negligenciados, ou considerados como instrumentos neutros. Desta forma é que encontramos críticos dessa visão, compondo a tradição chamada Teoria do Meio, e formada principalmente pelos pesquisadores Harold Adams Innis e Marshall McLuhan. No segundo capítulo procuramos compreender melhor esta tradição explorando as principais pesquisas de Innis, McLuhan e Joshua Meyrowitz. Este último por ter sistematizado diversos pesquisadores que focavam o seu interesse nos meios de comunicação através da denominação Teoria do Meio.

No terceiro capítulo procuramos a partir de uma bibliografia restrita sobre cibercultura construir núcleos de sentido de características da Internet. No quarto capítulo discutimos estas categorias e as suas relações com as pesquisas da Teoria do Meio. Sendo assim, no último capítulo, nos lançamos na investigação da capacidade da Teoria do Meio em ter como objeto de análise a Internet, comparando estes núcleos e as principais pesquisas dos pesquisadores da Teoria do Meio. Procurando perceber certas situações que a Teoria do Meio analisa e que os pesquisadores de cibercultura também podem não ter dado a atenção.

Esperamos assim contribuir para uma melhor compreensão desta tradição comunicacional e de sua capacidade de análise dos meios de comunicação, ao chamar a atenção para uma outra dimensão de análise destes.

1 O SABER COMUNICACIONAL E OS ESTUDOS DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

1.1 SABER COMUNICACIONAL

Que a comunicação tem importância fundamental na nossa vida e que em tudo vemos comunicação, isso ninguém discute. Mas os estudos da comunicação analisam todo esse universo? Nesse capítulo procuramos traçar a formação do saber comunicacional e sua relação com os meios de comunicação. Esta discussão é importante uma vez que situamos a nossa pesquisa na área da Comunicação, dessa forma se faz necessário refletir sobre o que significa esta associação e como a pesquisa se relaciona com o objeto de pesquisa deste saber.

A comunicação para a Comunicação

Apesar do título irônico, o que desejo chamar a atenção aqui é a diferenciação entre o que é a comunicação enquanto processo que fizemos todos os dias e o que significa a comunicação como um objeto de estudo para um saber. Qual é a comunicação que a Comunicação estuda?

A diferença pode não ser visível a partir de um olhar desinteressado, mas alguns se empenharam na sistematização, na especificidade e nos contornos deste conceito chamado comunicação, que nos permitiria definir o objeto de estudo da Comunicação.

Bernard Miège um dos que procuram problematizar a formação de um "saber comunicacional", em seu livro *O Pensamento Comunicacional* (2000) faz a seguinte pergunta no seu primeiro parágrafo: A comunicação é uma ciência ou uma prática? Para ele essa pergunta atormenta a estudantes, professores, profissionais e pesquisadores há pelo menos 50 anos e com os mais variados resultados.

Sua constatação é de que mesmo em uma diversidade fragmentária de conhecimentos há alguns que são fundamentais sobre a comunicação. Dessa forma Miège procura traçar as etapas de formação do que ele chama de “pensamento comunicacional”.

Se eu proponho essa expressão - pensamento comunicacional -, é para atender ao fato de que as idéias ou as representações

que fazemos da comunicação provêm igualmente dos profissionais e dos atores sociais, desenvolvendo suas próprias ações e suas estratégias informacionais e comunicacionais. (2000:15)

Ainda que aponte a participação de ações da prática profissional como constituinte dessa formação, em todo o texto Miège se restringe ao campo teórico. Nesse sentido os conhecimentos fundamentais são os teóricos, o que vai justamente ao encontro de que todo campo de conhecimento é formado por uma base teórica de conhecimento. Algo que está além da prática, que reside em um limiar conceitual. Como diz Max Weber, não se trata das relações reais entre as ‘coisas’ “que constituem o princípio da delimitação dos diferentes campos científicos, mas as relações conceituais entre problemas.” (*apud* Bourdieu; Chamboredon; Passeron, 2004:45).

... a ciência se constitui ao construir seu objeto contra o senso comum, em conformidade com os princípios de construção que a definem, não se impõe unicamente pela evidência, é porque nada se opõe mais às evidências do senso comum do que a distinção entre o objeto ‘real’, pré-construído pela percepção, e o objeto da ciência, como sistema de relações construídas propositalmente. (Bourdieu; Chamboredon; Passeron, 2004:45)

Para Miège, ainda que o pensamento comunicacional tenha avançado consideravelmente nos últimos 50 anos, o mesmo não é unificado e nem está pronto para isso, a ponto de considerarmos uma disciplina. As desavenças em relação ao objeto de estudo, para o autor, criam um entrave que fica entre limitar o objeto da comunicação ou ampliar todo processo comunicacional.

Esse ceticismo em relação à formação da Comunicação enquanto disciplina não é restrito a Miège. Podemos perceber isso em vários autores como, por exemplo, em Rodrigo Alsina

Desde meu ponto de vista, estas diferenças epistemológicas são uma amostra da vitalidade da disciplina. Mesmo que defendo a concepção pluridisciplinar desta disciplina ...³ (2001:12)

Ou em Defleur para quem os críticos não percebem a:

... natureza interdisciplinar mais ampla do setor, alguns concluíram que a comunicação de massa é definitivamente

³ Desde mi punto de vista, estas diferencias epistemológicas son una muestra de la vitalidad de la disciplina. Aunque defiende la concepción pluridisciplinar de esta disciplina ... (2002:12). Tradução Livre.

vaga e desnorteante, e não apenas em relação aos seus limites próprios como também, de forma geral, enquanto campo de estudo e de pesquisa. (1993:12)

Mas ainda assim:

Concluir que uma área tão importante do conhecimento deveria ter limites mais rígidos, ou deveria concentrar-se em um conjunto mais estreito de problemas, é simplesmente ignorar a importância dos processos de comunicação em relação a essa variedade de interesses. (1993:13)

Seguindo por Bounoux (*apud* Sousa, 2003:21) para quem o estudo da comunicação estaria diluído em todos os campos do saber humano inviabilizando então estes estudos de se tornarem uma disciplina autônoma, uma vez que os outros saberes já dão conta do objeto. Armand Mattelart e Michèle Mattelart colocam a comunicação dentro do âmbito de outra disciplina, a Sociologia. Diferente dos outros autores que colocam a comunicação como um campo de conhecimento que busca suporte em outros saberes. (*apud* Sousa, 2003:23)

Se a noção de comunicação constitui problema, a de teoria da comunicação não fica atrás. Também ela é produtora de clivagens. Antes de mais nada, o estatuto e a definição da teoria, a exemplo do que ocorre em várias ciências do homem e da sociedade, contrapõem-se vigorosamente de uma escola a outra, de uma epistemologia a outra. Além disso, a designação “escolas” pode ser ilusória. Uma escola pode abrigar numerosos componentes e estar longe de possuir a homogeneidade que seu nome parece sugerir. Enfim, o discurso sobre a comunicação é com frequência promovido ao estatuto de teoria geral, sem inventário. (Mattelart, 1999:11)

Esse ceticismo é visto por Martino a partir de duas tendências. A primeira que esse ceticismo é um diagnóstico da atual da organização dessa disciplina; e a segunda é a tendências de considerar a Comunicação (maiúsculo) como um campo tratado por diversos tipos de abordagens e saberes, e o termo comunicação (minúsculo) como sinônimo de objeto empírico, "fenômenos comunicacionais". Sendo que em alguns casos se aceita a idéia da Comunicação como uma disciplina, "ainda que se critique a incapacidade de se fornecer um objeto de estudo satisfatório." (Martino, 2001).

Há um fortalecimento da idéia de campo, onde vários saberes estudam o fenômeno comunicacional, e que devido a isso os estudos da comunicação estariam diluídos nos mais variados saberes. Aqueles que apóiam essa perspectiva ao concluírem que a Comunicação não apresenta especificidade e que seria um campo interdisciplinar por sua relação com outros saberes, parecem não fazer a distinção entre objeto empírico

e análise do objeto de pesquisa. O objeto empírico é interdisciplinar por natureza. Nenhum saber coloca cercas na realidade e a transforma em um lote em que somente um saber pode estudar. Em contrapartida por análise do objeto entende-se a ação de análise a partir de um saber definido de um objeto que não é aquele do mundo, mas um objeto de estudo construído, ou seja, o objeto de pesquisa é construído para uma disciplina específica.

Isso envolve a própria noção de disciplina. Para Bruyne “Cada disciplina – sociologia, psicologia, etnologia, economia, etc. – não deve visar o conjunto do espaço epistêmico das ciências do homem, mas delimitar estritamente – metodologicamente – um campo de análise, um aspecto particular desse espaço” (1991:26).

Para Bruyne, “delimitar apenas metodologicamente”, quer dizer que os conhecimentos são sistematizados e isolados artificialmente, ou seja, em um nível abstrato de análise. Para o autor, é essencial situar a pesquisa em um campo epistemológico, ou seja, visar uma “objetividade’ de tipo científico”, pois a escolha epistêmica é a “recusa da atitude natural que coloca o mundo em si como objeto. Ela tem o efeito de arrancar o objeto científico do vivido, de pensar sua especificidade, de fazer sua teoria e sua verificação sistemática” (1991:29).

Sem a discussão sobre os limites do saber comunicacional, o discurso na área deixa de ser sobre a formação de uma disciplina e opta-se pela noção de campo. Em Martino (2006:36), são três as noções de campo correntes na comunicação: a primeira, de que o campo comunicacional refere-se então aos objetos empíricos e os estudos provenientes todos os saberes que se dedicam aos fenômenos comunicacionais. A segunda em que a noção, foge da idéia de campo de conhecimento, para a idéia de campo social baseada em Bourdieu, que estaria mais voltada a uma sociologia da ciência e não para a epistemologia. Este entendido como o conjunto das relações sociais objetivas de dominação e de conflitos e que sofre influência externa.

"O universo 'puro' da mais 'pura' ciência é um campo social como outro qualquer, com suas relações de força e monopólios, lutas e estratégias, interesses e lucros, mas no qual todas essas invariantes assumem formas específicas. (Bourdieu, 1983:112)

Dessa forma, a primeira noção de campo está ligada ao objeto empírico naturalmente interdisciplinar, e a segunda referente a campo social.

Enquanto que a terceira, e a escolhida para o autor, seria a noção de disciplina e que está ligada a um objeto de estudo, construído a partir de uma perspectiva teórica de

um saber, no nosso caso um saber comunicacional. No caso esta seria uma noção de campo em termos epistemológicos.

As teorias do campo da comunicação então, não seriam quaisquer estudos que se debruçassem sobre os fenômenos comunicacionais. Se vários saberes se debruçam sobre um objeto empírico, isso não quer dizer que há aí um saber interdisciplinar, e nem que isso seja uma prerrogativa para a inexistência de um saber que dê conta do fenômeno a partir de suas especificidades.

Entretanto, apesar dessa discussão, todos estes autores concordam com a fraca estruturação da área, temática que parece ser o debate central dos estudos epistemológicos e metodológicos. A estruturação da área se dá em grande parte pela sistematização desses estudos, que é fruto/depende em grande parte dos livros das histórias das teorias da Comunicação. Os critérios para a seleção destas teorias em cada trabalho permitiriam uma maior definição do domínio da Comunicação.

Martino (2006) faz uma extensa sistematização a partir dos diversos livros sobre Teorias da Comunicação, e a relação das teorias aí expostas e com os objetos de pesquisa da Comunicação. As teorias relatadas pelos livros de Bounoux e Rüdiger, por exemplo, não possuem nenhuma correspondência entre eles ou com outros autores como Defleur, ou Wolf. Estes últimos restringem o seu olhar às tendências estadunidenses. Já Mattelart e Miège procuram fazer uma abordagem mais descritiva e cronológica de certa forma ampla de teorias que tenham algum interesse nos processos comunicacionais. Essa falta de correspondência, ou seja, quando uma teoria aparece em apenas um livro de teorias, demonstra uma falta de consenso, ou pelo menos de um mínimo de consenso em relação ao objeto de pesquisa deste saber. Uma Teoria da Comunicação procura analisar aspectos específicos de um objeto de uma disciplina.

O estabelecimento e a definição da Comunicação exige essa discussão que é propriamente epistemológica. Para Martino a dificuldade está na sistematização das teorias colocando-as em comparação e também no critério de pertinência estabelecido para definir quais teorias fazem parte da Comunicação (2006).

O que Martino percebe é que os livros de teorias pouco estabelecem critérios para sua seleção. Dessa forma as teorias que figuram nos livros de teorias de comunicação em muitas vezes são de outros saberes, sendo teorias que nunca se proclamaram como da Comunicação.

Como uma teoria dá uma explicação sobre algo que não pretende explicar e que não foi construída para o mesmo? Assim nos parece ser possível dizer que a maioria das

teorias são na verdade "sobre" a comunicação e não "da" Comunicação. Pois a confusão reside na diferenciação entre o "objeto de análise (fenômeno comunicacional) e a análise do objeto (o tipo de saber a que se recorre)." (Martino, 2001).

Seguindo este raciocínio, o problema da definição do objeto de estudo da Comunicação faz parte do problema das teorias. E ao mesmo tempo, com critérios tão largos, (e como consequência uma diversidade de teorias), não é difícil saber por que para muitos a constituição do saber comunicacional é apresentada e julgada como 'diversa'. Os livros de teorias confirmam a diversidade, dessa forma:

Instaura-se, desde logo, em suas linhas de raciocínio, um círculo vicioso no qual a diversidade do campo orienta o trabalho de produção dessa história, que por sua vez serve de parâmetro para traçar a definição do campo. Desse modo a história parece confirmar a diversidade do campo e esta parece nos dar a identidade da qual se conta a história. (Martino, 2004:4)

Não se trata de criticar a diversidade de versões das histórias, pois como em qualquer outra matéria, várias vertentes sobre a formação do campo podem ser encontradas. Mas as diversas abordagens encontradas na Comunicação parecem deixar de lado a reflexão epistemológica. Reflexão mais que necessária para a constituição de uma disciplina, tomada como "um consenso intersubjetivo sobre os conceitos, os protocolos experimentais, os critérios de validade, etc.". (Kuhn *apud* Bruyne, 1991:26). Na tentativa de constituir um saber específico, que permita uma "forma de ver", descrever, compreender e explicar os fenômenos segundo Martino (2004). Assim o comunicólogo deve explicar a realidade humana a partir dos fenômenos comunicacionais.

...uma teoria somente pode ser considerada teoria da comunicação se respeitar o preceito da centralidade do fenômeno comunicacional. Isto significa dizer que a realidade humana deve ser explicada (entendida, descrita) tomando-se a comunicação como fator privilegiado. (Martino, 2007)

Apesar destes problemas epistemológicos e metodológicos, ainda assim a Comunicação teve rápida aceitação e institucionalização no campo acadêmico. Para Martino (2004), isso se deu por três fatores: a abundância dos processos comunicacionais; a incontestável importância de seu estudo; a urgência de seus propósitos. A comunicação enquanto processo, está presente nos mais variados aspectos da nossa vida, chegando ao ponto de ser considerada como requisito inseparável da

própria existência da sociedade. Essas características que deram rápida aceitação e institucionalização da Comunicação também são os obstáculos para a fundamentação, uma vez que a comunicação enquanto processo é algo visível e evidente, acredita-se que todo o processo comunicacional deve ser estudado pela Comunicação. Assim se aceita que não há a necessidade de uma reflexão epistemológica, pois o objeto está dado, ainda que os autores em sua grande maioria façam a escolha de estudar apenas os processos humanos, ou seja, aí já há um processo de diferenciação em relação do que seria o objeto de pesquisa para o saber.

O Saber Comunicacional - A Ruptura Histórica

Definir o saber comunicacional através, e somente, do estudo da comunicação humana parece não esclarecer o problema. Mas então como definir a especificidade da Comunicação enquanto disciplina?

O problema da definição da disciplina Comunicação e de seu objeto podem ser então abordado: 1) através de uma resposta de tendência empírica, tomando como base a análise das instituições relacionadas à Comunicação; 2) através de uma definição lógico-formal de seu objeto de estudo; 3) ou ainda no tempo, isto é, através de uma análise histórica, procurando situar a gênese do campo dessa disciplina. (Martino, 2001)

Estas são três tendências em vigor na tentativa da definição da Comunicação. A primeira relativa à tendência empírica, refere-se a acreditar que a Comunicação é o que os profissionais e as instituições fazem, ou seja, para saber o sentido do que é a Comunicação, bastaria observar a realidade das práticas. As dificuldades desta tendência estão na diversidade de respostas possíveis, uma vez que a prática profissional das habilitações é também diversa. O mesmo acontece se tomarmos as relações das escolas de comunicação que incluem temas diversos de outras áreas como Turismo ou as Artes (Martino, 2001b). O sentido de comunicação diante dessa situação torna difícil a concepção de um conceito unificado, ainda mais que essa tendência não tem a intenção de forjar um sentido de comunicação, afinal de contas a comunicação é o que está aí no plano da prática.

A segunda tendência é a de buscar uma definição abstrata e ideal do que é/deveria ser a Comunicação e que não provém diretamente da prática dos comunicólogos ou instituições, mas como uma tentativa de unificar um conceito, e trazer uma definição capaz de regular a prática. Esta aparece como uma forma de regulação dessa tendência para que a especulação lógica-formal não cometa disparates em relação a realidade.

Na tentativa de conceber um conceito:

...o resultado das observações gerados a partir desse paradigma não podem nos fornecer senão uma imagem do estado atual do campo, portanto um 'corte' e um instantâneo sobre o que é na verdade uma realidade mutável. (Martino, 2001b:67)

E por último uma tendência de cunho mais arqueológico (genealógico) no qual Martino se atém de forma mais apurada. Para esta tendência, segundo o autor, a Comunicação poderia ser definida a partir do estabelecimento de uma singularidade histórica da comunicação, ou seja, um momento em que o sentido das práticas comunicacionais modificou-se formando uma descontinuidade. Pretende-se dessa forma fugir da tendência mais vigente sobre a história da comunicação, de colocar o marco da Comunicação no início dos tempos antes mesmo do homem. Para esta tendência:

O problema deixa de ser a comunicação como fundamento do Homem (problema filosófico), ou da vida social (problema sociológico), mas o sentido histórico que ela assume a partir das importantes transformações ocorridas por volta do século XIX (Revolução Industrial, advento da Cultura de Massa, Sociedade Complexa, emergência da Esfera Pública...). Martino (2001).

Essa tendência de uma singularidade história ainda que negligenciada em relação às demais, tem uma forte implicação, ainda que não a primeira vista, na própria discussão epistemológica sobre a Comunicação de Massa enquanto objeto de estudo, em que muitos autores se empenharam como uma tentativa de melhor definição da Comunicação.

Martino (2005) na busca de uma melhor definição dessa singularidade histórica segue a divisão da sociedade feita principalmente por sociólogos em especial Guy Rocher (1971) e sua "Sociologia Geral 3", procurando traçar um perfil comunicacional

de cada sociedade. A divisão segue a seguinte ordem: Comunidade Primitiva, Sociedade Tradicional e Sociedade Complexa.

A Comunidade Primitiva

A comunidade primitiva é caracterizada como a primeira forma de organização social do homem. Possui uma economia de subsistência, onde suas atividades principais são a pesca, a caça, o extrativismo, podendo cada uma dessas se combinar de forma diversa em cada comunidade (Rocher:1971:10). Diante desse tipo de produção, a comunidade se desenvolve da mesma forma que as populações de animais, baseados na oferta e demanda da natureza, predadores naturais e número de indivíduos relativos a essa relação e sem o desenvolvido do comércio. Segundo Martino, como ele é ligado diretamente à natureza "o impacto de suas atividades econômicas sobre o meio ambiente não é maior que a atividade de sobrevivência de outros animais" (2006).

Sobre a comunicação, a comunidade primitiva é basicamente oral. Sua limitação tanto de espaço (alcance baseado na extensão em que uma pessoa pode percorrer), no número de indivíduos reduzido, e divisão do trabalho simples, estrita e rígida⁴; faz com que a comunicação verbal seja suficiente para a organização social.

É através da fala que a cultura é transmitida de geração em geração. A capacidade de memória da comunidade está relacionada apenas com a memória psicológica de cada indivíduo da comunidade. Para Martino, esta é a razão da transmissão de patrimônios culturais através de rituais mágico-religiosos como facilitadores de memorizações. Nessa categoria estão cantos, poemas, marcas corporais e pinturas em pedra. Todos estes caracterizam o que Martino chama de protomeios.

Os protomeios possuem uma dessas duas categorias, mas nunca as duas simultaneamente: registro e precisão. O registro refere-se à capacidade do meio em armazenar as mensagens enviadas, ou seja, conseguir registrá-las de forma relativamente permanente; já a precisão trata-se da capacidade do meio em passar a mensagem com precisão. Assim as pinturas rupestres têm a característica do registro,

⁴ A divisão do trabalho se estabelece geralmente pela divisão de tarefas entre os sexos, ou em classes de idades. A estrutura pode ser rígida pela falta de transição entre quem executa a tarefa e o tipo de tarefa, dessa forma Rocher (1971) chama a atenção de que homens não executam funções específicas das mulheres.

mas não conseguem transmitir a mensagem com precisão, necessitando da bagagem cultural para a interpretação da mesma. Já os sinais de fumaça, por exemplo, conseguem a precisão utilizando um código já definido, mas ainda assim não conseguem registrar a mensagem.

A Sociedade Tradicional

A passagem da comunidade primitiva para a sociedade tradicional se dá por três características fundamentais: o aparecimento da agricultura, a concentração urbana e o aparecimento da escrita. O aparecimento da escrita faz com que haja um incremento da população, dando origem a uma maior concentração urbana, se juntando aos aspectos que deram origem as cidades e o desenvolvimento do Estado, onde a escrita se desenvolve para a administração e organização dos mesmos. A sociedade se desenvolve, o comércio é intenso, surge divisão social em classes e hierarquizada, e a escrita é usada pela igreja e pelo Estado.

Para o autor, a escrita pode ser considerada o primeiro meio de comunicação uma vez que realiza as duas características fundamentais de forma simultânea: registro e precisão. Mas no contexto da sociedade tradicional seu potencial é limitado pela organização social, ficando a escrita presa apenas a uma casta alta do estado e da igreja. A sociedade de forma geral continua ancorada na comunicação oral.

Na esfera religiosa a escrita era considerada como algo para poucos. Várias religiões se baseiam em textos escritos reconhecidos como a voz divina, só podem ser revelados a poucos e em ocasiões excepcionais, dessa forma ficando restritos a maior parte da população. A divisão de classes reflete-se e é consolidada na escrita, servindo como referência da classe dominante e a tradição oral fica destinada à classe dominada.

A Sociedade Complexa

De todas essas características, duas são consideradas como fundamentais desse tipo de sociedade segundo Martino (2005): a complexidade da organização social e a emergência do indivíduo. Na sociedade complexa surgem grandes concentrações urbanas, e o desenvolvimento de uma economia de mercado mundial, além de uma

revolução na comunicação. Novos meios de comunicação surgem e o seu alcance geográfico e demográfico chega a grande parte da população.

É nesse período em que a comunicação se torna uma matéria universitária emergente e independente (De Fleur, 1971), e a Comunicação de Massa é o objeto de estudo privilegiado. Mas qual o sentido de “massa” na expressão Comunicação de Massa e a sua relação com a Cultura de Massa?

Para José Ortega y Gasset, o período era de uma rebelião das massas, em seu texto de 1932⁵, o autor chama a atenção para a expansão perigosa de um grupo denominado “massa” ao poder social frente a um outro chamado de “minorias”. O sentido de massa para o autor, não se refere em termos de quantidade, mas um tipo de qualidade social comum. O homem comum é tido como um homem simples, que não atribui valor diferenciado a si. A idéia de multidão de indivíduos comuns supõe “coincidência de desejos, idéias, modos de vida, nos indivíduos que a constituem” (1973:59). Já as minorias caracterizam-se por serem mais exigentes de si, amontoando mais dificuldades e obrigações dos que os demais, devido a suas especialidades em certas áreas e assuntos.

Para o autor, há uma inversão na cultura em que há uma predominância do ordinário e do vulgar, e que afeta também o grupo da minoria. Dessa forma configura-se uma tendência de homogeneização onde a Cultura de Massa é a destruição de tudo que é diferente, excelente, individual e seletivo. “Já não existem protagonistas; só existe o coro” (1973:58).

Já Umberto Eco em seu livro *Apocalípticos e Integrados*, procura analisar as críticas positivas e negativas em relação à cultura de massa. Para Eco, esta está associada à estrutura industrial, sofrendo então os mesmos condicionamentos da prática industrial (1993:49).

Eco divide as opiniões em relação à cultura de massa em dois grupos, os apocalípticos e os integrados. Os integrados são aqueles que consideram a cultura de massa e a multiplicação de produtos algo benéfico para a sociedade. Já os apocalípticos acreditam que ela é radicalmente má. O sentido de cultura nos apocalípticos é de que a cultura deve “melhorar” o homem, já para os integrados a cultura é tomada como a forma como o homem vive. Para Eco a falha está justamente em pensar em bom ou mau, num julgamento de valor. Mesmo o autor agindo da mesma forma ao situar o

⁵ ORTEGA Y GRASSET, José. A chegada das massas. In: ROSENBERG, Bernard; MANING WHITE, David (Org.). Cultura de massa. São Paulo: Ed. Cultrix, 1973. p. 57-62.

problema nos “grupos econômicos” como agentes únicos e poderosos da condução da cultura de massa.

Para De Fleur a idéia de massa não se refere somente à característica de quantidade de pessoas, o sentido amplia-se para as características desse universo considerado homogêneo e anônimo, formado por indivíduos isolados psicologicamente (1971:152-153).

Nesse sentido a posição de David Bell é uma abordagem complementar à de De Fleur ao colocar a cultura de massa como componente de uma situação onde:

Romperam-se os antigos laços de grupos primários da família e da comunidade local; antigas crenças provincianas são contestadas; poucos valores unificadores lhes tomaram o lugar. O que é mais importante, os padrões críticos de uma elite cultura já não afeiçoam a opinião nem o gosto. [...] Em lugar de um status fixo ou conhecido, simbolizado pelo traje ou pelo título, cada pessoa assume múltiplos papéis e precisa constantemente experimentar-se numa seqüência de novas situações. Em resultado de tudo isso, o indivíduo perde o sentido coerente do eu. Sua ansiedade aumenta. Daí se segue uma busca de novas crenças....⁶

Dessa forma a cultura de massa endereça diretamente ao indivíduo, havendo uma superação da dicotomia cultura erudita e popular, onde o status social depende de uma ação do indivíduo.

Para Martino, essas discussões podem ser generalizadas na concepção de que a cultura de massa é vista como uma cultura que surge a partir do momento em que a cultura erudita (baseada na escrita) e a cultura popular (baseada na cultural oral) passam a dialogar a partir dos meios de comunicação eletrônicos e as barreiras que as diferenciavam se tornam mais porosas formando uma cultura sem fronteiras definidas.

A organização social é complexa, pois não pode mais ser discernida apenas pelas relações de parentesco, grupos de idade, etnia, classe social ou similares. Como essas estão enfraquecidas, seu status social não está mais dado a priori, é o indivíduo que deve agir para se incluir na sociedade e ele o faz a partir de múltiplos papéis sociais como: “O mesmo homem é simultaneamente pai de família, empregado em determinado escritório ou em determinada fábrica, membro de um clube, de um partido político, de uma união operária, de uma igreja, de diversas associações.” (Rocher, 1971:51).

⁶ BELL, David, *apud* BAUER, Raymond; BAUER, Alice. Os Estados Unidos, a “Sociedade de Massa” e os meios de massa. In: STEINBERG, Charles S. (Org.). Meios de Comunicação de Massa. São Paulo: Cultrix, 1966. p.359.

Os produtos culturais, devido a sua multiplicação através da imprensa, dos livros, tv e rádio, “funcionam, antes de mais nada, como nexos sociais que ligam um indivíduo a outro” (Martino, 2005), e a estrutura da sociedade se dá pelos “valores advindos das trocas, dos relacionamentos e da própria visão e vivência de um social acessível a todos através dos poderosos meios de comunicação.” (2005).

É durante todo esse século XIX que os sistemas técnicos de comunicação são inventados e ganham grande atenção. Influenciada pelo pensamento de uma sociedade enquanto organismo, conjunto de órgãos com funções determinadas diz Mattelart & Mattelart (1999:13), a Comunicação começa a ser vista como a gestora das multidões humanas.

Braga (2001:21) concorda com essa perspectiva histórica para a constituição da Comunicação, acreditando que os meios de comunicação “audiovisual” permitiram perceber, objetivar e problematizar “os processos de comunicacionais em perspectiva destacada (ou seja, deixando de ser apenas um componente de outras perspectivas e objetivos sociais e de conhecimento)”. Mas apenas para a constituição da Comunicação e não o seu objeto⁷. Se Mattelart & Mattelart percebem que a partir do século XIX a comunicação começa a ter o sentido de “integração das sociedades humanas” e como gestora das multidões, Braga vê a sociedade “conversando” consigo mesma.

Essas perspectivas se dão principalmente pelo surgimento dos meios de comunicação de massa. Sem esses, para alguns autores, passa a ser impossível enxergar organização social da sociedade enquanto uma sociedade complexa como na perspectiva de Emery; Ault; Agee (1973:21) “A sociedade atual é tão complexa, que a comunicação direta, pessoa a pessoa, não basta”, e De Fleur (1971:13) “A sociedade moderna, urbana e industrial, não poderia existir como sistema social sem a comunicação de massa” ou ainda:

É igualmente certo que também existe uma relação determinada na outra direção, a saber, que uma sociedade tão complexa e tão extensa quanto a nossa requer um fluxo de informações e idéias que não poderia ser manipulado por meios mais primitivos. (Bauer & Bauer, 1966: 558)

⁷ Para este autor o objeto da Comunicação toma o sentido de “conversações sociais”, ou seja, quando a sociedade conversa consigo mesmo de forma mediada tecnologicamente ou não.

Nesse sentido a idéia de Comunicação de Massa não significa apenas um processo histórico da tecnologia dos meios de comunicação, mas que a comunicação em si mesma adquire um novo sentido diante dessas transformações que compõe a sociedade complexa.

Dessa forma o processo comunicacional ganha grande atenção nesse cenário histórico e é acompanhado pelo processo crescente de estudos específicos referentes aos meios de comunicação e seus efeitos. Principalmente sobre os meios em que há a intervenção técnica no processo de comunicação, como os meios de comunicação de massa que ganharam boa parte da atenção dos pesquisadores. Mas como essa intervenção da técnica é pensada pelas diversas tradições da área da Comunicação?

1.2 OS ESTUDOS QUE CONTEMPLAM OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Neste capítulo traçamos as principais abordagens de pesquisa em Comunicação e seus mais significativos objetos de pesquisa em busca de tradições que estudem os meios de comunicação. Queremos assim responder à pergunta: no campo das teorias da comunicação que caminho poderíamos tomar para estudar a Internet como meio de comunicação?

O cientista político Harold D. Lasswell tem importância fundamental nos estudos da Comunicação por ser considerado um de seus primeiros teóricos. Foi a partir de 1922, no período pós primeira guerra mundial que Lasswell inicia as suas pesquisas relacionando política, psicologia e comunicação para estudar a propaganda. As pesquisas do autor sofreram de forte influência da psicologia behaviorista que acreditava que cada comportamento era a manifestação de uma resposta a um estímulo (Varão e Sousa, 2006).

Na Comunicação esse pensamento ganhou o nome de Teoria Hipodérmica, pois se acreditava que os meios de comunicação de massa agiam da mesma forma que uma injeção hipodérmica onde os indivíduos isolados seriam atingidos profundamente pela mensagem agindo conforme as sugestões feitas por elas.

Lasswell inserido nessa tradição e pesquisando principalmente sobre a propaganda política propõe na década de 30 um esquema para descrever o ato de comunicação a partir de cinco perguntas: quem? diz o quê? por qual canal? para quem? e com qual efeito?, sendo que cada uma representa uma área de pesquisa.

A pergunta “quem?” referia-se aos estudos dos emissores; “diz o quê” referia-se aos estudos sobre o conteúdo, “por qual canal” aos estudos dos canais, “para quem” pesquisas sobre os receptores e por fim “com qual efeito?” relativo aos efeitos globais.

As pesquisas iniciadas por Lasswell, ainda que pudessem sofrer de críticas graves segundo Martino deram a sua contribuição para a estruturação de um campo científico chamado Comunicação, assim como para a organização em torno do seu esquema, das pesquisas que estavam surgindo na época (Martino, 2000; Wolf, 1995:27; Moragas, 1981:41).

Para Lazarsfeld (*apud* Moragas, 1981) as pesquisas norte-americanas deram atenção apenas para três das cinco áreas propostas pelo paradigma de Lasswell: a área dos efeitos (que Lazarsfeld atribuía aos interesses morais e culturais), a área do conteúdo (atribuída aos interesses políticos e da propaganda) e por último a área da audiência (atribuída aos interesses comerciais)

Segundo Jensen e Rosengren, em texto de 1990, citado por Martino (2000), as tradições de pesquisas sobre os Meios de Comunicação de Massa podem ser divididas em cinco grandes linhas:

- a) As pesquisas sobre os Efeitos (no sentido estrito): o que os meios de comunicação fazem ao indivíduo? Procurando os efeitos diretos, fortes, e imediatos em receptores passivos (Jensen e Rosengren, 1990:209).
- b) As pesquisas sobre os Usos e Gratificações: o que o indivíduo faz dos meios de comunicação?
- c) A Análise Literária: análise das estruturas das mensagens veiculadas.
- d) Os estudos sobre as Condições de Recepção: o que o público faz com o conteúdo das mensagens.
- e) As abordagens Culturalistas: que se afastam do meio de comunicação para levantar “questões teóricas e políticas” relativas ao poder das diferentes práticas culturais na constituição da cultura. E politicamente, a capacidade dessa resistência em determinar uma tendência a longo prazo, para a mudança social, que pode implicar em novas estratégias políticas.

Se tomarmos as linhas de Lazarsfeld e as de Jensen e Rosengren, podemos perceber como Katz (1988), que elas acabam por desembocar nos problemas dos efeitos, pois se tratam dos efeitos do conteúdo no público e o que o este faz com o

conteúdo das mensagens. A única que parece sair do esquema visualizado por Laswell é o das abordagens Culturalistas.

Essa discussão chamou minha atenção pelo fato de que entre essas cinco linhas nenhuma contempla o “Canal” chamado por Lasswell enquanto objeto principal de seus estudos. Os estudos dos efeitos que contemplam as cinco linhas se atém ao efeito do conteúdo da mensagem na mudança ou afirmação da opinião do público. Mas que tradição então se dedica a estudar os meios de comunicação em si?

A abordagem culturalista é para Martino (2000) a que sai do esquema de Lasswell, pois estende seus estudos para além da linha empirista da *Communication Research*. Para essa abordagem os meios estão integrados à vida social não podendo ser considerados de pouca importância ou de maneira simplificada, fazendo uma análise com foco na cultura, mas não nos meios.

As pesquisas dos meios de comunicação conforme Martino (2000), Meyrowitz (2001), Katz (1988) tem se concentrado nos estudos dos efeitos do conteúdo, seja na sua produção, seja no que o público faz com o conteúdo ou o que o conteúdo faz ao público. Para Meyrowitz, seguindo as idéias do pesquisador Marshall McLuhan, o foco principal na mensagem em muitas pesquisas em comunicação é por ser esta a primeira coisa a que reagimos quando usamos um meio. A mensagem nos atrai ou nos repele (1993:65).

Foi sob influência de seu mentor Harold Innis, pesquisador que se dedicou principalmente à economia política e à comunicação na Universidade de Toronto que McLuhan se aprofundou nos estudos sobre os meios de comunicação.

Marshall McLuhan ao refletir sobre os meios de comunicação também se preocupou com os poucos estudos voltados ao assunto, e acredita que isso se deve à crença de que os meios são simples condutores e neutros, pois "estamos sempre inclinados a transformar o instrumental técnico em bode expiatório dos pecados praticados por aqueles que os manejam." (1971:25) Ou seja, o seu valor é determinado pela forma em que são empregadas.

Ele critica essa visão e nos dá a perspectiva de como os meios de comunicação enquanto tecnologias nos afetam:

O "conteúdo" de um meio é como a "bola" de carne que o assaltante leva consigo para distrair o cão de guarda da mente. O efeito de um meio se torna mais forte e intenso justamente porque o seu "conteúdo" é um outro meio. (McLuhan, 1971:33)

Ou seja, o conteúdo é algo que distrai a mente do real efeito do meio de comunicação. Assim os estudos do meio focam sobre as características do ambiente criado pelo meio de comunicação que estão em grande parte fora do nosso controle da mesma forma que o meio está em uso (Meyrowitz, 1993:70) O “conteúdo” que McLuhan menciona é na verdade um novo ambiente social formado pela inserção de um novo meio (Sousa, 2003).

Dentre as várias teorias relatadas no livro de Mauro Wolf “Teorias da Comunicação”, aparentemente nenhuma se atém aos estudos dos meios de comunicação. Nem mesmo McLuhan aparece como sendo um pesquisador que se dedicou a estes estudos, pois em uma nota de rodapé, Wolf cita o nome de McLuhan, considerando-o como pertencente à “perspectiva culturológica” (1995:94). Para Wolf essa abordagem não diz respeito aos meios em si e nem aos seus efeitos sobre os “destinatários”, mas a atingir “a definição da nova forma de cultura da sociedade contemporânea” (1995, p.89).

Poucas justificativas são dadas para a decisão de situar McLuhan como um autor pertencente a uma “perspectiva culturológica”. Para Wolf, McLuhan se preocupou com as “transformações antropológicas introduzidas por cada inovação comunicativa, através de modalidades de percepção que são intrínsecas à tecnologia de cada *mass media*” (1995:94).

Se tomarmos por essas análises, McLuhan realmente se preocupou com a “definição da nova forma de cultura” nas palavras de Wolf, ainda que, mais especificamente, possamos falar de “uma nova configuração da sociedade”. Mas sob uma perspectiva diferente daquela proposta pela perspectiva culturológica, uma vez que McLuhan marca os meios de comunicação como atores importantes nas reconfigurações da sociedade. Assim o autor parece atuar numa perspectiva de analisar as transformações da sociedade a partir dos meios de comunicação.

Mas McLuhan não é o único a situar essa preocupação com os meios de comunicação. Joshua Meyrowitz organizou na década de 80 as pesquisas e autores que centralizavam seus estudos nos meios e denominou essa tradição de “Teoria do Meio”⁸ considerando Harold Adams Innis, Marshall McLuhan e Eric Havelock como entre os seus principais representantes. Essa tradição também é conhecida como Escola de Toronto, pois os três autores lecionaram na Universidade de Toronto.

⁸ A Teoria do Meio é uma nomenclatura dada por Meyrowitz, ou seja, os pesquisadores em seus textos não se referem como dentro da tradição chamada Teoria do Meio.

Segundo Derrick de Kerckhove (1989), atual diretor do Centro de Cultura e Tecnologia da Universidade de Toronto, o uso da palavra “escola” para se referir a estes pesquisadores veio a partir de uma pequena nota de rodapé de um artigo em conjunto de Jack Goody e Ian Watt chamado *The Consequences of Literacy*⁹, tratando do compartilhamento de interesses em “temas” semelhantes nos três pesquisadores. Isso se deve também ao fato de que, os mesmos estudaram as diferentes implicações da alfabetização na Grécia antiga e fizeram comparações, com outros tipos de sociedades, salienta Kerckhove.

O que interessa para estes teóricos é como a inserção de um novo meio de comunicação pode criar um novo ambiente que acaba por alterar o comportamento social das pessoas e das instituições.

No próximo capítulo compreenderemos mais a fundo as principais pesquisas dos autores da tradição da Teoria do Meio e como a partir dela podemos estudar a Internet.

⁹ GOODY, Jack; WATT, Ian. “The Consequences of Literacy”, in *Literacy in Traditional Societies*, 1968, p.1, n.1.

2 TEORIA DO MEIO

Nesse capítulo compreenderemos as pesquisas mais significativas dos pesquisadores selecionados da Teoria do Meio (Harold Innis, Marshall McLuhan e Joshua Meyrowitz).

O interesse dos teóricos da Teoria do Meio está em estudar quais são as características de cada meio de comunicação e como elas fazem o meio fisicamente, psicologicamente e socialmente diferente de outros meios e da interação face a face? (Meyrowitz, 1994:50)

Para esses pensadores, os meios de comunicação são agentes de transformação que operam profundamente na nossa percepção do mundo e conseqüentemente nossas relações sociais e políticas. Para essa tradição, os meios não dizem o que pensar, mas como pensar e organizar (Katz, 2000)

Para compreender melhor a Teoria do Meio, iremos apresentar primeiramente o pensamento dos seus principais pensadores, Harold Adams Innis e Marshall McLuhan e posteriormente Joshua Meyrowitz, que tem grande importância como seguidor e organizador dessa tradição chamada Teoria do Meio. Deixando de lado o professor da Universidade de Toronto, Eric Havelock, que é por muitos considerado como representante da Escola de Toronto e influenciou McLuhan e Innis, mas foi “pouco absorvido pelos comunicólogos” (Martino, 2008:141). Dessa forma, não descartamos assim a existência de outros pesquisadores e núcleos de pesquisa que tenham se dedicado a estudos centrados nos meios de comunicação. O que fazemos aqui é uma pequena seleção com foco nos fundadores e em Meyrowitz devido a abrangência e sistematização que ele configura ao reunir estes pesquisadores.

Assim, McLuhan e Innis são considerados os pensadores fundantes desta tradição de estudos sobre os meios de comunicação. Eles são fundantes não por terem pesquisado durante todas as suas vidas meios de comunicação ou por terem realizados trabalhos sólidos de mais, incapazes de serem criticados. Ao contrário, McLuhan era formado em literatura, Innis foi durante quase toda a sua vida um economista político, escrevendo sobre comunicação por um breve período de sua vida, em que nem a disciplina Comunicação existia. Mas sim por chamarem a atenção para a centralidade dos meios de comunicação nas sociedades e sua importância na configuração das mesmas.

Esta tradição promete uma perspectiva interessante para a nossa discussão da Internet como um meio de comunicação, ao focar nos meios como atores importantes na configuração da sociedade e das relações sociais. A seguir propomos avançar na compreensão das principais pesquisas de Harold Innis, Marshall McLuhan e Joshua Meyrowitz que compõe a Teoria do Meio e que inspiraram muitos outros pesquisadores a seguirem seus passos, formando assim esta tradição.

2.1 HAROLD ADAMS INNIS

O primeiro pesquisador que vamos destacar é Harold A. Innis, economista canadense que transitou entre a Economia e a Comunicação. Innis é de tamanha autoridade no Canadá, que foi presidente da Royal Society of Canada e nos Estados Unidos chegou a ser presidente da *American Economic Association*.

Seus primeiros trabalhos foram dedicados aos estudos econômicos sobre os recursos naturais do Canadá como bacalhau, madeira, pele e celulose. Nestes trabalhos são estudados a extensão do país para o oeste, sua industrialização e a situação geopolítica e que fizeram Innis refletir sobre a dependência político-econômica do desenvolvimento de economias locais em relação às grandes, como no caso do Canadá em comparação aos Estados Unidos. (Martino, 2008:130)

Conforme Martino, a obra de Innis poderia ser resumida em três palavras-chave: império, meios de comunicação, e monopólio do conhecimento - sendo que cada uma corresponde a uma de suas teses: dependência econômica dos países periféricos (globalização); *bias* dos meios de comunicação; poder e controle social; (2008:8) É explorando esses três aspectos que vamos apresentar a obra de Innis

Para Innis *commodities* como bacalhau, madeira, pele e celulose, moldaram tanto a economia quanto a cultura do Canadá. Mas foi seu estudo sobre as implicações da celulose que colocaram Innis na Comunicação, e que o levaram a perceber o papel da comunicação na formação da estrutura econômica e política das nações e impérios. (Carey, 1998)

O interesse de Innis pela comunicação segundo Babe parece ter começado nos anos 40 enquanto que para Paul Heyer e James Carey, seria no curto prazo entre 1948 e 1952, ano de seu falecimento. (Martino, 2008). É nesse intermédio de tempo que Innis

lança seus dois livros sobre os meios de comunicação: *The Bias of Communication* e *Empire and Communications*.

O que Innis pretendeu nestes trabalhos foi analisar o surgimento ou declínio dos impérios a partir da comunicação. O crescimento do império é evidência da eficiência dos meios de comunicação. Isso porque para ele os meios de comunicação têm importância fundamental na organização e administração do governo. E sua organização está relacionada com os monopólios de conhecimento existentes.

Suas análises sobre a economia do Canadá o levaram a perceber a situação do Canadá em relação a outros impérios, principalmente no caso dos Estados Unidos. Segundo Carey (1988:159) a economia do Canadá era uma economia principalmente de fornecimento de matérias-primas para a Europa e Estados Unidos. O desenvolvimento da imprensa de baixo custo nos Estados Unidos levou a uma demanda por celulose e que tinha como principal fornecedor o Canadá.

Os canadenses forneciam a matéria-prima para os Estados Unidos, que então produziam livros, revistas, jornais e afins que posteriormente eram exportados para o Canadá. Para Carey, isso demonstrava o dilema da dependência do Canadá aos Estados Unidos (1988:159) e fez Innis se interessar por essa relação e escrever dois livros sobre meios de comunicação, devido a um novo tipo de monopólio, o da informação.

Para Paul Heyer, nestes livros, Innis muda seu foco de estudos sobre indústrias baseadas em recursos naturais para aquela que comercializa informação, ou seja, conhecimento, e que provém poderes a quem a controla. (2003:30)

Os meios de comunicação têm uma importante influência na disseminação do conhecimento no tempo e no espaço, e essas características interferem diretamente no significado do meio para uma civilização.

Interessa a Innis as características de cada meio de comunicação para definir o seu *bias*, ou seja, a tendência que o meio imprime. Se o meio é pesado e durável, ele não é próprio para a disseminação pelo espaço e sim através do tempo, diferente se o meio é leve e facilmente transportável, o que garante uma maior disseminação pelo espaço.

Meios que enfatizam o tempo são meios duráveis como o pergaminho, a argila e pedra. Materiais pesados são apropriados para o desenvolvimento da arquitetura e escultura. Já os meios que enfatizam o espaço devem ser leves e são menos duráveis como o papiro e o papel. Esse tipo de meio acaba favorecendo a administração e o comércio em grandes áreas. (Innis, 1986:5)

Dizer que um meio tem maior capacidade de disseminação pelo espaço significa que sua característica principal é o espaço em vez do tempo, mas isso não exclui a característica do tempo.

Meios que enfatizam o tempo favorecem a descentralização e a instituições hierárquicas enquanto os que enfatizam o espaço favorecem a centralização e sistemas de governo menos hierárquicos.

Os impérios, como organizações que controlam grandes áreas, têm de lidar com as tensões entre essas duas características dos meios de comunicação. Para Innis a ênfase em um ou outro implica em uma tendência na cultura na qual está inserido. (1986:2) Isso porque, segundo o autor a utilização de um meio de comunicação durante muito tempo em certa medida pode determinar o caráter do conhecimento comunicado e criar um tipo de civilização. (1949:457)

Conforme Innis é a partir da análise dos meios de comunicação em várias civilizações para vemos mais claramente o *bias* da nossa própria. É por isso que em seu texto trabalha sempre com as comparações onde os seus estudos históricos servem como contraste para a análise de nossos meios modernos. (1949:457)

A análise de Innis vai no sentido de um estudo da história das civilizações a partir dos meios de comunicação. Dentre os impérios que o autor se ateu estavam o egípcio, o babilônio, o grego e o romano.

O seu olhar fora sobre a escrita, a imprensa e a tradição oral, e para ele a tecnologia do alfabeto fonético minou os monopólios que foram instituídos devido aos complexos sistemas de escrita. Estruturas que haviam sustentado impérios religiosos e militares no leste. A cada nova tecnologia de comunicação o império precisa equilibrar.

O império para se manter precisa equilibrar as tendências espaço-temporais, sob a pena de formar monopólios de conhecimento e sofrer uma estagnação até que o surgimento de um novo meio de comunicação possa renovar o equilíbrio (Sousa, 2003:67)

O alfabeto facilitou o comércio e permitiu a dominação de grandes áreas por forças armadas. A escrita, por sua vez, a organização e administração dos Impérios. Já, a argila, durável no tempo, acabou favorecendo as classes religiosas, enquanto as bibliotecas na Babilônia, fortaleceram a monarquia e o papiro proporcionou a organização política do Egito.

O império egípcio foi dominado por dois tipos de meios a pedra e o papiro. A pedra favoreceu o poder absoluto e centralizado da monarquia. Já o papiro ligado ao

poder religioso deu os alicerces para uma crescente democratização destituindo o poder absoluto da monarquia. As classes eclesiásticas expandiram o seu poder, participando ativamente na política e na administração. Assim a transição entre a pedra e o papiro para Innis enfraqueceu o Império Egípcio.

O monopólio da comunicação na mão do poder religioso funcionou como um freio à eficiência do império. Isso porque a escrita era por demais complexa, sendo utilizada apenas para fins religiosos, levando posteriormente ao declínio do Império Egípcio.

Com isso os primeiros sinais da escrita, foram se desenvolvendo, passando de desenhos pictográficos aos hieróglifos, e fonética. Dessa forma, a autocracia da monarquia culminou na criação das pirâmides, e a propriedade privada desapareceu, sendo que todas as terras se tornaram domínio do rei.

Para Innis, o monopólio do conhecimento estabelecido nos hieróglifos e na pedra sofreu concorrência com o desenvolvimento do papiro como um meio mais eficiente. Sendo assim a autoridade centralizada da monarquia começa a perder poder e mais tarde, a oligarquia a substitui.

A escrita permitiu a organização e administração dos impérios. O controle de grandes territórios foi possível graças à delegação de autoridade e a ênfase em leis escritas.

Esse vai e vem constante a cada novo meio de comunicação que se instala em uma nova civilização revela uma tensão entre os meios em um processo dinâmico quase cíclico que Innis descreve onde as mudanças refletem a utilização de um meio com bias no tempo substituindo um meio baseado no espaço, e vice-versa ou às vezes encontrando um equilíbrio. (Stevenson:1995)

Meios com ênfase no tempo são meios duráveis como argila e pedra. Eles não encorajam a extensão de impérios, pois não são facilmente transportados, mas facilitam as hierarquias e a religião. A cultura oral também é considerada como temporal-tendência porque só pode ser transmitida de geração em geração, e está preocupada com a preservação dos seus valores. As sociedades baseadas na oralidade procuram fortalecer seu passado através da tradição e da cerimônia.

Meios com ênfase no espaço são leves e fáceis de serem transportados a distância. Esse tipo de meio facilita a expansão do império no espaço. O papel é um exemplo, é facilmente transportado, mas possui pouca vida útil. Esse tipo de meio permite um maior controle político sobre grandes distâncias.

As idéias de Innis sobre os meios de comunicação acabaram inspirando outros autores e principalmente um colega da Universidade de Toronto, Marshall McLuhan.

2.2 MARSHALL MCLUHAN

McLuhan começou seus estudos em crítica literária na Universidade de Cambridge e chegou à Universidade de Toronto no final de 1946 onde conheceu Harold Innis. Conhecido pelos seus aforismos, McLuhan se tornou o intelectual canadense de mais evidência em todo o mundo, tornando-se diretor do Centro de Cultura e Tecnologia da Universidade de Toronto em 1963.¹⁰

Seus trabalhos sobre os meios de comunicação têm dívida com Harold Innis, não só porque estavam na mesma universidade, ou porque McLuhan escreveu a introdução do livro *Bias of Communication* de Innis, ainda nessa oportunidade tenha dito que seu trabalho não é mais do que uma nota de rodapé em comparação ao trabalho de Innis. Contudo, dizemos isso pela sua ligação epistemológica dos seus estudos para a comunicação.

Se Innis destacou a importância dos meios como agentes transformadores da história e das organizações, para McLuhan elas se alteram porque os meios alternam nossos sentidos. Seu trabalho foi investigar como e porquê os efeitos modificam o homem e a sociedade.

Para McLuhan podemos compreender melhor a revolução dos meios de comunicação modernos comparando-os com a revolução semelhante ocorrida na Idade Média. Isso levaria também a uma melhor compreensão da revolução na Idade Média. E o objetivo era claro, descobrir padrões nos efeitos. (Carey, 1988) (McLuhan, 1972:19)

McLuhan divide a história humana em três grandes períodos referentes ao meio mais representativo de cada um - trata-se de vislumbrar a história a partir dos meios de comunicação. Nesse sentido o primeiro período é da civilização da oralidade, em

¹⁰ Old Messengers, New Media. *Herbert Marshall McLuhan – McLuhan*. Disponível em <<http://www.collectionscanada.gc.ca/innis-mcluhan/002033-2000-e.html>> Acesso em: 23 de Dezembro de 2008.

segundo a civilização da imprensa (a galáxia de Gutenberg) e a civilização da eletricidade (a galáxia de Marconi) (Tremblay:2003)

No primeiro livro de McLuhan *A Galáxia de Gutenberg* em que ele se atém à discussão dos meios de comunicação, dá início a uma investigação de como a escrita enquanto tecnologia, a literatura e os livros mudaram nossa forma de pensar e agir.

Em 1964 McLuhan lança a sua obra de maior sucesso *Os meios de comunicação como extensões do homem*. Neste estudo, o autor transformou o corpo humano em uma metáfora para a tecnologia, considerando cada uma delas como uma extensão do nosso corpo e sentidos. As rodas como extensões de nossos pés, o martelo como extensão de nossos braços entre outros. Segundo Edward T. Hall (*apud* McLuhan, 1972:20), “O homem hoje em dia desenvolveu para tudo que costumava fazer com o próprio corpo, extensões ou prolongamentos desse mesmo corpo.”.

Toda tecnologia é uma exteriorização do corpo humano, e cada tecnologia surge no intuito de substituir um processo do corpo humano - a extensão de um sentido perturba todos os outros sentidos. Para McLuhan apesar do ser humano se empenhar na criação desses instrumentos pouco tem-se observado a sua atuação. (1972:20)

A linguagem não só armazena como traduz a experiência. Conforme McLuhan "Mas a base de ou princípio de toda essa troca e tradução, ou metáfora, encontra-se em nosso poder racional de traduzir todos os sentidos um no outro." (1972:22). Assim a extensão de um sentido produz conseqüências que vão além da extensão de um sentido, pois o mesmo altera os demais.

As sociedades orais tinham seu foco nos sentidos do som e do ouvido. Quando surge a escrita e, principalmente, a escrita impressa há uma mudança nos sentidos. Para McLuhan, quando as palavras são escritas "elas se tornam parte do mundo visual" (1972:43).

Baseando-se nos trabalhos de J. C. Carothers, sobre a cultura oral dos africanos, McLuhan acredita que a escrita transformou o homem em um ser diferente. Segundo ele a tecnologia de Gutenberg fez com que o sentido da visão fosse estendido e com isso houve uma separação em relação aos outros sentidos. Ainda segundo sua visão, o livro condicionou a racionalidade, o individualismo e a linearidade. (1972:39)

O alfabeto, para McLuhan, altera os nossos sentidos e conseqüentemente, a forma de vislumbrarmos o mundo. O homem não alfabetizado está em grande parte em um mundo do som, apesar de que, para ele, o homem não alfabetizado é incapaz de assistir

a um filme. Falta-lhe a visão tridimensional, a concepção de linearidade trazida pela escrita, pelo treinamento da visão.

Apesar da alteração sofrida pela escrita, McLuhan aponta que há uma diferença entre a escrita e a escrita fonética. Para ele, a escrita fonética é a única capaz de destribalizar o homem e fazê-lo entrar em um novo período (civilização da imprensa). Isso porque o alfabeto fonético abstrai o significado do som da palavra, "traduzindo-se o som em um código visual" (McLuhan, 1972:46). Sendo assim, o caminho para a independência do homem destribalizado é através do alfabeto fonético. Ou seja, características relativamente fixas da escrita que modificam o homem e que não dependem exclusivamente do conteúdo.

O que McLuhan procura chamar a atenção é trazido pelo seu aforismo "o meio é a mensagem" em seu livro *Meios de Comunicação como Extensões do Homem* (1971).

A escrita produz certos efeitos que estão descolados do conteúdo da mensagem. E para os estudos de McLuhan, o meio é mais importante que o conteúdo, pois seus efeitos são por ele considerados profundos e invisíveis.

Ainda segundo o ponto de vista de McLuhan (1971:38) os meios podem ser divididos em dois grandes grupos relacionados com os nossos sentidos: meios quentes e meios frios. Isso porque cada meio exige de nossos sentidos uma atuação.

Os meios quentes são aqueles que prolongam apenas um dos sentidos e em alta definição, ou seja, um elevado grau de informação. Nos meios quentes, o receptor é pouco requisitado a completar a informação. McLuhan considera como meios quentes o rádio, cinema, o alfabeto fonético, a tipografia, a fotografia.

O rádio fornece uma grande quantidade de informações e necessitando da atenção de um de nossos sentidos, a audição. Por isso mesmo é que nos permite pouca participação, enquadrando-o como um meio quente.

Os meios frios são aqueles que prolongam mais de um de nossos sentidos e em baixa definição – referindo-se ao fato de que pouca informação é fornecida, necessitando com que o receptor aja para completá-la. São meios frios o telefone, a fala, a televisão, a caricatura.

A fala, para McLuhan, "é um meio frio de baixa definição, porque muito pouco é fornecido e muita coisa deve ser preenchida pelo ouvinte". (1971:38) A escrita em hieroglífico é um meio frio, pois boa parte de seu significado depende da interpretação, em que deve ser preenchida pelo receptor e por ser de baixa intensidade.

Indo na trilha de Innis, diz McLuhan, meios quentes como o papel servem para "unificar os espaços horizontalmente, seja nos impérios do entretenimento, seja nos impérios políticos" (1971:39).

Se um novo meio de comunicação enfatiza um determinado sentido, ou parte do corpo, ele vai perturbar o equilíbrio dessas partes. Por isso é preciso um reordenamento dos sentidos para recuperar o equilíbrio, e para isso, o sistema nervoso central deve agir para se livrar da pressão exercida pela extensão de um dos sentidos. A resposta dada por McLuhan é a auto-amputação. Isolar o sentido:

Tudo o que ameaça a sua função deve ser contido, localizado ou cortado, mesmo ao preço da extração total do órgão ofendido.
(1971: 61)

A auto-amputação faz com que os efeitos dos meios acabem não sendo percebidos, pois o desequilíbrio acontece porque a extensão de nós mesmos nos mergulha "num estado de entorpecimento". E qualquer que seja a extensão produz a ação de auto-amputação.

Nas comparações entre os três períodos em que McLuhan se atém (oralidade, imprensa, elétrica), considera que a imprensa nos retirou do mundo da oralidade, e nos introduziu a um mundo visual, mecânico e racional. Os meios de comunicação elétricos, nos colocam novamente em um mundo oral, retribalizaram a sociedade, tornando-a uma aldeia global. (1972:26)

A idéia de Aldeia Global de McLuhan é "o englobamento da família humana inteira numa só tribo mundial." (1972:26). Isso porque os meios atingem a todos e coloca-nos a par sobre o que acontece em todo o mundo. Os meios de comunicação elétricos instituíram o instantâneo, a simultaneidade e a sincronização da sociedade - coisas que eram possíveis apenas na civilização da oralidade.

Assim "A nova interdependência eletrônica recria o mundo à imagem da aldeia global" (McLuhan, 1967:67). Apesar de estar falando principalmente da televisão, do telefone, do telégrafo; as suas idéias ganham força em nosso tempo com o surgimento da Internet, que evocaria para muitos a "verdadeira" aldeia global devido à possibilidade de uma comunicação bidirecional diferente do que acontece com a televisão.

Outro conceito importante de McLuhan é o do modelo tetrádico publicada de forma mais sistematizada em dois livros: no livro póstumo e escrito com seu filho Eric

McLuhan chamado *Laws of Media* e no livro *The Global Village* escrito com Bruce Powers. O modelo tetrádico foi concebido para analisar os diferentes efeitos que os meios potencializam na sociedade. O modelo é composto por quatro elementos que correspondem às respostas de quatro perguntas, cada uma representando um dos elementos em relação ao artefato:

1. O que acrescenta ou intensifica?
2. O que torna obsoleto?
3. O que recupera que estava obsoleto?
4. Quando estendida para além do seu limite, o que "ele" reverte ou vira?

Nesta última McLuhan enfatiza que um meio quando superaquecido ele transforma de espaço visual para espaço acústico, e vice-versa. O autor procura demonstrar assim como o uso totalmente saturado podia produzir o inverso da intenção original.

Essas leis existem de forma simultânea, logo estes elementos estão em relação de troca um com o outro, e em uma relação de complementaridade. Não se trata diz McLuhan de um instrumento científico, mas uma forma de compreender a partir da gramática e da sintaxe de cada artefato a dinâmica em que o este se situa.

Dessa forma a partir desse modelo de análise McLuhan demonstra que os artefatos (e aí inclusos os meios de comunicação) afetam a sociedade tanto devido aos seus atributos, mas também pelo ambiente no qual está inserido.

2.3 JOSHUA MEYROWITZ

Segundo os caminhos deixados por Innis e McLuhan, Joshua Meyrowitz professor do Departamento de Comunicação da Universidade de New Hampshire, nos Estados Unidos, empreendeu o trabalho de organizar os autores que centralizavam seus estudos nos meios de comunicação. Em 1985, Meyrowitz lançou o livro *No Sense of Place – The Impact of Electronic Media on Social Behavior*. É neste trabalho que Meyrowitz procura organizar e reunir os autores sob uma unidade chamada Teoria do Meio e também a estendendo com novas análises. Este estudo lhe rendeu o prêmio em

1986 de “Melhor Livro sobre Mídia Eletrônica”, premiação da *National Association of Broadcasters* e da *Broadcast Education Association*.

De forma geral podemos dizer que os teóricos da Teoria do Meio examinam quais são as características relativamente fixas de cada meio assim como os sentidos que são necessários para atendê-lo. Se a comunicação é bi-direcional ou uni-direcional, o quão rápido as mensagens são disseminadas, se a aprendizagem necessária para codificar e decodificar as mensagens no meio é difícil ou simples, quantas pessoas podem prestar atenção à mesma mensagem ao mesmo tempo e assim por diante (Meyrowitz, 1994:50).

Meyrowitz chama de Teoria no Meio no singular, para destacar que a tradição investiga as características de cada meio ou de cada tipo de meio. Outra justificativa dada por ele é que o nome diferencia essa tradição em relação a outras 'teorias dos meios'. (Meyrowitz, 1993:69; 1994:50).

Ele acrescenta a Teoria do Meio, uma análise dos efeitos dos meios de comunicação com os estudos do Interacionismo Simbólico. Meyrowitz acredita que essa dimensão o coloca em espaço diferente daquele em que situa os trabalhos de Innis e McLuhan e considera essa uma das suas principais contribuições.

Para Meyrowitz a Teoria do Meio pode ser estudada em dois níveis. No nível macro, estuda o impacto na cultura, na estrutura social geral como nas grandes instituições sociais. No nível micro, o impacto sobre uma situação particular e na interação no cotidiano do cidadão comum.

A primeira geração da Teoria do Meio contemplaria os estudos no nível macro, e tem como representantes os autores: Harold Innis, Marshall McLuhan, Walter Ong, Jack Goody, J.C. Carothers, Eric Havelock, Edmund Carpenter, Daniel Boorstin, Ian Watt, H. L. Chaytor, A. R. Luria, Tony Schiwatz, Elizabeth Eisenstein entre outros (Meyrowitz, 1985:18). Essa geração segundo Meyrowitz se preocupou com os efeitos dos meios de comunicação em um nível macrosocial. O impacto dos meios em grandes instituições sociais e civilizações como a mudança da oralidade para a escrita.

A segunda geração na qual Meyrowitz se inclui, seria a geração que procura analisar os efeitos microsociais do impacto dos Meios de Comunicação. Segundo Meyrowitz essa geração diminui a abstração das análises macrosociais para analisar o impacto no dia a dia do homem comum. Para isso une os estudos de Innis e McLuhan com o Interacionismo Simbólico de Erving Goffman. Para o autor, faltava uma

dimensão nas pesquisas da primeira geração, a relação entre a perspectiva teórica com as análises das interações sociais do dia-a-dia.

Os meios eletrônicos, segundo McLuhan, trazem novamente alguns elementos das sociedades orais. Entretanto a sociedade eletrônica é diferente da sociedade oral e é nessa mudança que, para Meyrowitz, novamente as fronteiras entre nossas relações sociais entre quem consideramos “eles” e “nós” modificou-se. A nossa idéia de “nós”, para o autor, já não é mais formada apenas pelas nossas relações face a face ou oral, ou por compartilhar o conhecimento dos mesmos textos. Se a imprensa expandiu essa experiência compartilhada, os meios eletrônicos levaram o compartilhamento a outro nível, promovendo novas formas, modificando nossos comportamentos sociais.

A tese de Meyrowitz é que o nosso comportamento do dia a dia está sujeito a mudanças por um novo meio de comunicação porque os papéis sociais estão intimamente vinculados à comunicação social (Meyrowitz, 1994:59)

É a mudança dos papéis sociais que leva Meyrowitz aos estudos sobre o Interacionismo Simbólico, principalmente na obra de Erving Goffman. Este é considerado como representante da Escola de Chicago¹¹, da onde teve influência dos seus principais pesquisadores George Herbert Mead e Herbert Blumer. (Smith, 1999:4; Winkin, 1999:32).

Para Meyrowitz, Goffman descreve a vida social como um tipo de drama de múltiplas encenações onde nós representamos diferentes papéis em diferentes tipos de ambiente dependendo da natureza da situação.

Meyrowitz começa seu livro *No Sense of Place* (1985) de forma similar à Goffman em seu *A representação do eu na vida cotidiana*, quando conta uma pequena história sobre seu encontro com vários grupos diferentes de pessoas após voltar de uma viagem. Quando nos encontramos com pessoas e grupos diferentes, temos que representar pensando para quem estamos falando. Para seus amigos, Meyrowitz contava sobre suas aventuras, perigos e romances. Mas para seus pais e para familiares ele omitia certas informações, contando-lhes sobre os aspectos culturais de sua viagem, hotéis entre outros. Ele relata que não mentiu, apenas contou verdades diferentes, concentrando suas escolhas levando em conta cada situação dada.

Pessoas mudam constantemente de costumes e papéis, sempre aprendendo e aderindo a uma complexa matriz de

¹¹ Foi na Univerisdade de Chicago em que Goffman realizou seu mestrado e doutorado.

comportamento convencional, e trabalhando com afinco para manter seu desempenho em cada situação em curso, sem comprometer ou ameaçar os seus comportamentos em diferentes outras situações sociais ¹².

Precisamos saber a natureza da situação para nos sentirmos confortáveis. Quando desconhecemos os códigos de determinada situação, não sabemos como devemos representar nosso papel social. Se formos convidados para uma festa, precisamos saber se ela é informal ou formal, as vestimentas necessárias para nos encaixarmos e representar um papel adequado a situação.

Goffman acredita que as interações sociais formam o indivíduo. Desse modo sua preocupação está na mudança do indivíduo, no nível micro (Sousa, 2003:90). É em cima dessa perspectiva que Meyrowitz se baseia para levar a Teoria do Meio a análises com foco micro social: na alteração das relações entre os indivíduos a partir dos meios de comunicação.

Segundo Meyrowitz (1985:29), Goffman divide o comportamento social em duas categorias: A primeira é a “*front region*” refere-se às representações que fizemos para determinadas “audiências”. Uma garçonete apresenta um comportamento de “*front region*” ao representar um papel quando está atendendo os clientes de um restaurante. Ela não interfere nas conversas dos clientes e não discute sobre outros clientes, por exemplo. Mas quando a mesma vai a cozinha está sob uma nova situação que é compartilhada por outros funcionários do restaurante, e neste ambiente ela pode discutir sobre coisas que não são de acesso aos clientes. Ela pode revelar um comportamento de “*back region*”, que é o tipo comportamento que temos quando estamos reunidos com pessoas íntimas, ou quando estamos sozinhos, relaxados, ou seja, quando não temos que nos esforçar para realizar uma performance preparada e particular. E quanto mais tempo e espaço para as performances sociais íntimas, mais formal e distinto é o papel social desempenhado para os outros (Meyrowitz, 1994:59).

Cada um de nós representa vários papéis sociais diferentes todos os dias. Somos como atores que para cada audiência nos apresentamos de forma diferente. E nossos papéis e comportamentos são modificados constantemente pelo conhecimento que temos das situações, dos agentes que participam delas e pelas formas de acesso a estes

¹² “People as constantly changing costumes and roles, learning and adhering to a complex matrix of conventional behavior, and working hard to maintain their performance in each ongoing situation without undermining or threatening their different behaviors in other social situations. “ (Meyrowitz, 1985:2). Tradução livre.

conhecimentos. Comportamento pode mudar de lugar para lugar, mas as formas em que ela muda, assim como as situações, são geralmente constantes (Meyrowitz, 1985:2).

Conforme Meyrowitz, se observarmos qualquer período da história, os papéis sociais sempre foram moldados tanto pelos padrões sociais de acesso à informação quanto pelo seu conteúdo. A identidade social não é baseada nas pessoas, mas na sua rede de relações (1994:58). Sendo assim, quando redes de relações se alteram, mudam também as identidades sociais.

Evidentemente que diferentes culturas em diferentes períodos históricos são caracterizadas por diferentes estruturas de papéis sociais, que se baseiam não apenas em “quem sabe o que”, mas também em “quem sabe o que sobre quem” e “quem sabe o que em comparação com quem”.

As fronteiras que definem os papéis sociais são modificadas a cada meio de comunicação que entra em cena. Assim os meios de comunicação são capazes tanto de separar as pessoas em mundos informacionais diferentes como diminuir a nitidez das fronteiras entre esses mundos.

Innis percebeu que o monopólio da informação modificava a estrutura da sociedade. Para Meyrowitz, isso se dá porque o meio de comunicação modificava o acesso à informação e, conseqüentemente, as fronteiras entre os diversos papéis sociais. Os meios de comunicação são portões privilegiados para o acesso a essas informações (Sousa, 2003:92).

Pessoas separadas em mundos informacionais diferentes criam e sustentam diferentes comportamentos, identidades e status. Em termos gerais, quanto mais situações e participantes segregados, maior a diferenciação no status e comportamento. A segregação de situações têm esse tipo de efeito porque expõe as pessoas a diferentes experiências (Meyrowitz, 1994:59). Isolando o contexto social de um papel social dos demais, permite, a um maior acesso ao que Erving Goffman chama de "*back region*".

Os pacientes de um hospital não participam das reuniões dos funcionários do hospital. Os estudantes não participam das reuniões dos professores. Os consumidores de um restaurante não participam das conversas da cozinha do restaurante. Se essas distinções não forem mantidas, então as diferenças nas identidades e no comportamento também começam a ficar menos nítidas.

Meyrowitz apesar de acreditar que Goffman trazia importantes contribuições sobre o comportamento social, achava que alguma coisa estava faltando sobre a vida social. Para ele, como Goffman escreveu na década de 50, e não pode perceber as

mudanças sociais que foram desencadeadas na década seguinte em decorrências dos meios de comunicação eletrônicos. Segundo Meyrowitz, McLuhan previu as mudanças no comportamento no fim dos anos 60 de forma mais eficiente do que Goffman tinha feito. McLuhan acreditava que essas mudanças foram em decorrência da expansão dos meios eletrônicos em nossas sociedades. O problema, para Meyrowitz, foi que “como” isso acontece não é deixado claro por McLuhan (Meyrowitz, 1985:3).

Meyrowitz se propõe juntar em um denominador comum a interação e o estudo dos meios: “a estrutura social de ‘situações’”¹³. Ele não acredita que o mecanismo pelo qual os meios eletrônicos afetam o comportamento social provém de um “balanço sensorial místico” (1985:4). Mas sim no rearranjo dos palcos onde desempenhamos os nossos papéis sociais.

Apesar das situações serem pensadas em termos de locais físicos, Meyrowitz argumenta que elas são de fato "sistemas de informação". Normalmente, diz o autor, pensamos no ambiente social como um lugar por causa das barreiras físicas como paredes que distanciam as pessoas, definindo as barreiras de inclusão e exclusão no processo de comunicação que ocorre nesse ambiente. Os meios de comunicação atuam de forma similar definindo as fronteiras das situações sociais.

Em uma sociedade alfabetizada, um livro de conselhos para os pais, funciona como um “lugar” isolado para a comunicação dos adultos e a que crianças analfabetas não têm acesso. A televisão, por exemplo, transforma essa relação, pois um assunto que seria privado aos adultos passa a ser acessível para as crianças, que não precisam ser alfabetizadas.

Meyrowitz sistematiza os efeitos nos papéis sociais a partir de três categorias sociais: Grupos de Identidade, Socialização e Hierarquia.

Grupos de Identidade referem-se a papéis que são “separados mas iguais”, tais como sexo masculino e feminino; advogado e médico. Onde os membros de diferentes grupos não têm necessariamente uma posição particularmente hierárquica ou que se trata de etapas de socialização. Assim advogados não se tornam médicos, e nem advogados estão acima ou abaixo em uma hierarquia de autoridade.

Socialização envolve papéis de transição, ou seja, etapas para chegar a um grupo. Dentre os exemplos estão: transição de criança para adulto, estudante de medicina para doutor, imigrante para cidadão, marido para pai. A socialização envolve

¹³ “the structure of social ‘situations’” (Meyrowitz, 1985:4). Tradução Livre.

desenvolvimento esperado para o papel de referência. Já a categoria de hierarquia descreve os papéis de autoridade, que são “separados e desiguais”, onde as pessoas têm diferentes níveis de informação como políticos e seus eleitores; dono de empresa e sua secretária.

Essas três categorias estão presentes diariamente nas nossas vidas, mas não são exclusivas. Nos vemos em várias situações que podem contemplar mais do que uma simultaneamente. Uma criança em relação a um adulto, por exemplo, seu pai, está em uma relação de hierarquia e ao mesmo tempo de socialização como transição ao estágio adulto.

Quando um novo meio de comunicação é introduzido em uma sociedade ele reestrutura o mundo social da mesma maneira que construir ou derrubar paredes pode isolar pessoas em um meio ambiente ou separá-los, segundo Meyrowitz. Os meios eletrônicos alteram a relação tida como garantida para a comunicação, a relação entre o lugar físico e o lugar social.

Meyrowitz, para fortificar a sua tese, observa as mudanças nos papéis sociais nos três períodos da história (oral, manuscrito/imprensa, eletrônico) divididos pela Teoria do Meio.

Essa discussão colabora para podermos refletir a Internet como meio de comunicação a partir da Teoria do Meio. A partir do momento em que podemos questionar se uma das características da Internet também seria capaz de provocar mudanças nos papéis sociais. E quem sabe num sentido mais amplo, questionar até que ponto ela altera de forma mais significativa certos tipos de papéis sociais em vez de outros, e do que outros meios de comunicação.

Sociedade Oral

Em uma sociedade oral, as cabanas e o tipo de atividades são as formas que separam e apóiam sistemas de informações distintos e, portanto, distintos papéis. Nas sociedades orais e nômades de caçadores e coletores, segundo Meyrowitz, era muito difícil manter ambientes separados, assim o ambiente tende a envolver todos em um único ambiente informacional.

A importância da separação das esferas informacionais fica mais visível se compararmos com sociedades em que faltam distinções entre os papéis sociais como as

sociedades nômades orais. Segundo, Meyrowitz, apesar de os homens e as mulheres terem alguma divisão do trabalho nas sociedades de caçadores e coletores, elas não eram tão intensas e diversas como as das sociedades industriais e agrícolas. Nessas sociedades, fazer o trabalho do sexo oposto não é considerado vergonhoso ou incomum. As mulheres participam ativamente das decisões públicas na sociedade oral. As crianças são incluídas nas atividades adultas e dificilmente são segregadas por conta de sua idade ou sexo.

Além disso, uma vez que não existem diferentes esferas para que a pessoa possa mover-se para um status diferente, nômades não têm muitos rituais grandes e de longa duração. Mas essas relações mudam quando os nômades se fixam em um território. Pois assim que se juntam a lugares específicos, as suas esferas sociais começam a segregar.

As mulheres têm que cuidar das crianças, e são separadas das suas atividades do dia a dia que antes compartilhavam com os homens. O trabalho passa a ser claramente baseado no tipo de sexo, e as experiências de socialização dos meninos e meninas se tornam muito mais desiguais.

Ainda que alguma segregação seja possível nessas sociedades, separar os membros em esferas sociais diferentes em uma sociedade oral é muito difícil. Nas sociedades orais, isolar as crianças em categorias por idade, por exemplo, é praticamente impossível. O mais fácil é a diferença entre crianças e adultos, que acabam sendo apenas um rito de passagem, que também são conhecidos como ritos de puberdade. Que são, na verdade, ritos de informação, em que a um grupo de crianças é dado acesso aos locais e segredos de adultos, cujos papéis devem assumir.

Sociedade do manuscrito/impressa

Na Idade Média, segundo Meyrowitz, as elites da nobreza e da Igreja usufruíram de um monopólio sobre a alfabetização e a usaram para promover um duro sistema hierárquico a fim de marcar a diferença entre as elites alfabetizadas e a massa de analfabetos.

A propagação da imprensa promove a especialização da sociedade. A ênfase na leitura como fonte de sabedoria e a idéia de salvação religiosa distancia ainda mais os que podem ler e dos que não podem (Meyrowitz, 1994:63). Assim os jovens e os analfabetos são excluídos de toda a comunicação impressa. A idade escolar graduada

vem a ser vista como o meio natural da educação, e as escolas desenvolvem um monopólio conveniente. Todo grau escolar acaba por envolver a revelação de novas informações que colocam as crianças em etapas diferentes das demais.

Conforme a imprensa é difundida, é dito para as mulheres que apenas os homens precisam ser alfabetizados, e estes utilizam o uso restrito a alfabetização para reforçar as suas posições em relação à mulher. Já as nossas figuras de autoridade, diferentemente das sociedades orais e seus votos de fidelidade, nas sociedades de imprensa a liderança é organizada a partir de uma distância que se baseia na inacessibilidade, autoridade delegada, e um controle maior sobre a imagem pública. A imprensa conduz a uma ênfase em etapas, níveis e categorias.

Sociedade Eletrônica

Os meios eletrônicos reverterem à tendência da sociedade da imprensa segundo Meyrowitz. Isso se dá porque o telefone, o rádio, a televisão, fazem as fronteiras entre as esferas sociais mais permeáveis. Os meios para Meyrowitz diminuem a importância do local fixo, uma vez que podemos testemunhar eventos sem estarmos fisicamente, e nos comunicar sem a necessidade de estar no mesmo local.

Como ele diz “As paredes da casa, por exemplo, já não isolam totalmente a casa da comunidade de fora” (1994:66). Isso porque os membros da família agora têm acesso a outras pessoas e outros têm acesso a eles. Um exemplo são as crianças que ainda que estejam protegidas em casa, a televisão agora os leva através do mundo antes de seus pais lhes darem a permissão para atravessar a rua diz Meyrowitz. Assim como as informações disponíveis para as mulheres agora se assemelham com as informações disponíveis para os homens.

A grande batalha de culturas que surge no final da década de 60 é considerada por Meyrowitz um dos indícios de consequência da atuação dos meios eletrônicos. A geração da década de 60 foi a primeira geração a assistir televisão antes de entrar na escola, ou seja, antes da alfabetização. Essa geração, para ele, rejeita as distinções dos papéis sociais entre jovens e adultos, homens e mulheres e autoridades em relação aos cidadãos comuns.

Entretanto, ainda continuamos a viver e interagir em locais físicos separados. Mas a televisão e outros meios elétricos, quebram a antiga ligação entre onde nós somos

e aquilo que sabemos e experimentamos. Outra característica é que a televisão torna menos nítida a linha entre o público e o privado. Ela faz isso dando maior acesso a informações como "quem sabe o que sobre quem" e "quem sabe o que em comparação com quem". Assim a televisão, para Meyrowitz, tem fomentado uma menor nitidez nas identidades sociais, nas fases de socialização, e nas posições de hierarquia (Meyrowitz, 1994:68).

Para Meyrowitz, essa menor nitidez não significa que as pessoas passam a ter atitudes e comportamentos idênticos. O mundo está mais homogeneizado no nível macro social, mas no micro está acontecendo o contrário. O mundo individual se torna mais heterogêneo e com mais variedade e opções. Pessoas com as mesmas idades, sexo, estado, família, bairros e nacionalidades estão cada vez mais diferentes umas das outras. As categorias que separavam as pessoas em mundos informacionais diferentes parecem perder um pouco de sua força. Segundo Meyrowitz, “[...] a sociedade eletrônica integra todos os grupos em uma esfera comum com um novo reconhecimento de suas necessidades especiais e as idiossincrasias dos indivíduos.”¹⁴.

Essas são apenas algumas das análises destes autores considerados fundantes desta tradição e de Meyrowitz que a organizou em torno do nome Teoria do Meio. Mas muitos outros atores apresentaram outras perspectivas a partir destes autores ou separadamente, mas compartilhando das mesmas preocupações.

Mas como toda tradição, ela possui suas limitações. No caso da Teoria do Meio temos a dificuldade de compreensão dos textos de Innis e McLuhan, a forma de análise a partir de grandes padrões sociais além, da discussão referente ao determinismo (em alguns autores de forma mais veemente) dos meios em relação à sociedade. Essas discussões são esclarecidas no próximo tópico.

2.4 LIMITES E DESAFIOS DA TEORIA DO MEIO

Meyrowitz considera que diferente das pesquisas que envolvem os efeitos do conteúdo, os chamados efeitos estudados pela Teoria do Meio são difíceis de serem demonstrados através dos métodos científicos das ciências sociais. Uma vez que “A

¹⁴ “... the electronic society integrates all groups into a common sphere with a new recognition of the special needs and idiosyncrasies of individuals.” (Meyrowitz, 1994:68) Tradução livre.

recriação de uma cultura impressa pré-eletrônica para observação ou manipulação experimental, por exemplo, é virtualmente impossível.”¹⁵.

Assim, na maioria dos casos, os teóricos da Teoria do Meio, principalmente no nível macro, trabalham principalmente com a análise histórica, comparações entre períodos e tecnologias, procurando padrões de identificação de grande escala. Para Meyrowitz, a investigação é a forma mais útil quando olhamos nos amplos padrões estruturais durante um longo período de tempo. Em contrapartida, grande parte das pesquisas da Teoria do Meio não é, constata o autor, apoiada por análises quantitativas (1994:70).

Entre as limitações da Teoria do Meio, Meyrowitz diz que a maior das pesquisas tem se inclinado a ignorar as instituições que têm importantes interesses políticos e econômicos no desenvolvimento de algumas tecnologias em detrimento de outras.

Segundo Meyrowitz, a Teoria do Meio também tem grande tendência a ignorar as diferenças culturais que mudam e alteraram o desenvolvimento, utilização e percepção das diversas tecnologias de comunicação, ignorando as formas pelas quais as tecnologias são “escolhidas” por cada sociedade e as suas conseqüências sociais. Crítica em que o próprio Meyrowitz cai ao fazer uma análise principalmente a partir dos EUA, ainda que se defenda neste quesito (Sousa, 2003:125).

Outra crítica comum é a do determinismo tecnológico. É uma tendência dos pesquisadores da Teoria do Meio em supervalorizar os meios de comunicação. Ainda que alguns dos teóricos do meio sejam mais duros do que outros nesse aspecto, no caso de Meyrowitz, o autor não descarta ou nega outros fatores que contribuem para as transformações sociais, mas dá foco no que lhe interessa. Assim concordamos com Sousa (2003) quando aponta que a escolha de um único aspecto como base para a análise da realidade social sempre vai ter limites. O aspecto escolhido pelos teóricos do meio são os meios de comunicação como agentes com papel importante na transformação da sociedade. Dessa forma, Meyrowitz diz que não devemos pensar na Teoria do Meio como uma visão determinista, mas como um modelo que trata de tendências gerais.

O que apresentamos aqui foram os principais pontos de discussão que cada um desses autores trouxe para os estudos dos meios de Comunicação. Ainda que haja críticas aos trabalhos principalmente de Innis e McLuhan, em grande parte estão

¹⁵ “The recreation of a pre-electronic 'print culture' for observation or experimental manipulation, for example, is virtually impossible.” (Meyrowitz, 1994:70). Tradução livre.

direcionadas a teses secundárias dos autores, não comprometendo o núcleo duro da tradição, que compreende a centralidade dos meios de comunicação e os meios de comunicação como extensões. (Martino, 2008:145)

Um dos pontos principais para a nossa discussão é o conceito de meio de comunicação. O mesmo parece, por muitas vezes, ter um sentido muito alargado nos autores que apresentamos. McLuhan, por exemplo, considera os automóveis, e a energia elétrica, como meios de comunicação (1964:22, 1964:254). Ou Innis, que considera a pedra, o papel, entre outros como meios de comunicação. No próximo capítulo mergulharemos mais profundamente nesta discussão problematizando o conceito de Meios de Comunicação utilizado pelos pesquisadores aqui selecionados da Teoria do Meio.

2.5 O CONCEITO DE MEIO DE COMUNICAÇÃO DA TEORIA DO MEIO

Durante a apresentação que fizemos dos pesquisadores aqui selecionados da Teoria do Meio, a discussão sobre o que estes consideram como meio de comunicação atravessa todo o texto. Aqui procuramos, ainda que brevemente, e com base em alguns de seus textos, uma sistematização destas concepções de meios de comunicação.

Como exemplificamos anteriormente, Innis, não faz uma distinção entre o aspecto material (suporte) do aspecto simbólico do meio de comunicação.

Nesse caso, Innis considera as propriedades físicas do suporte como um meio:

De acordo com as suas características, pode ser mais adequada para a difusão de conhecimentos sobre o tempo que sobre espaço, especialmente se o meio é pesado e durável e não apropriado ao transporte, ou para a difusão de conhecimentos sobre o espaço que sobre o tempo, especialmente se o meio é leve e de fácil transporte.¹⁶

Em outros momentos, ele considera dois aspectos simbólicos como a dificuldade de aprendizagem de um novo código e como estes aspectos podem se traduzir em uma tendência em formar/destruir monopólios de conhecimento.

¹⁶ According to its characteristics it may be better suited to the dissemination of knowledge over time than over space, particularly if the medium is heavy and durable and not suited to transportation; or to the dissemination of knowledge over space than over time, particularly if the medium is light and easily transported. (1949:457)

Uma tradição oral implica a novidade e a elasticidade, mas os estudantes de antropologia têm apontado para o caráter vinculativo do costume nas culturas primitivas. Um complexo sistema de escrita se torna a posse de uma classe especial e tende a apoiar aristocracias.¹⁷

Já na obra de McLuhan, o pesquisador Vinícius Pereira em seu texto “As tecnologias de comunicação como *gramáticas: meio, conteúdo e mensagem* na obra de Marshall McLuhan” sistematiza os diversos sentidos de meio nos textos de McLuhan que compõem-se da seguinte maneira:

1) como maneira, ou modo, veículo para a realização de diferentes operações; 2) daí o sentido que ganha, quando a operação em questão for a comunicação, de veículo de comunicação, que, por sua vez, se apresenta, praticamente, como sinônimo das diferentes mídias (média, plural de medium, em latim e em inglês): TV, rádio, cinema, jornais, revistas, etc; 3) como sinônimo de extensões tecnológicas, sentido que ganhou enorme divulgação no próprio *Understanding media*; 4) como ambiente, substância envolvente, no sentido em que se fala de meio ambiente — sem que isto signifique, necessariamente, meio ambiente biológico; 5) como sinônimo de público, oposto à idéia de privado... (2004).

Esses diversos sentidos, segundo Pereira, estão presentes nos mais diversos textos de McLuhan, criando ambigüidades difíceis de serem superadas. Ainda assim o autor chama atenção de que nos últimos textos publicados de McLuhan ele situaria o seu sentido privilegiado de meio:

Será aquela que parece ser uma das acepções mais complexas para o termo, que é como sinônimo de *extensões*, mas que, por sua vez, ganha aproximação com a idéia de uma *gramática*, de um *texto*. (2004)

A interpretação de Pereira é de que McLuhan deixaria explícito neste texto que o meio seria uma extensão tecnológica que cria um meio ambiente e que “por sua vez, funciona como um *texto*, com uma gramática própria.” (2004). Assim se o meio pode ser entendido como texto, ele possui uma linguagem que dá forma ao texto. McLuhan estaria dando destaque para a concepção de que o meio deveria ser tomado como um todo, “entendendo-o como uma nova linguagem que *re-forma* toda a cultura” (2004).

¹⁷ An oral tradition implies freshness and elasticity but students of anthropology have pointed to the binding character of custom in primitive cultures. A complex system of writing becomes the possession of a special class and tends to support aristocracies. (1951:4)

Pereira chama a atenção de que McLuhan não estava desmerecendo o conteúdo, o autor estaria sim propondo que o estudo do *conteúdo* de um *meio* pudesse ser ampliado.

McLuhan proporia duas formas de entender o sentido de conteúdo. A primeira, conhecida pelo “o *conteúdo* de um meio, será, o próprio usuário, em última instância, o próprio homem” e a segunda, pelo aforismo “o conteúdo de um meio é outro meio” (2004).

Pereira não acredita na aproximação comum que se faz de que o conteúdo de um meio (mensagem) é o significado que ele porta, justamente porque o significado poderia mudar dependendo do sistema. O significado viria da capacidade do sistema dar agregar sentido à mensagem. Assim, o significado não estaria diretamente relacionado à mensagem, precisaria da “participação da estrutura mnêmica e cognitiva do sistema que processa a mensagem”. A diferença para os humanos estaria que as extensões superam os padrões perceptivos do homem.

Em sistemas complexos como o humano a emergência de novas mensagens está diretamente relacionada ao fato do sistema construir — e não de receber — novas mensagens, possibilitadas por uma nova gramática que se apresenta com uma nova extensão, uma nova tecnologia, um novo meio. (2004)

O meio ofereceria a gramática que guiaria a formação dos recortes informacionais possíveis. “É só no encontro com este usuário, com este sistema, no encontro das virtualidades do sistema e do próprio meio, que mensagens irão se formar” (2004). Assim cria-se a dependência do usuário para revelar a gramática, que só pode ser desvelada na utilização da mesma, levando assim a idéia de que o conteúdo de um meio é o usuário.

A segunda proposta do conteúdo de um meio é outro meio, Pereira segue na mesma trilha da sua opção pela gramática. Para ele o meio porta a gramática de outro meio para se traduzir ao usuário. Dessa forma diz ele:

Então, quando a televisão se apropria do cinema, ela está se apropriando de um meio que é familiar a um sistema/usuário de uma geração específica, para poder, aos poucos, ser incorporada por este sistema/usuário, ser transformada e, assim, conquistar uma gramática com características específicas, de tal forma distanciadas do cinema que já será reconhecida como uma gramática própria, a da televisão. (2004)

O conteúdo de um meio é a incorporação da gramática de outro meio. Este conquista a sua gramática própria a partir do seu uso pelos usuários, que vai transformando o meio e que altera os próprios usuários nessa relação recíproca. Desta forma, McLuhan estaria destacando que a mensagem seria “o conjunto de características cognitivas e subjetivas que surgem no indivíduo, após a interação com um novo meio.” (Pereira, 2004). A interpretação de Pereira é de que em vez de situar os estudos nas significações, a importância estaria nas mensagens, pois elas seriam a manifestação de uma gramática comum a um meio.

Resumindo esta investigação do autor, pode-se dizer que o conceito de meio para McLuhan, na sua forma principal, é o de uma extensão tecnológica e que o mesmo deve ser estudado a partir de sua gramática.

Meyrowitz, em seu texto *As múltiplas alfabetizações midiáticas* (2001), também procura sistematizar o conceito de meio de comunicação para a Teoria do Meio dividindo-a em três concepções: media-corno-condutores, gramática dos mídia, medium enquanto ambiente.

A primeira concepção situa os meios de comunicação como condutores de comunicação, idéias, informação, entre outros. Dessa forma a preocupação se dá principalmente em cima dos conteúdos “transmitidos” através destes meios. Sejam seus efeitos, sua produção, ou tipos de conteúdo e influências político-econômicas sobre no conteúdo. Essa posição reflete principalmente nossos questionamentos no início desse trabalho, ao situar as pesquisas que focam principalmente no conteúdo das mensagens. Dessa forma, Meyrowitz nos ajuda esclarecer que esse tipo de posição contém intrinsecamente uma concepção dos meios de comunicação: a de que eles são principalmente condutores. Sendo assim para o autor “quando o foco é o conteúdo, não se dá muita atenção às características particulares do veículo através das quais as mensagens transportadas são examinadas.” (2001:90)

Já a segunda proposta situa que cada meio de comunicação tem a sua própria linguagem, ou uma gramática própria como chama Meyrowitz. Esta concepção de gramática parece diferenciar da idéia de gramática enfatizada por Pereira (2004) Nesta concepção se leva em conta as variáveis de produção para cada meio de comunicação. Esta se contrapõe à concepção de media-corno-condutores pois:

Muito embora se possa exibir violência e discriminação racial na vida real, por exemplo, é difícil “fazer um close up” ou “editar” nas interações diárias. Uma pessoa não pode cantar a harmonia e a melodia sem o auxílio do gravador, nem pode mudar a tipologia numa fala. (2001:91)

Procura-se então compreender como estas variáveis são utilizadas em sua produção, a fim de reconhecer também as formas típicas empregadas para moldar a percepção e as respostas as mensagens. Compreender a produção e suas variáveis requer também entender as pressões culturais e institucionais que influenciam certos usos gramaticais. Necessita-se então da compreensão da especificidade operacional de cada meio de comunicação, como no cinema, por exemplo, em que as variáveis são os enquadramentos, os equipamentos técnicos de captura, cortes, zooms, movimentos de câmeras entre outros. Dessa forma:

A alfabetização da gramática dos mídia poderia ir além destas variáveis básicas para despertar a consciência de como a manipulação das variáveis de produção pode sutilmente sugerir e influenciar a percepção do público sobre pessoas, lugares e eventos. (2001:93)

A primeira é a mais popular, como diz Meyrowitz, porque “tende a ser o aspecto mais óbvio das comunicações mediadas. Isto torna o conteúdo da mídia importante para o estudo.” (2001:90) já a gramática dos meios é mais visível quando o conteúdo permanece, mas os meios são diferentes. Para os produtores não é desejável que o público esteja atento às variáveis gramaticais, e sim que foquem apenas no conteúdo. Dessa forma, o autor considera que “Quanto mais efetivos forem os elementos gramaticais dos media, menos consciente dos mesmos estará um membro da audiência.” (2001:94) As variáveis são visíveis, assim que a pessoa saiba identificá-las.

A terceira concepção de meio de comunicação é a que a Teoria do Meio segue, pois acredita que cada meio de comunicação “... é um tipo de ambiente que possui características relativamente fixas que influenciam a comunicação numa maneira particular - apesar da escolha dos elementos de conteúdo e apesar da manipulação das variáveis de produção.” (2001:95). Para ele essas características fixas seriam ligadas principalmente a “forma de comunicação”.

Ele considera os seguintes aspectos para a análise dos meios de comunicação: (1) tipo de comunicação sensitiva transportada - unisensorial ou multissensorial: (ex: visual, oral, olfativa, etc.); (2) a forma da informação em cada sentido: (ex: figura x palavra, clique da máquina x voz); (3) grau de definição, resolução, fidelidade: (ex: uma

voz no rádio está mais próxima de uma voz ao vivo do que um close-up de uma face na TV); (4) unidirecional x bidirecional x multidirecional (ex: rádio x telefone x conferência por computador on-line); (5) simultâneo x seqüência bidirecional (ex: ouvir a resposta de outra pessoa quando ela fala ao telefone x CB turn taking); (6) rapidez e medida de rapidez na codificação, disseminação, e decodificação; (7) o grau de facilidade / dificuldade para aprender a codificar, decodificar, numerar e tipificar os estágios da aprendizagem (ex: aprender a ler x aprender a escutar rádio); (8) a média entre a dificuldade de codificar e a dificuldade em decodificar requerimento físico para engajar o meio (ex: alguém tem que estar em um certo lugar, pegar algo, parar, olhar numa certa direção, usar uma iluminação especial, parar a interação ao vivo, etc.); (9) grau e medida de manipulação humana (ex: pintar um quadro x tirar uma foto); (10) amplitude e a natureza da disseminação (ex: quantas pessoas podem receber a mesma mensagem ao mesmo tempo).

Assim a idéia de gramática de Pereira se assemelha muito à idéia de ambiente de Meyrowitz. No caso deste último, as características são relativamente fixas, no de Pereira essas características específicas seriam conquistadas a partir da interação dos usos.

Meyrowitz cita vários exemplos do que ele considera serem tipos de comunicação como face a face, telefone, carta, correio eletrônico, etc. Aponta o que a Teoria do Meio analisaria nos meios, mas o autor não deixa claro qual seria o conceito de meio de comunicação, parecendo assim que o conceito é aquele do senso comum. Em entrevista, Meyrowitz deixa claro a sua falta de preocupação com uma definição: "... eu tenho a tendência a usar o termo 'meio' para descrever o que maioria das pessoas reconhece como meios de comunicação (rádio, telefone, televisão etc)" (Sousa, 2003:132).

Dessa forma o autor posiciona a noção de meio de comunicação como uma definição provida de algum dicionário, que tem a função apenas de apresentar os usos correntes da palavra naquela determinada atualidade. Pois para ele "Não há significado 'real' para 'meio', ou para qualquer outro conceito". (2003:133).

O autor não considera isso problemático uma vez que:

... isso não faz diferença no que ele (McLuhan) e eu chamamos de meios, no sentido em que nós somos claros em nossas definições e no sentido em que as nossas discussões sobre as influências (efeitos, na forma mais grosseira) são claras. (Ibidem)

E complementa: "Se ele (McLuhan) os chama de meios ou tecnologias, isso não é muito interessante na minha visão..." (Ibidem).

Outros autores também apontam essa dificuldade de uma distinção entre tecnologias e meios de comunicação em McLuhan. É o caso de Nevitt, Barrington e Maurice McLuhan, editores do livro *Who Was Marshall McLuhan* (1995), que apontam:

Ele foi para descobrir que toda extensão tecnológica dos seres humanos - cada artefato humano, seja de hardware ou software - é um meio de comunicação, e a mensagem de qualquer processo de comunicação é a totalidade de seus efeitos, independentemente de qualquer intenção ou programa.¹⁸

Assim a noção de que os meios criam ambientes parece também servir para analisar qualquer tipo de tecnologia, pois qualquer uma possuiria essa capacidade.

Dessa forma, tanto meios de comunicação como carros, estradas de ferro e energia elétrica, teriam princípios equivalentes, pois alteram o acesso aos sistemas de informações, modificando as situações sociais. (Sousa, 2003:122)

Essas respostas nos fazem refletir sobre até que ponto a tradição da Teoria do Meio seria uma tradição com foco nos meios de comunicação ou uma teoria geral das tecnologias. Devido a isso discordamos da falta de interesse de Meyrowitz sobre a necessidade de definições mais claras do que são os meios de comunicação. Ainda que o autor queira dizer "tanto faz" a maioria de suas pesquisas possuem pontos de contato, apesar de que por vezes alguns dos autores passem longe do senso comum ao situar certas tecnologias como meios de comunicação. Os meios de comunicação do senso comum são objetivamente os seus principais objetos de análise. Acreditamos que o fortalecimento desta tradição depende também dessa especificidade, justamente para não cair em uma amplitude difícil de abarcar e com o risco de se instalar no mesmo impasse que a maioria das teorias gerais da tecnologia se situam. Ainda assim, Meyrowitz dá breves indícios dessa sistematização ainda que não perceba, uma vez que ele situa o que deve ser analisado quando olhamos para um meio de comunicação.

Seguindo este raciocínio, certas características que devem ser analisadas não servem para outros tipos de tecnologias, por exemplo, será que poderíamos analisar um

¹⁸ He went to discover that every technological extension of humans – every human artifact, whether hardware or software – is a communication medium; and the message of any communication process is the totality of its effects, regardless of any intent or program. (1995:213) Tradução Livre.

martelo em seu “grau de definição, resolução, fidelidade”? Então ainda que certas posições digam o contrário, a análise feita pela Teoria do Meio tem como objeto privilegiado os meios de comunicação, ainda que algumas também se adequem à análise de outros tipos de tecnologias. Faz-se necessário assim um exame detalhado para uma melhor definição do conceito meio de comunicação, a fim de fortalecer essa tradição de pesquisa.

Nossa tarefa no próximo capítulo é situar quais seriam as características ponderadas por diversos autores que se lançaram no estudo da Internet, e sequencialmente colocá-las em análise comparando-as com as características que a Teoria do Meio se propõe a estudar nos meios de comunicação.

2.6 DETERMINISMO TECNOLÓGICO E A AUTONOMIA DA TECNOLOGIA

As primeiras abordagens sobre a tecnologia remontam aos antigos filósofos gregos como Platão e Aristóteles (Trigueiro, 2008:20). Estas primeiras abordagens apontam que a tecnologia imita a natureza (Platão), mas não somente (Aristóteles). Este último faz a cisão entre a natureza e a tecnologia, ao situar que os artefatos técnicos não podem se reproduzir sem a intervenção humana¹⁹. Apesar de um início tão antigo, a discussão sobre o assunto está longe de ser dada como encerrada, ou com o mínimo de consenso. Os debates sobre a técnica²⁰ têm se intensificado desde a década de 50, tendo como ponto de destaque o texto *A Questão da Técnica* (2002) do filósofo alemão Martin Heidegger escrito em 1954. Estes debates se concentraram principalmente em eixos: (a) autonomia da tecnologia, e (b) determinismo tecnológico.

Por centrarem os seus estudos nos meios de comunicação entendidos como tecnologias, os pesquisadores da Teoria do Meio são frequentemente considerados como deterministas tecnológicos e crentes em uma autonomia da tecnologia.

Procuramos neste capítulo compreender melhor que significa ser determinista, dessa forma nos concentraremos primeiramente na investigação destes eixos para na

¹⁹ PHILOSOPHY OF TECHNOLOGY. Stanford Encyclopedia of Philosophy. Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/entries/technology/>>. Acesso em: 9 Janeiro 2010.

²⁰ Neste trabalho consideraremos os termos técnica e tecnologia como sinônimos, ainda que alguns poucos pesquisadores (ex: Jacques Ellul) façam alguma diferenciação, a mesma é explicitada quando necessária e não prejudica a nossa compreensão de uma panorama geral.

segunda parte do texto analisar como a tradição da Teoria do Meio se relaciona com estas discussões da Filosofia da Técnica.

A Tecnologia Autônoma

A tecnologia autônoma é a noção de que a tecnologia não pode ser controlada e é independente da decisão humana. A tecnologia possuiria neste caso uma lógica própria (Dusek, 2008:143). Mas como podemos considerar a tecnologia como autônoma se ela é construída pelos seres humanos? Segundo Val Dusek, citando os estudos da técnica de Jacques Ellul, as pessoas que supostamente teriam o controle sobre a tecnologia, na verdade não a tem. Como, por exemplo, aqueles que desenvolvem a tecnologia, pois os mesmos não compreendem o impacto social da tecnologia. A idéia que se tem que nós "escolhemos" as tecnologias, segundo ele, parece por demais frágil uma vez que a escolha não é ilimitada, e não é a humanidade como um todo que escolhe uma tecnologia, como se não existissem grupos de interesse.

Para Dusek, os tecnólogos ignoram os aspectos sociais, os políticos não compreendem o funcionamento da tecnologia e o público ignora os aspectos técnicos e sociais. Os religiosos ignoram igualmente as questões de técnicas e sociais, e aos filósofos que avaliariam as tecnologias, ninguém dá atenção. Outra característica da tecnologia que sustenta a tese da autonomia é sua tendência de dar origem a mais tecnologia. Ellul observa, como outros, que as tecnologias produzem constantemente problemas imprevistos. Mas, geralmente, a solução desses problemas é mais tecnologia e não a rejeição desta. Sendo assim, a sociedade tende a se ajustar à tecnologia e não o contrário.

Se as pessoas raramente ou nunca rejeitam que a sociedade aceita desenrola-se automaticamente a partir da natureza do mundo e da natureza do método científico. Portanto, pode-se afirmar que a tecnologia tem uma lógica própria, independente dos desejos humanos. (Dusek, 2008:145).

Geralmente essa idéia de autonomia da tecnologia caminha junto com a noção de determinismo tecnológico, pois se a tecnologia é autônoma, a sociedade não pode afetar a direção da tecnologia, pois ela determina o curso da sociedade.

Determinismo Tecnológico

O Determinismo Tecnológico pode ser entendido como “a afirmação de que a tecnologia causa ou determina a estrutura do resto da sociedade e da cultura.” (Dusek, 2008:117).

A tecnologia autônoma é a afirmação de que a tecnologia não está sob o controle humano, dessa forma a tecnologia autônoma geralmente pressupõe o determinismo tecnológico, mas não o inverso, dependendo da vertente que se trabalha. Inventores e cientistas podem desenvolver tecnologias que acabam por determinar a sociedade, eles seriam assim agentes externos ao sistema determinista. Já se a opção é por uma vertente de que a tecnologia tem uma lógica própria, volta-se à idéia de autonomia.

Conforme a tecnologia se desenvolve, ela transforma a sociedade e as instituições. Os exemplos dados por Dusek vão desde o declínio da escrita de cartas devido ao surgimento do telefone, até os computadores e a conseqüente mudança dos empregos entre outros. Isso significaria que a tecnologia determina? Para o autor, o determinismo tecnológico passou por críticas severas nas últimas décadas. Estas críticas pontuavam inúmeros exemplos em que a sociedade afeta o curso da tecnologia, mostrando que havia a disponibilidade de direções alternativas para o desenvolvimento da tecnologia e a sociedade fez a sua escolha. É o caso, por exemplo, do estudioso da tecnologia Andrew Feenberg (1995), ao citar o Minitel²¹ francês como uma dessas alternativas onde os usuários corromperam o dispositivo e o transformaram em um dispositivo de comunicação ou mensagens.

Essa crítica leva a um desaparecimento da tecnologia como agente atuante na transformação da sociedade. Compõem-se a idéia de que a sociedade determina o curso da tecnologia por completo e que esta é uma ferramenta neutra. Nesse sentido Dusek chama a atenção:

Em algumas situações, os aspectos técnicos e físicos da tecnologia propagam importantes mudanças na cultura, Em outras situações, as orientações de cultura e valor da sociedade impelem e selecionam o desenvolvimento das tecnologias. (2008:118)

²¹ Minitel é um pequeno terminal de consulta de banco de dados comerciais originado na França em 1982 e distribuído para todos os assinantes de linhas telefônicas. A intenção era que as pessoas pudessem consultar a lista telefônica e outros serviços sem sair de casa. Com o tempo novas funções foram adicionadas e serviços comerciais. Diferente da Internet, o Minitel era constituído por uma rede fechada e controlada pela empresa de telecomunicações daquele país. O Minitel foi considerado como o principal rival para a adesão da Internet em países europeus, principalmente na França.

Agora que demos uma pequena introdução sobre as duas principais discussões sobre a tecnologia, passamos a um exame mais aprofundado do que consiste a tecnologia. Acreditamos que a grande parte dessas discussões se dá pela falta de uma clara definição deste conceito e sua abrangência.

2.6.1 Definições de tecnologia

Dusek relata três definições ou caracterizações da tecnologia, são elas: (a) tecnologia como instrumental; (b) a tecnologia como regras e (c) a tecnologia como sistema.

Tecnologia como instrumental

Essa é a visão mais comum sobre a tecnologia, em que ela é concebida como ferramentas e máquinas (Vries, 2005:14; Dusek, 2008:47). A diferença entre esses dois conceitos para o historiador e filósofo da técnica Lewis Mumford reside no fato de o usuário manipula diretamente as ferramentas, enquanto as máquinas são mais independentes da habilidade do usuário. Outros pesquisadores como o arqueólogo, paleontólogo e antropólogo André Leroi-Gourhan também se ocuparam em delimitar estas duas instâncias. Este último concorda com a proposta de Mumford, uma vez que para o autor, a diferença está na força motriz. Uma dada pelo ser humano e a outra pelo fato que a força motriz está contida no objeto técnico²². Segundo Dusek, essa definição traz consigo um problema em relação aos casos em que "a tecnologia não usa ferramentas nem máquinas" (2008:48), aqui parece que o autor pretende que o conceito de tecnologia vá para além do plano material, colocando "a manipulação ou orientação verbal ou interpessoal do comportamento de outro como tecnologia" considerando este caso como uma tecnologia sem ferramentas. Isso faz outra definição entrar em jogo, a da tecnologia como regra.

²² Mais a frente, esclareceremos de forma mais detalhada a posição de Gourhan.

Tecnologia como regra

Essa definição trata a tecnologia antes como regras que como ferramentas. Essa definição persiste na idéia de meios e fins, e é capaz de incluir a idéia de megamáquina de Mumford, e de "técnica" de Ellul. O conceito de megamáquina de Mumford é o de que a organização de grandes números de pessoas para realizar uma tarefa (meio-fim) pode ser considerada como uma tecnologia. Da mesma forma a idéia de "técnicas" de Ellul para quem os "padrões de comportamento ou técnica aquiescente a regras a essência da tecnologia" (2008:48). Segundo o autor:

O termo *técnica*, como eu uso, não significa máquinas, tecnologia, ou este ou aquele procedimento para atingir um fim. Em nossa sociedade tecnológica, *técnica* é o conjunto de métodos racionalmente alcançados e com absoluta eficiência (para um determinado estágio de desenvolvimento) em todos os campos da atividade humana.²³ (Ellul, 2003:182, grifo original).

Para Ellul (*apud* Dusek, 2008) a diferença entre técnica e tecnologia situa-se neste ponto. O autor considera a "técnica" como um "conjunto de relações de meios/fins e regras para conseguir a máxima eficiência no ajustado dos meios aos fins (sem que os fins últimos sejam examinados)", ou seja, a tecnologia enquanto regras segundo Dusek.

A tecnologia como regra permite fazer com que o conceito de tecnologia seja ainda mais abrangente que o de instrumento/máquina, e várias discussões estão relacionadas, como a idéia da racionalidade, ciência e tecnologia. Isso dá brecha para outra concepção de tecnologia, a de tecnologia enquanto um sistema. Apesar da afirmação exposta por Dusek, muitos outros autores consideram que a tecnologia para o Ellul não são se encaixa apenas na perspectiva das regras. Para Merton (*apud* Lovekin, 1991), o conceito de tecnologia de Ellul:

... significa muito mais do que a tecnologia da máquina. Técnica se refere a qualquer complexo de meios padronizados para alcançar um resultado predeterminado. Assim, ele converte o comportamento espontâneo e

²³ "The term *technique*, as I use it, does not mean machines, technology, or this or that procedure for attaining an end. In our technological society, *technique* is the *totality of methods rationally arrived at and having absolute efficiency* (for a given stage of development) in *every* field of human activity." ELLUL, Jacques. "On the Aims of a Philosophy of Technology". In: SCHARFF, R.C.; DUSEK, V. (eds). *Philosophy of technology: the technological condition : an anthology*. 2003. Tradução Livre.

irrefletido que é deliberada e racionalizada. O homem tecnológico é fascinado por resultados, e pelas as conseqüências imediatas da criação de dispositivos padronizados em movimento.²⁴ (1991:32)

Dessa forma a noção de técnica é na verdade uma forma de consciência, e essa é a idéia chave do trabalho de Ellul. Não se trata de uma entidade ou de um processo específico, mas de uma mentalidade que torna possível cada processo técnico e também todo conjunto de processos técnicos (1991:33). A técnica é considerada como um conjunto o que nos leva para a próxima perspectiva, a da tecnologia enquanto sistema.

Tecnologia como sistema

Um avião abandonado no deserto funciona como tecnologia? É essa discussão que propõe a definição de tecnologia como sistema, ao pensar a tecnologia em relação ao contexto do seu uso, manutenção e reparo feito pelas pessoas. Dessa forma a idéia de um sistema tecnológico inclui não só a perspectiva instrumental assim como "as habilidades e organização humanas necessárias para operá-lo e mantê-lo" (2008:50), ou seja, inclui-se a perspectiva das regras.

Dusek propõe uma definição consensual de tecnologia com base nessa descrição da tecnologia enquanto sistema. Segundo a sua definição a tecnologia seria "a aplicação de conhecimento científico ou de outro tipo a tarefas práticas por sistemas ordenados que envolvem pessoas e organizações, habilidades produtivas, coisas vivas e máquinas". (2008:53)

Na concepção de Dusek de um sistema tecnológico, o autor faz a sua crítica em relação às demais concepções de tecnologia que supõem a existência de um tipo de pessoa coletiva, considerando a tecnologia como uma ferramenta que poderia ser manipulada por um indivíduo. Isso nos leva à própria definição de tecnologia, que como assinalamos anteriormente, pode ser vista, dependendo do autor, como instrumento, como conhecimento, como ações e/ou como vontade.

A concepção de objeto então, não leva em conta a noção de um sistema tecnológico, que chega até o consumidor, onde este "não origina, mantém, nem

²⁴ "... means far more than machine technology. Technique refers to any complex of standardized means for attaining a predetermined result. Thus, it converts spontaneous and unreflective behavior that is deliberate and rationalized. The Technical Man is fascinated by results, by the immediate consequences of setting standardized devices into motion". (Lovekin, 1991:32). Tradução Livre.

compreende a tecnologia complexa ou a sociotecnologia complexa do sistema" (2008:53).

Mesmo a perspectiva de sistema parece não contar com todos os elementos em uma relação sistemática e interdependente, ou seja, não significa que uma só pode existir em relação a outra. Isso pode ser percebido quando Dusek coloca a publicidade e a administração governamental como um exemplo em que “é mais fácil perceber como o sistema da tecnologia pode controlar o indivíduo, não vice-versa, como no caso das ferramentas simples.” (2008:53).

O autor chama a atenção para o Projeto do Genoma Humano, em que a discussão foi pública sobre as questões éticas e sociais dos projetos científicos e tecnológicos. Indo contra a idéia de Ellul de que os grupos são ignorantes em relação aos demais grupos de influência, as discussões envolveram vários setores como os advogados, cientistas e éticos. Para o autor "Teorias científicas e focos de interesse muitas vezes são guiados por climas mais gerais de opinião social" (2008:149), dessa forma o contexto social também influencia como uma tecnologia é usada e mantida.

Uma coisa parece certa nessas definições: todas elas consideram a atividade humana como objeto de preocupação. A tecnologia é o humano em ação. Optar por uma definição tão larga como a de regras, e de sistema, incluindo aí qualquer tipo de procedimentos intelectual ou material (e aqui colocamos a ciência) parece uma definição que pode trazer poucas contribuições, uma vez que o propósito de definir conceitos é justamente o de ajudar a estabelecer distinções. (Pitt, 2000:11). Então nos perguntamos o que não seria tecnologia nessa proposta? Como podemos definir uma abordagem enquanto autônoma ou determinística com conceitos empregados tão diferentes de tecnologia?

2.6.2 As três faces do Determinismo Tecnológico

Para Bruce Bimber (1994) grande parte da discussão sobre o determinismo se dá por ser um conceito que é usado para descrever mais de um fenômeno. Segundo ele, há pelo menos três faces do determinismo tecnológico que podem ser caracterizadas como: **Normativa**, **Nomológica**, e por último a de **Conseqüências não intencionais**.

De forma introdutória podemos dizer que a Nomológica considera que evolução tecnológica é inevitável baseando-se nas leis da natureza. Já para a Normativa, a

tecnologia atua como uma importante influência na história apenas quando as sociedades atribuem significado cultural e político a ela. E a perspectiva das Conseqüências não intencionais, considera a dificuldade de prever os efeitos da tecnologia.

A concepção **Normativa** de determinismo tecnológico é colocada por Bimber como uma concepção menos precisa, porque coloca o peso na atitude humana para explicar as influências históricas da tecnologia. Aqueles que criam e empregam a tecnologia são movidos por objetivos e julgamentos sobre os bens públicos e privados. A tecnologia é autônoma nesse caso quando ela se liberta dos julgamentos éticos e das normas que dirigem a sociedade em geral. A total autonomia se dá quando o julgamento da sociedade é na verdade a norma dos tecnólogos. Ou seja, quando os objetivos de eficiência ou produtividade se tornam substitutos de um debate sobre os métodos, meios e fins. Aqui nos encontramos novamente com a concepção de técnica de Ellul, que para Bimber trata-se de uma dominação social, política e econômica da vida pelo fato da sociedade ter adotado as metas da lógica e da eficiência. Uma forma particular de prática social, e um conjunto de normas que produz esse resultado.

A segunda concepção de determinismo tecnológico é a **Nomológica**. Esta considera que, dada as informações que possuímos sobre o passado e sobre as leis da natureza, existe apenas um futuro possível. Assim a tecnologia exerce uma influência causal na sociedade, requisitando formas de organização ou compromissos de recursos políticos, independentemente do desejo social ou de anteriores práticas sociais. Uma tecnologia como a ferrovia, por exemplo, ao entrar em ação faria com que se seguisse um caminho inevitável necessitando de outras tecnologias como o telégrafo, grandes fábricas de aço, instituições de seguro e de financiamento entre outras, ou seja, um percurso relativamente fixo de mudança econômica, social e cultural. Dessa forma essa visão do determinismo acredita que as estruturas sociais evoluem se adaptando à mudança tecnológica. A evolução ocorre então em decorrência das tecnologias, e em um caminho que não é culturalmente, nem socialmente determinado, forçando a adaptação social a partir de uma lógica própria da tecnologia. Sendo assim, na visão **Normativa**, essa evolução se dá a partir dos desejos e pensamentos das pessoas que produzem a sociedade tecnológica. Já na **Nomológica** a sociedade tecnológica emerge independente dos valores e desejos humanos. Robert Heilbroner em seu texto clássico "*Do Machines Make History?*" de 1967, atestaria a sua filiação a esta perspectiva ao considerar uma seqüência fixa de desenvolvimento tecnológico pelo qual a sociedade

deve passar. Para o autor “o moinho a vapor sucede o moinho manual não por acaso, mas porque é a próxima etapa na conquista técnica.”²⁵ (Heilbroner, 1994:55).

A terceira concepção é a das **Conseqüências não intencionais**. O ponto principal dessa concepção é que até mesmo aqueles que estão preocupados com as conseqüências éticas, são incapazes de antecipar os efeitos do desenvolvimento tecnológico. Dessa forma pode-se afirmar que a tecnologia é pelo menos parcialmente autônoma nos diz Bimber (1994:85). Nas outras duas concepções, segundo o autor, eles também não podem prever os efeitos antecipadamente, mas isso não é uma preocupação necessária para nenhuma dessas visões.

A concepção de **Conseqüências não intencionais**, não diz que há um conjunto de leis particulares que criam os efeitos, assim como não diz quais são as práticas culturais e sociais específicas que produzem os efeitos da tecnologia. O foco está em nossa inabilidade de conhecer por completo as conseqüências das escolhas tecnológicas que fizemos, muito mais do que no processo pelo qual a tecnologia evolui.

Todas essas concepções podem ser consideradas como determinismo tecnológico no sentido estrito? Elas são ao mesmo tempo tecnológicas e deterministas? Para G. A. Cohen (*apud* Bimber, 1994:86), o determinismo tecnológico deve considerar que a história é determinada por leis ou por condições físicas e biológicas e não por vontade humana, isso é o que torna determinista. O segundo componente do critério de Cohen é o de que o determinismo deve ser verdadeiramente tecnológico no seu sentido. Isto é, a tecnologia deve desempenhar uma parte necessária no processo. A tecnologia deve ser entendida como o meio pelas quais as leis físicas formam o curso dos acontecimentos humanos.

Isso nos faz voltar para as definições de tecnologia que apresentamos anteriormente: a tecnologia enquanto instrumental, enquanto regras e por último a concepção de tecnologia como sistema. Se levarmos em conta um conceito de tecnologia que vá além do instrumental, estamos deixando claro que a mudança social depende em maior ou menor medida de fatores sociais. Fazer isso significa dizer que não há como haver determinismo tecnológico nos termos restritos em que Bimber identifica a partir de Cohen. Pois se o humano é responsável pelo seu futuro, não há um determinismo tecnológico.

²⁵ “the steam-mill follows the hand-mill not by chance but because it is the next stage in technical conquest” (Heilbroner, 1994:55). Tradução livre.

A concepção **Normativa** deixa claro que a sociedade é produto da ação e intelecto dos seres humanos. Dessa forma em vez de um determinismo tecnológico podemos considerar que se trata de um fenômeno cultural ou pelo menos uma condição encontrada em certas sociedades como diz Bimber (1994:88).

Ao olharmos para a concepção de **Conseqüências não intencionais**, ela também não se encaixa na forma de determinismo tecnológico, ao contrário, poderíamos chamá-la até de indeterminismo, uma vez que as conseqüências são imprevisíveis e incontroláveis. Além disso, esta é uma perspectiva em relação à sociedade, não se pode considerar a imprevisibilidade como uma característica de cunho especial da tecnologia.

Ao passo que a que se enquadra melhor na definição de determinismo tecnológico é justamente a da concepção **Nomológica**, porque esta situa a mudança social como diretamente ligada a tecnologia. A sociedade evolui a partir de percursos fixos e determinados independentemente da intervenção humana.

Essa sistematização nos parece muito propícia e contribui para delimitar de forma mais precisa de qual autonomia e determinismo tecnológico estamos falando. O que queremos chamar atenção é que nestas perspectivas nenhuma consegue sistematizar qual parcela da mudança social é fruto da tecnologia e qual é a parcela da sociedade nesse processo. Devido a isso acreditamos que os estudos da tradição comunicacional da Teoria do Meio podem trazer importantes contribuições para estas investigações, assim como compreender melhor a análise feita pelos autores aqui analisados.

2.6.3 A Teoria do Meio

Neste capítulo problematizamos este debate do determinismo e a autonomia da tecnologia em relação a Teoria do Meio e os seus estudos dos meios de comunicação enquanto tecnologias a partir de uma perspectiva comunicacional.

Trigueiro considera como os principais enfoques que deram a atenção ao aspecto tecnológico são o sociológico, o econômico, o filosófico, o psicológico, o histórico e o antropológico (2008:48). Não é surpresa não vermos a comunicação entre estas áreas, uma vez que historicamente a discussão dos meios enquanto tecnologias foi negligenciada.

Percebemos no início de nosso trabalho que dentro do saber Comunicação as pesquisas há muito tempo privilegiam os estudos dos efeitos do conteúdo mediados pelos meios de comunicação nas sociedades. Mas para surpresa de muitos, os meios de comunicação enquanto tecnologias foram muito pouco estudados.

A Teoria do Meio procura fazer essa análise e, por destacarem as tecnologias também aparecem as críticas relacionando-a ao determinismo tecnológico. E isso quase sempre com foco aos seus dois principais pesquisadores: Harold Innis e Marshall McLuhan. Assim nos concentraremos nos dois primeiros autores.

McLuhan, parte de uma longa tradição dentro da Filosofia da Tecnologia, que considera os objetos técnicos enquanto extensões do corpo humano. Esta trabalha com uma visão que é principalmente evolucionista, e que tem como um dos grandes nomes o do antropólogo e paleontólogo André Leroi-Gourhan.

Leroi-Gourhan nunca foi famoso como outros autores contemporâneos como o antropólogo Claude Lévi-Straus ou como o arqueólogo François Bordes em países de língua inglesa. Seu principal livro *Le geste et la parole* de 1964 só foi traduzido para o inglês em 1993, até então o autor só era conhecido por *Préhistoire de l'art occidental* de 1965 e traduzido no mesmo ano para o inglês. Esta perspectiva, por fim, não é ficou muito conhecida, assim como este autor, que ficou por muito tempo restrito ao círculo europeu.

Para Andouze (2002:277-278) isso se deu principalmente devido a construção de um vasto arcabouço teórico no qual a posição dos fatos reais nem sempre é uma das características primordiais, constituindo assim uma perspectiva tipicamente francesa, bem diferente dos estudos empíricos das ciências sociais norte-americanas da mesma época. Outro ponto por ser um autor difícil de ler devido à combinação de descrições em vez de definições e discussões em progressão dialética.

O autor propõe uma abordagem multidisciplinar para pensar o desenvolvimento humano em relação à evolução no reino animal, investigando a especificidade humana “definida pela emergência de uma sociedade cada vez mais complexa, acompanhada pela sofisticação crescente das técnicas.” (Machado, 2003:38)

Leroi-Gourhan acredita que a técnica é uma extensão do corpo humano, dessa forma, a técnica substitui funções que anteriormente eram realizadas pelo corpo. A evolução do seres humanos deixa de ser apenas biológica, pois continua extracorporeamente através do desenvolvimento das técnicas e da organização social.

A mão, aquisição que data do macaco, deixa de se transformar (senão mesmo de se adaptar no aspecto neuromotor) a partir do momento em que passa a ser sede do utensílio, e, no caso dos primitivos atropídeos, tudo se vai jogar a nível do equipamento neuromotor do córtex manual e fácil. Do ponto de vista osteomuscular, a evolução passa a ser apenas adaptação e variações menores, enquanto a vanguarda da evolução maciça incide agora sobre o utensílio. (Leroi-Gourhan, 2002:51)

Partindo dessa perspectiva evolucionista, para o autor a técnica surge devido à capacidade dos seres humanos em simbolizar, e esta é a diferença principal que divide o nosso caminho evolutivo em relação aos dos animais. A exteriorização de uma função do corpo é o princípio da evolução da técnica, sendo a faculdade de simbolização como a condição desta capacidade de exteriorização.

A roda, por exemplo, é uma extensão das pernas, assim como o martelo é uma extensão de nossos braços. Leroi-Gourhan vai chamar essa relação entre o homem e o objeto como um circuito funcional (*cycle opératoire*) onde o braço é isolado, e deixa de realizar a função de bater, pois essa função acaba sendo substituída pelo martelo. A técnica nesse sentido não é apenas o objeto técnico, instrumental, mas um processo que se dá coletivamente, que é evolutivo, histórico e que existe apenas em seres com a capacidade simbólica.

Pode-se dizer que a racionalidade técnica é um equacionamento simbólico, um modo de perceber o « mundo », que permite substituições funcionais. Graças à representação simbólica de seu meio ambiente, e também de seu corpo, o homem torna-se capaz de substituir e de exteriorizar todos os fatores do ciclo operatório técnico (estrutura física ou instrumento, força motriz, programa de gestos, programação) (Martino, 2000:110)

Para Leroi-Gourhan é possível explicar uma cultura a partir das técnicas que os mesmos possuíam em seu grupo. Elas são as únicas coisas da obra humana que são capazes de serem rastreadas desde os tempos mais antigos e que estão presentes ao longo da evolução humana (Andouze, 2002:282).

Para Heidegger, uma análise a partir de uma definição instrumental e antropológica, ou seja, uma atividade humana e um conjunto de meios para se obter um determinado fim é correta, mas apenas parcial (Trigueiro, 2008:42). Segundo Trigueiro, Heidegger se pergunta “quais são as condições de possibilidades que tornam a tecnologia uma realidade?” Ou seja, as condições que fazem com que a tecnologia seja o que é (Ibidem). Assim, para Heidegger a “Tecnologia não é um meio, mas um

caminho de revelação, ou de descobrimento ou de desvelamento; é também poiésis (trazer à luz), no sentido que os gregos atribuíam a esse vocábulo” (Ibidem). Nesse sentido a proposta de Leroi-Gourhan, não é contrária à de Heidegger. Pois para Leroi-Gourhan a tecnologia se realiza pelo gesto como um resultado de uma série de condições e que produz, também, uma série de efeitos, ou seja, só existe a partir da ação, compondo assim o circuito funcional. Devido a isso, Leroi-Gourhan queria que sua classificação abrangesse tanto as mais simples do período pré-histórico até as técnicas complexas, como as máquinas.

Parece assim difícil acusar McLuhan de acreditar em uma autonomia da tecnologia, pois ao se valer do conceito de exteriorização, o autor situa que a técnica é fruto da sociedade, uma vez que ela é uma extensão de nós mesmos, ou seja, não há uma cisão entre o meio natural e o meio técnico. Assim, McLuhan se baseia em um conceito de tecnologia como instrumento, não como regras ou como um sistema.

Pereira (2006) traz para a discussão as críticas feitas por Raymond Williams (1974) a McLuhan, situando a sua proposta de que “o meio é a mensagem” como simples formalismo. Para Pereira a crítica se dá em dois movimentos:

O primeiro, pressupõe que McLuhan, ao evitar variáveis sociais, políticas e econômicas nas suas análises sobre as mídias, estaria revelando uma crença em uma essência humana ideal, cuja única forma de afetação seria, em última instância, física, traduzida, pois, em afetações neuro-fisiológicas. Isto levaria o pensamento de McLuhan a excluir a história como a verdadeira causa das afetações do humano, o segundo movimento da argumentação crítica de Williams. (2006)

Segundo análise de Pereira, Williams estaria querendo chamar a atenção para o fato de que toda forma de determinação histórica deveria ser tomada como um processo complexo, e devido a isso nenhuma variável deveria ganhar o status de hegemônica “uma vez que as dinâmicas da própria história são capazes de reverter por completo a suposta predominância de variáveis em questão”. Sendo assim, em última instância ele reclama a necessidade de reconhecer até onde vai a contribuição de cada variável.

Para o autor, a crítica de Williams poderia ter sido mais branda se tivesse vivido para ler textos de McLuhan disponibilizados publicamente somente após o falecimento dos dois autores, principalmente a última obra *Laws of Media* escrita com seu filho Eric

McLuhan. Segundo o autor, McLuhan apresenta neste livro uma perspectiva que se aproxima muito do que ele chamou de “culturalista”.

São três exemplos que o autor dá para justificar essa nomenclatura. A primeira refere-se à noção dada no livro *Laws of Media* de que qualquer artefato material ou imaterial poderia ser considerado como verbal na sua estrutura. Para Pereira, isso demonstraria que McLuhan não estaria analisando apenas e exclusivamente através do viés tecnológico.

A segunda pressupõe que a noção de meio ambiente (*environment*) é marcada por ações sociais e simbólicas. McLuhan, seguindo o modelo de neuro-atômico de Robert Trotter, apresenta o cérebro dividido em dois hemisférios com funções opostas, mas complementares. O hemisfério direito seria responsável pela espacialidade, holística, apreciador de qualidades, simultâneo, sincrônico, musical, emocional. Enquanto o esquerdo seria responsável pela lógica-matemática, linear, seqüencial, analítico, intelectual, racional e fragmentado.

A dominância cultural seja de um hemisfério ou de outro, diz McLuhan, e dependeria de fatores ambientais, onde:

A linearidade do hemisfério esquerdo é garantida por um ambiente de serviços de estradas e transportes baseado no alfabeto, e por atividades lógicas ou racionais na administração social e legal. Dominância do hemisfério direito, entretanto, depende de um meio cultural ou ambiente de caráter simultaneamente ressonante. (McLuhan & McLuhan *apud* Pereira, 2006)

E a terceira diz respeito às noções de figura (*figure*) e fundo (*ground*), onde o meio (figura) opera através de um contexto (fundo). Para Pereira, essa noção provinda da Gestalt demonstra que a cultura pode funcionar como um meio e vice-versa, onde o fundo de qualquer tecnologia seria “a situação que dá origem, que ocasiona a própria tecnologia, por outro, todo o ambiente, o conjunto de serviços e desserviços, ou, genericamente, as afetações, que esta mesma tecnologia passa a promover”. O fundo proveria a maneira como a tecnologia é percebida na sociedade formando estruturas perceptivas, função esta que era anteriormente apontada como das tecnologias. Dessa forma a cultura “estaria bastante presente socializando a tecnologia”.

Assim, Pereira acredita que em vez de negligenciar o aspecto social em seus trabalhos, McLuhan parece:

... apenas reivindicar atenção para uma dinâmica que nunca fora tratada com a atenção devida, a saber, a possibilidade de agentes técnicos/materiais inerentes aos

meios, paralelos aos agentes sociais, afetarem, também, por vias muito específicas, os modos de ser humano. (2006)

McLuhan é muitas vezes ligado ao determinismo tecnológico pelos seus “saltos”, entre particularidades dos meios e o seus efeitos sociais. Fruto também do seu estilo de escrita aplicando jogos de palavras, paradoxos, frases rápidas e enigmáticas e de múltiplos sentidos. O que caracterizaria uma falta de “academicismo” também pode ser estratégia deliberada como o próprio afirma em seu livro *Leyes de los Médios* (1990) escrito com seu filho Eric McLuhan:

O estilo de UM (*Understanding Media*) tinha sido deliberadamente eleito pelo seu caráter ríspido e descontínuo, e se forjou em muitas diferentes redações. Foi deliberadamente escolhido para provocar ao leitor, para irritar as sensibilidades em uma forma de consciência que complementasse melhor o tema. Esta é a técnica (ou a ciência, se os senhores querem) poética de alta categoria: satirizar diretamente ao leitor, como um meio de ensinar-lhe.²⁶

Como atestava o seu editor ao ler o manuscrito do livro “Os meios de comunicação como extensões do homem” disse “Eu raramente li algo que exigia tantos despreparados saltos mental por parte do leitor”²⁷, McLuhan parece ter atingido o seu objetivo.

O crítico Christopher Ricks, ao fazer crítica ao livro “Understanding Media” de McLuhan, reconhece a importância dos temas como velocidade elétrica, meios como extensões e efeitos dos meios, mas dizendo que estes “coabitam de forma não muito frutífera” destacando que “eles estão completamente afogados pelo estilo”.²⁸

²⁶ “El estilo de UM (*Understanding Media*) había sido deliberadamente elegido por su carácter ríspido y discontinuo, y se forjó en muchas distintas redacciones. Fue deliberadamente escogido para provocar al lector, para irritar las sensibilidades en una forma de conciencia que complementara mejor el tema. Ésta es la técnica (o la ciencia, si ustedes quieren) poética de alta categoría: satirizar directamente al lector, como un medio de enseñarle”. (1990:10) Tradução Livre.

²⁷ I have rarely read anything that required so many unprepared mental leaps on the part of the reader. National Archive of Canadá, volume 77, file 9, David Segal to Marshall McLuhan, 26 de Julho de 1963. (*apud* Gordon, 1997:198). Tradução Livre.

²⁸ “cohabit not very fruitfully” & they are altogether drowned by the style. (Christopher Ricks *apud* Gordon, 1997:206). Tradução Livre.

Denis McQuail, em seu livro *Teorias da Comunicação de Massa* (2003) considera que chamar a tradição da Teoria do Meio²⁹ e a elencada por Gouldner como deterministas “não presta justiça às suas diferenças e gradações mas há um elemento em comum de «centração nos media»” (2003:88).

Ainda assim, o título do capítulo em questão é “Teoria dos Media e da Sociedade: Determinismo da Tecnologia da Comunicação”. Em seu texto sobre a Teoria do Meio, diz que Innis “atribuiu as características de sucessivas civilizações antigas aos modos prevaletentes e dominantes da comunicação, cada um com a sua própria «tendência» em termos da forma da sociedade.” (2003:88).

Passamos para uma breve análise dos dois argumentos de McQuail e a relação destes com os dois principais pesquisadores da Teoria do Meio. O primeiro argumento que McQuail faz é de que a maioria dos pesquisadores “desconfiam por ora das explicações de fatores singulares para a mudança social e não acreditam de fato em efeitos mecanicistas diretos das novas tecnologias” (2003:90), ou seja, o autor atribui a tradição da Teoria do Meio como se explicasse a mudança social a partir de um único fator.

Complementar ao este argumento McQuail diz:

Já não faz sentido pensar em termos de um único meio dominante, com propriedades únicas. Isso pode ter sido justificável no caso do livro, ou, em alguns aspectos, do telégrafos e do telefone. Neste momento, muitas formas novas de media coexistem em outras dos <velhos> media, sem que nenhuma tenha desaparecido. (2003:90)

Sobre este primeiro argumento, nos parece que as reflexões de Pereira sobre McLuhan e seus textos lançados posteriormente contradizem a idéia de um único fator, conforme observamos anteriormente.

Innis com sua análise histórica procura primeiramente examinar como um novo meio de comunicação surge na sociedade, e isso considera as condições sociais que levaram ao seu uso e institucionalização. Para Marshall Soules (2007) isso demonstra que:

Innis vê uma relação dialética entre a sociedade e a tecnologia: eles influenciam-se mutuamente. Segundo essa visão, certas formas sociais e situações incentivam o desenvolvimento de novos meios de comunicação, estes

²⁹ Ele fala na verdade da Escola de Toronto e não da Teoria do Meio, mas seus autores principais são compatíveis.

meios de comunicação, operando dentro de situações existentes, reagem de volta na sociedade para produzir um novo ciclo de mudança.³⁰

Ou ainda Innis em suas próprias palavras: “Seria presunçoso sugerir que a escrita ou a palavra impressa determinou o curso das civilizações...”.³¹

A segunda parte do argumento diz que não é possível pensar em um meio de comunicação dominante, e que supostamente nas análises feitas pela Teoria do Meio, não se leva em conta que os meios de comunicação coexistem e sim que desaparecem. Esta parece ser uma posição justamente contrária aos trabalhos elencados por McLuhan e Innis. As comparações como faz McLuhan entre meios quentes e frios, entre meios visuais, orais, tácteis etc. revelam um conflito constante entre diversos meios de comunicação. Ainda mais quando se analisa as noções:

O efeito de um meio se torna mais forte e intenso justamente porque o seu ‘conteúdo’ é um outro meio. O conteúdo de um filme é um romance, uma peça de teatro ou uma ópera. [...] O “conteúdo” da escrita ou da imprensa é a fala ... (1971:33)

Ou ainda a interpretação de Gordon em sua biografia sobre McLuhan:

Quando os meios de comunicação se unem, ambos forma e uso mudam. Assim faz a escala, a velocidade e a intensidade dos esforços humanos afetados. E assim como os ambientes em torno dos meios de comunicação e seus usuários. (2007:205).³²

Ou seja, os meios continuam coexistindo, e o novo meio acaba por incorporar outros meios. No caso de Innis não percebemos facilmente essa incorporação, mas uma competição entre os meios, e a coexistência é clara:

A conquista de prosa sobre a poesia assumiu uma mudança fundamental na civilização grega. A disseminação da escrita destruiu uma civilização baseada na tradição oral, mas a força da tradição oral como refletida na cultura da Grécia continuou ao longo da história do Ocidente, particularmente

³⁰ “Innis sees a dialectical relationship between society and technology: they influence one another mutually. According to this view, certain social forms and situations encourage the development of new media; these media, operating within existing situations, react back on society to produce a new cycle of change”. (Soules, 2007) Tradução Livre.

³¹ “It would be presumptuous to suggest that the written or the printed word has determined the course of civilizations...” (Innis, 1986:5). Tradução Livre.

³² “When media combine, both they form and use change. So do the scale, speed, and intensity of the human endeavors affected. And so do the environments surrounding the media and their users”. (2007:205). Tradução Livre.

em períodos em que a mão morta da tradição escrita ameaçou destruir o espírito do homem ocidental.³³

O segundo argumento é na verdade uma chamada “alternativa” a esses estudos que deveriam considerar que:

Os efeitos só ocorrem quando as invenções são adotadas, desenvolvidas e aplicadas, geralmente para usos já existentes em primeiro lugar, depois com grande extensão e mudança de uso de acordo com a capacidade da tecnologia e as necessidades de uma sociedade (ver págs. 122-125). O desenvolvimento é sempre marcado pelo contexto social e cultural. (2003:90).

No caso de Innis, esse argumento de McQuail parece ainda mais contraditório. A todo momento em seus textos Innis chama a atenção que os efeitos ligados aos meios de comunicação ocorrem porque a sociedade resolveu utilizar determinado meio. As conseqüências desses usos não são diretas, é por isso que o autor chama a atenção que o bias, ou seja, a tendência geral da utilização que ocorre a longo prazo. Como por exemplo:

O desenvolvimento burocrático do império romano e o sucesso na resolução de problemas de administração sobre vastas áreas foram dependentes do abastecimento de papiro. O *bias* deste meio de comunicação tornou-se evidente no monopólio da burocracia e na sua incapacidade para encontrar uma solução satisfatória para os problemas da terceira dimensão dos impérios, isto é, tempo.³⁴

Não faria sentido situar um certo contexto histórico se ele não fosse uma das variáveis no processo de modificação social. Assim Innis está analisando as conseqüências dos meios e de suas características particulares em um determinado contexto social. Da mesma forma como observamos anteriormente os elementos analisados por McLuhan onde o meio (figura) opera através de um contexto (fundo) e que foram discutidos por Pereira (2006).

³³ “The conquest of prose over poetry assumed a fundamental change in Greek civilization. The spread of writing destroyed a civilization based on the oral tradition, but the power of the oral tradition as reflected in the culture of Greece has continued throughout the history of the West, particularly at periods when the dead hand of the written tradition threatened to destroy the spirit of Western man.” (Innis, 1950:70) Tradução Livre.

³⁴ The bureaucratic development of the Roman empire and success in solving problems of administration over vast areas were dependent on supplies of papyrus. The bias of this medium became apparent in the monopoly of bureaucracy and its inability to find a satisfactory solution to the problems of the third dimension of empires, namely time. (Innis, 1949:467) Tradução Livre.

Pereira consegue defender as críticas de Raymond Williams em relação ao trabalho de McLuhan? Nos parece difícil precisar. Como Carey apontou Innis estaria muito mais para um “soft determinist” do que McLuhan (2005:194).

Dentre os três sentidos que o conceito de tecnologia ganha e em nossa discussão no item anterior em relação ao conceito de meio de comunicação acreditamos poder situar que o conceito que McLuhan e Innis levam a cabo é o da tecnologia enquanto instrumento, ainda que para o primeiro o efeito do uso da tecnologia seja a criação de um ambiente.

Como diz Bimber, em sua classificação dos vários sentidos de determinismo tecnológico, a única que seria estritamente determinista e tecnológica seria a nomológica. Como poderíamos classificar as pesquisas da Teoria do Meio? A concepção Normativa não leva em conta as conseqüências do uso das tecnologias, preocupa-se apenas em situar o seu controle na criação, ou seja, que a tecnologia se torna autônoma e determinista quando nós deixamos que isso aconteça ao utilizar apenas das normas técnicas para fazer o julgamento da aplicação destas. O que claramente não é uma posição que vemos em Innis e McLuhan A Nomológica, considera que a tecnologia exerce uma influencia causal na prática social. Bimber considera que, quando vários processos tecnológicos se iniciam, eles requerem formas de organização ou “compromissos dos recursos políticos”. Dessa maneira, independente do desejo da sociedade, ela seguiria um caminho em que as estruturas sociais evoluem se adaptando a mudança tecnológica. Trata-se de um caminho lógico que não foi determinado pela cultura e pelo social. Essa concepção de determinismo tecnológico é para Bimber a única que corresponde as suas exigências: ser determinista e ser tecnológica.

A concepção Nomológica, apesar de McLuhan se aproximar noção evolucionista seguindo Leroi-Gourhan não diz que existe apenas um futuro possível, e que se segue as leis da natureza. Innis nesse sentido é bem enfático quando situa a noção dos *bias* dos meios, ao dizer que o meio implicaria uma tendência e que depende certamente de diversos fatores, principalmente os relacionados ao seu desenvolvimento e a forma de uso do mesmo.

No caso das conseqüências não intencionais, confere-se a essa concepção o caráter de determinista tecnológico segundo Bimber devido ao fato de que a sociedade, e os principais atores não conseguem predizer as conseqüências da tecnologia, pois seus efeitos da tecnologia são incertos e incontroláveis. A Igreja não pôde prever que no

longo prazo a revolução da imprensa iria acabar com o seu monopólio sobre o conhecimento religioso. Ao contrário a imprensa contornou os escribas e permitiu uma maior disponibilidade de outros textos religiosos e da própria bíblia, segundo Innis (*apud* Meyrowitz, 1994:51). Mas neste caso mais do que um determinismo tecnológico estaríamos na presença de um puro indeterminismo social.

Ao seguir a risca as classificações do autor, então podemos perceber que nenhuma delas (Nomológica, Normativa, e de Conseqüências não intencionais) parece refletir inteiramente a posição dos pesquisadores da Teoria do Meio. Ou pelo menos a partir dessa sistematização de Bimber.

A relação entre determinismo tecnológico e Teoria do Meio é um debate frutífero, mas que só pode ser feito com uma análise aprofundada e com um exame conceitual de determinismo tecnológico.

A relação entre meios de comunicação e sociedade é uma linha tênue de equilíbrio, aponta Martino, pois de um lado está “sempre ameaçado pelo risco de submergir seu objeto na vida social, fazendo-os desaparecer sob as determinações de outras atividades mais significativas” (2000:106) e de outro a abordagem de um determinismo tecnológico.

Dessa forma, nossa análise aqui não procura dar o assunto como encerrado, o que queremos chamar atenção é que algumas críticas feitas aos autores parecem não se sustentar. Nossa crítica está na fraqueza dos argumentos mais do que uma defesa ou acusação do determinismo tecnológico. Sendo assim, não invalidamos que possam existir críticas e argumentos adequados, mas o que temos visto é uma banalização conceitual que leva a acusações que não sustentam a menor análise de alguns textos dos autores.

Seja McLuhan, pesquisando a extensão e a perturbação dos sentidos, ou Innis refletindo sobre as tendências (*bias*) espaço-temporais dos meios de comunicação, assim como a formação e destruição de monopólios de conhecimento estabelecidos com a ajuda dos meios de comunicação, a tradição da Teoria do Meio estabelece como objeto um conjunto de técnicas: os meios de comunicação. E consegue dessa maneira investigar características gerais dos meios de comunicação enquanto tecnologias e seus efeitos na sociedade.

A Teoria do Meio não estabelece seus estudos em um nível macro analisando todas as técnicas, e ao mesmo tempo não fica na especificidade de analisar apenas um

meio de comunicação. Ela procura investigar as características gerais de um grupo de técnicas, os meios de comunicação.

Como atesta Trigueiro, a maioria das discussões sobre a técnica não faz um exame de uma situação concreta. Heidegger, por exemplo, ao não se deter nem se aprofundar em uma situação específica (2008:17) impediu que a dinâmica da tecnologia se apresentasse. Dessa forma concordamos com Dusek (2008), para quem uma filosofia da técnica geral dificilmente dá conta de produzir regras gerais de comportamento se não descer do nível macro.

Dessa forma, a Teoria do Meio enquanto uma tradição comunicacional tem avançado, ainda que com poucos estudos, ao propor o estudo de um universo específico de técnicas. Acreditamos assim que esta proposta pode ser de grande contribuição também para os estudos da Filosofia da Técnica.

A Teoria do Meio deixa claro que os meios têm a sua parcela de participação na mudança social. Ainda que de forma inicial, acreditamos que a mesma não se filia à autonomia da tecnologia, ou a um determinismo tecnológico. Situando-se em um espaço que considera as duas influências, a social e a dos meios de comunicação, ainda que escolha este último como objeto privilegiado, uma vez que se situa dentro do campo da Comunicação e, portanto sua reflexão sobre a realidade se dá a partir do olhar comunicacional.

3 CARACTERÍSTICAS DA INTERNET

Depois de situar a tradição da Teoria do Meio em relação a outras tradições e compreender melhor esta tradição, o objetivo deste capítulo é reunir informações suficientes para realizarmos um estudo comparativo. O estudo comparativo (cap. 4) consiste em refletir sobre a capacidade da Teoria do Meio em abarcar a Internet enquanto objeto de estudo.

Mas quais são as características da Internet? Qual seria a nossa aproximação para chegarmos a essas características?

Para sistematizar as principais características da Internet optamos pela investigação em cima do material provido por pesquisadores mais relevantes sobre o assunto no Brasil. Dessa forma, os dados empíricos, documental e analítico sobre as características mais importantes da Internet e suas conseqüências provêm destes pesquisadores.

Realizamos assim uma análise comparativa entre as características principais que os estudiosos da cibercultura destacam da Internet e como a Teoria do Meio é capaz de lidar com elas. A Teoria do Meio nos permite analisar estas características da Internet desde que ponto de vista? Há características que a Teoria do Meio destaca que os pesquisadores da cibercultura não se atêm? E vice-versa?

Para investigar essas questões precisamos construir um *corpus* de pesquisa referente aos pesquisadores da cibercultura, mas como fazemos essa seleção? O processo de escolha dos textos a serem analisados se deu através de duas etapas.

A primeira consistiu em agrupar todas as referências bibliográficas de todos os artigos aprovados na Compós entre os anos de 2006 a 2009, constituindo quatro anos e 40 artigos.

A COMPÓS - Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação fundada em 1991, é um importante e respeitável organismo que reúne os principais pesquisadores do país. Ela organiza anualmente encontro de pesquisadores que são estruturados sob a forma de Grupos de Trabalhos (GTs), onde são apresentados e debatidos estudos destes pesquisadores nos mais diversos enfoques da comunicação.

Dentre os GTs, há o que consideramos mais específico para a nossa problematização. O GT de Comunicação e Cibercultura segundo o site da COMPÓS:

... tem por objetivo debater trabalhos na intersecção da comunicação e da cibercultura. Por cibercultura compreende-se as relações entre as tecnologias informacionais de comunicação e informação (TICs) e a cultura contemporânea, emergentes a partir da convergência informática / telecomunicações. Busca-se, assim, compreender o papel das TICs em interface com os problemas da comunicação sob diversas perspectivas (histórica, sociológica, filosófica, política, estética, imaginária) (2009)

A cada ano o GT deve ter no mínimo uma rotatividade de 30% de novos pesquisadores e no máximo 70%. Dessa forma selecionamos quatro anos de artigos publicados no GT de Comunicação e Cibercultura, compondo assim 40 artigos.

Nosso objetivo nessa investigação era justamente o de constituir uma forma de verificar a relevância dos pesquisadores. Assim não consideramos os autores que foram aprovados pela COMPÓS simplesmente como relevantes. Nosso critério de relevância leva em conta as referências aos autores.

Isso significa que cada artigo selecionamos as suas referências bibliográficas, e a partir delas referências constituímos um ranking dos autores mais citados, e confrontamos com as citações que provinham dos próprios autores, formando-se assim um ranking que apelidado de "Ranking de referências reais".

A segunda parte dessa organização foi verificar o Índice H, dos autores, incluindo aí as suas próprias citações, formando assim um outro ranking para comparação. O Índice H foi proposto em 2005 pelo físico de matéria condensada Jorge E. Hirsch (por isso o nome), como uma forma de conferir a relevância de determinados autores e trabalhos, considerado também como fator de impacto.

O Índice H é um coeficiente que representa o número de artigos com citações maiores ou iguais a este número. Assim um autor com Índice H igual a três significa que ele tem ao menos três artigos que receberam pelo menos três citações. Esta forma de mensuração tem ganhado destaque internacional e hoje faz parte também de importantes sistemas de busca de periódicos on-line, como o Web of Science (<http://www.isiwebofknowledge.com/>). Dessa forma, criamos também uma classificação que levasse em conta o Índice H dos autores mais citados.

Ainda assim não acreditamos que os mais citados ou com os maiores índices H significavam que eles eram referência sobre a Internet. Isso porque poderia ocorrer que determinados autores fossem citados nos textos, por exemplo, para explicar alguma dinâmica social entre outras. Por isso, para isolarmos apenas os autores que trabalham de fato com internet, selecionamos os 20 autores mais citados e selecionamos apenas

aqueles em que o tema Internet era contemplado em seus textos, ou um tema próximo, como por exemplo, cibercultura, redes sociais entre outros.

Os resultados destes quadros foram muito interessantes e abrem as portas para estudos mais aprofundados sobre a relevância de autores e textos e a sua devida importância para a área da Comunicação.

Resultados

Em 40 artigos³⁵, foram encontradas 926 referências a textos, uma média de 23,15 referências por texto analisado. Destas referências, o autor mais citado foi Jean Baudrillard com 21 referências³⁶ - ele também foi o único a alcançar o valor 3 no Índice H. Os demais ou ficaram com 2 ou abaixo disso. Seguindo em segundo lugar de referências ficou Paul Virilio e em seguida Michel Foucault. Dessa forma precisamos fazer a nossa filtragem relacionada com o tema de nossa investigação: a Internet.

Diante disso excluímos vários autores como Foucault, pois seu livro mais referenciado foi *Vigiar e Punir* (1983), que não possui relação direta com nosso tema. Aplicamos assim o mesmo critério para excluir o livro *Simulacres et Simulations* (1981) de Jean Baudrillard; *A crise de legitimação no capitalismo tardio* (1980) de Jürgen Habermas; os livros de Herbert Blumer, pois cada livro foi citado uma vez, e apenas um autor fez todas as referências; *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia* (1995) de Gilles Deleuze e Felix Guattari; *Magia e Técnica, Arte e Política* (1994) de Walter Benjamin; e por último *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio* (1997) Frederic Jameson. Todos estes entre os mais referenciados, mas sem relação direta com o nosso tema.

Outro dado interessante foi o referente ao pesquisador Eugênio Trivinho que teve um total de 10 referências, mas todas elas feitas pelo próprio autor, resultando em um índice de zero em nosso “Ranking de referências reais”, ainda que obtivesse o valor de dois no Índice H.

Devido a esse tipo de incompatibilidade, juntamos o Índice H e o “Ranking de referências reais” para estabelecer quais textos nós trabalharíamos. Assim,

³⁵ Ver Anexo A com a lista de todos os artigos analisados.

³⁶ Ver Anexo C com as tabelas das referências.

consideramos principalmente a quantidade de referências reais aos autores/textos, e os textos que tenham recebido mais referências de cada autor. Os selecionados foram:

- A. LEMOS, André. *Cibercultura: Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- B. CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.
- C. SANTAELLA, L. *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo: Paulus, 2003.
- D. RHEINGOLD, Howard. *A comunidade Virtual*. Trad. Helder Aranha. Lisboa: Gradiva, 1996

Certamente alguns textos ficaram de fora desta lista, mas acreditamos que estes escolhidos são os mais importantes a partir das classificações que construímos. Ainda assim, devo algumas explicações, e acho que a principal delas se refere à ausência da autora Raquel Recuero. O primeiro ponto é que durante os quatro anos da COMPÓS, a autora apresentou dois textos, e neles haviam sete referências para os próprios artigos, e seus artigos aparecem em seis textos, sendo dois dela própria, computando o aparecimento em quatro textos “reais”. No caso do Howard Rheingold seu texto mais citado *Smart Mobs* (2002) não está disponível no Brasil, por isso optamos pelo seu segundo texto mais citado *A Comunidade Virtual* (1996). Outro caso é a ausência do livro *La Vitesse de Libération* (1995) de Paul Virilio, onde a temática da Internet é muito obscura, focando-se quase sempre na televisão e em um único efeito dos meios de comunicação que seria a velocidade levando a uma mudança na concepção de tempo e distância, e a uma desterritorialização e desespacialização. Outro agravante é que este autor mesmo sendo referenciado 15 vezes, destas 11 são feitas pelo mesmo autor, Eugênio Trivinho, em três textos.

Outro caso a ser considerado é a ausência do autor Pierre Lévy, que teve seus textos publicados em sete textos diferentes, sendo que ele não é autor de nenhum dos 40 artigos. Apesar de seus textos serem amplamente conhecidos no Brasil, seu livro mais citado, *As Tecnologias da Inteligência* (1993), pouco acrescenta em nosso debate sobre Internet, justamente por situar na verdade como seu objeto as tecnologias digitais de forma muito geral e ampla sem citar em nenhum momento a palavra “Internet”. Assim, construímos uma seleção adotando para a análise apenas um texto (o mais citado) de cada autor e que estivesse disponível.

3.1 QUADRO DE REFERÊNCIAS SELECIONADAS

Na primeira etapa separamos as referências a partir do nosso *tema* e estas compõem o nosso *inventário* geral. De acordo com Laurence Bardin (1994:105):

Fazer uma análise temática, consiste em descobrir os ‘núcleos de sentido’ que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido.

Dessa forma, procuramos identificar tudo que estivesse relacionado como, por exemplo, efeitos da Internet em todos os seus aspectos, processo de formação, propriedades deste meio, suas relações com outros meios, instituições entre outros.

Para Bardin (1994) o processo de categorização pode ser feito de duas maneiras. A primeira consiste em fornecer um sistema de categorias e repartir em “caixas” os elementos na medida em que vão aparecendo. O segundo procedimento é aquele em que o sistema de categorias não é fornecido de antemão. Aqui as categorias são o resultado da classificação progressiva dos elementos. Sendo assim, o título conceitual de cada categoria só é definido no final da operação. Nossa opção é pelo segundo procedimento, uma vez que permite revelar os pontos mais fortes levantados pelos autores, não sendo então um olhar induzido sobre o inventário.

A segunda etapa consiste realizar o processo de categorização. Trata-se de a partir da análise dos textos selecionados, agrupar e classificar as referências em categorias. As categorias funcionam com nomes de caixas no quais distribuimos os itens de sentido classificados. Já a classificação refere-se à tarefa de distinguir elementos a partir de critérios capazes de colocar ordem.

Para Bardin (1994:120), boas categorias devem ter as seguintes qualidades: (1) exclusão mútua – propõe que cada elemento não pode existir em mais de uma categoria; (2) homogeneidade – propõe que em uma categoria só pode existir uma dimensão de análise; (3) pertinência – quando a categoria é pertinente ao material de análise, correspondendo às características das mensagens; (4) objetividade e a fidelidade – o organizador deve definir de forma clara as variáveis que determinam a entrada de um elemento em uma categoria, a fim de garantir a objetividade e fidelidade da seleção; (5) produtividade – as categorias só são produtivas se oferecerem resultados férteis, ou seja, “hipóteses novas e em dados exatos” (1994:121)

Dessa forma, as categorias propostas neste trabalho compõem-se da seguinte maneira: (1) Ambiente/Organização Social; (2) Difusão/Criação; (3) Redefinição/Convergência/Propriedades dos Meios; (4) Sentidos; (5) Espaço/Tempo; (6) Identidade/Relação Social; (7) Controle.

Uma breve introdução em cada categoria descreve a importância da mesma e que fenômenos estão sob esta denominação, ou seja, o núcleo de sentido desta categoria. Em seguida, apresentamos as discussões de cada autor, analisando a pertinência de suas discussões com a categoria inscrita. Uma observação importante é que não procuramos analisar a forma de construção e suas contradições ou as divergências entre os autores e em relação ao nosso trabalho. Assim, se um autor chama a atenção dizendo, por exemplo, que a Internet é azul, e outro pesquisador diz que a Internet é amarela, nos interessa realmente é que eles estejam falando de “cores”. Cabe aqui esclarecer que os núcleos de sentidos aqui apresentados não são definidos a priori, e sim que foram definidos e redefinidos conforme análise das obras dos autores aqui selecionados.

3.1.1 Ambiente/Organização Social

Nesta categoria, procuramos situar as referências a um efeito/potencial macro da Internet na estruturação da sociedade, tanto na sua organização social, através de instituições, assim como em outras esferas como a econômica e política.

Santaella diz que os meios de comunicação, até o presente momento das redes digitais, são capazes não só de “moldar o pensamento e a sensibilidade dos seres humanos, mas também de propiciar o surgimento de novos ambientes socioculturais”. (2003:13) Seu potencial não se limita ao progresso técnico única e exclusivamente, mas “também é significativa para a nova matriz de forças políticas e culturais que ela suporta.” (73), isso porque estas tecnologias da comunicação e informação “estabelecem as condições para escala e natureza das possibilidades organizacionais, permitindo o desenvolvimento de organizações burocráticas complexas e de larga escala”. (2003:73)

Esses recursos, diz Santaella, seguindo Robins e Webster (2003: - 1999:109) “também constituem o sistema nervoso do Estado moderno e garantem sua coesão como uma organização expansiva”. (2003:73), garantindo então a organização da sociedade.

Para a autora, são duas as conseqüências mais visíveis da cibercultura: as comunidades virtuais e a inteligência coletiva. (2003:105). A Internet, a realidade virtual, assim como outras tecnologias potencializam estruturas como as comunidades virtuais, em que as formas de comunicação são descentralizadas e ao mesmo diversas, implicando em realidades múltiplas (2003:128).

Santaella enfoca boa parte de seu livro investigando situações em que a cibercultura estaria trazendo mudanças, mas “não só no imaginário, mas também no real do corpo” (2003:215), ainda assim elas não se situam como mudanças relacionadas exclusivamente à Internet. Na verdade trata-se quase sempre de situações trazidas pelos computadores e a conseqüente digitalização que aí está implicada.

E finalizando diz que “No lugar de um espaço fechado, mundo paralelo, como querem alguns, desligado do mundo real, o ciberespaço colabora para a criação de uma ‘realidade aumentada’” (2003:229), implicando a relação interdependente entre o ciberespaço e sociedade.

André Lemos em seu livro “Cibercultura” situa que as redes telemáticas estão desterritorializando e desespacializando a cultura, tendo um grande impacto nas mais variadas estruturas sociais, principalmente nas econômicas, sociais, políticas e culturais. Para ele, as comunidades virtuais, engendradas na Internet possuem três características principais: o tribalismo, o presenteísmo e o hedonismo. O tribalismo referindo-se ao retorno das formas tribais de relações, não mais racional ou contratual. Já o presenteísmo refere-se a uma relação com o tempo, em que apenas o presente é importante. E por último o hedonismo, em que o prazer é a finalidade última. Estas características acabam abalando a rigidez “das formas sociais modernas (partidos, classes, gênero)” (2002:75), ou seja, as estruturas de legitimação do discurso clássicas se enfraquecem enquanto o emissor e o receptor se tornam a mesma pessoa. (2002:80). Lemos diz que essa relação direta entre as tecnologias digitais como a Internet, e os meios de comunicação de massa redefine a dinâmica social como um todo, alterando assim nossa noção de espaço/tempo, sujeito e objeto, comunidade e indivíduo, natureza e artifício, e entre real e virtual. (2002:259)

Para Manuel Castells em seu texto *A Sociedade em Rede*, a Internet cresce exponencialmente, e com isso cria novas formas de comunicação, moldando a vida, mas ao mesmo tempo sendo moldada por ela (2000:40). A nova revolução faz difundir pela cultura o espírito libertário dos movimentos dos anos 60 que foram os seus primeiros usuários (2000:43).

E essa revolução se manifesta na sociedade sob diversas formas, formando uma nova estrutura social em que surge “um novo modo de desenvolvimento, o informacionalismo, historicamente moldado pela reestruturação do modo capitalista de produção no final do século XX” (2000:51).

Esse informacionalismo compõe-se por novas formas de geração de conhecimentos, processamento e comunicação. Assim a primeira matéria-prima deste novo paradigma é a informação. Mas não só informação para agir sobre a tecnologia, mas tecnologias para agir sobre a informação. (2000:108).

A segunda característica que Castells chama a atenção é da penetrabilidade dos efeitos das novas tecnologias, em que toda a atividade humana é afetada por elas. O terceiro aspecto refere-se “à lógica de redes em qualquer sistema ou conjunto de relações, usando essas novas tecnologias da informação” (2000:74). A quarta característica referente aos sistemas de redes que permitem a sua flexibilidade (2000:108).

Todas essas características apontam, segundo Castells, para um novo paradigma tecnológico que tem grande capacidade de reconfiguração, necessária para uma sociedade caracterizada por constante mudança e fluidez organizacional. (2000:109)

A emergência de um novo paradigma tecnológico organizado em torno de novas tecnologias da informação, mais flexíveis e poderosas, possibilita que a própria informação se torne o produto do processo produto. (2000:119)

Castells atesta a centralidade da comunicação na configuração da cultura:

Como a cultura é mediada e determinada pela comunicação, as próprias culturas, isto é, nossos sistemas de crenças e códigos historicamente produzidos são transformados de maneira fundamental pelo novo sistema tecnológico e o serão ainda mais com o passar do tempo. (2000:414)

Essa nova configuração, idealizada principalmente pela Internet faz pensar nas conseqüências da mesma, que giram em torno de dois pontos opostos nos anos 90: “a Internet favorece a criação de novas comunidades, comunidades virtuais”, ou, “pelo contrário, está induzindo ao isolamento pessoal, cortando os laços das pessoas com a sociedade, e por fim, com o mundo ‘real’” (2000:442), mas uma coisa é fato: ela transforma sensivelmente a organização social.

E o mundo dos negócios também é afetado como a explosão das compras online, e o futuro desaparecimento ou transformação completa de empresas e serviços como as

livrarias, lojas de discos, talvez revendas de automóveis entre outras (Castells, 2000:447).

Entretanto, diz o autor, outras instituições como as escolas e universidades parecem ser as menos afetadas “apesar do uso previsível quase universal de computadores nas salas de aula dos países desenvolvidos.” (2000:486)

Embora a forma de organização social em redes tenha existido em outros tempos e espaços, o novo paradigma da tecnologia da informação fornece a base material para sua expansão penetrante em toda a estrutura social. (2000:565)

Outro pesquisador que selecionamos para as análises é o jornalista Howard Rheingold. O autor é reconhecido como o cunhador do termo “comunidade virtual” em seu livro *A Comunidade Virtual*. Apesar de nem sempre de forma declarada, ele é uma das fontes bases nas quais dos pesquisadores aqui analisados.

Um dos primeiros pontos é justamente as duas características principais do que ele chama de CMC (Comunicação Mediada por Computador): as comunidades virtuais e a inteligência coletiva. Não por acaso, são as mesmas que destaca Lúcia Santaella.

Rheingold escreve seu texto em um período em que o uso da Internet ainda era inicial se comparado com outras tecnologias como as BBS, os MUDs e o IRC, apesar de que todas hoje estão interligadas na Rede das Redes: a Internet.

Para o autor, desde o início da ‘aldeia virtual’ e conforme seu crescimento nos seus primeiros anos, ele acreditava estar participando da autoconstrução de uma nova cultura, não monolíticas, mas formada por um ecossistema de subculturas. Participando de uma “autêntica” comunidade através da WELL (uma das BBS mais famosas da era de ouro) (1996:14).

As tecnologias que permitem as comunidades virtuais são capazes de ascender intelectualmente, socialmente, comercialmente e politicamente o cidadão. Duas tecnologias são prioritárias para esse avanço: o computador barato e uma rede de telecomunicações em escala global. Para Rheingold qualquer tecnologia de CMC que se torna acessível constroem-se inevitavelmente comunidades virtuais (1996:19).

O autor coloca que o ciberespaço pode ter duas conseqüências e que estão nos nossos imaginários. Uma que o mesmo poderia ser um dos espaços públicos capazes de “reconstruir os aspectos comunitários perdidos”, a segunda que talvez o ciberespaço

seja o lugar errado para se procurar por essa reconstrução, mas sim um “simulacro sem vida das emoções reais e do verdadeiro compromisso perante os outros.” (1996:43)

Para Rheingold, esta última opção não parece estar se concretizando. Antes disso está vendo uma ampliação dos debates políticos entre os cidadãos devido as CMC. Esses debates e a rápida difusão da Rede podem estar transformando-se no “substrato real de uma democracia eletrônica do futuro” (1996:117). As CMC juntamente com esta nova cultura também fizeram “surgir novos direitos e responsabilidades sociais e cívicas sem quaisquer precedentes legais” (1996:312). Está surgindo assim, o que Howard Frederick chamou de “a sociedade civil global”, constituída pelo claro uso democrático das CMC, principalmente pelas organizações sem fins lucrativos e ONGs. Assim as CMC potencializam estas instituições sociais, alterando o equilíbrio de poder a favor dos cidadãos.

Sendo que estas características das comunidades são pouco exploradas na opinião de Rheingold, pelos jornalistas, que pontuam apenas as características de difusão de informação, em vez da capacidade das mesmas em “revitalizar a democracia”.

3.1.2 Difusão/Criação

Sob esta categoria queremos situar os aspectos relacionados à capacidade de distribuição, difusão e criação que os pesquisadores selecionados consideraram como relevantes ao caracterizar a Internet.

Santaella em seu livro procura, dentre outras coisas, situar um tipo de cultura baseado no seu meio de comunicação dominante. Se comumente temos a divisão entre a cultura de massas e a cultura digital, a autora procura situar o que ela chama de cultura das mídias como uma cultura intermediária entre a de massas e a digital. Estas com características distintas e que prepararam o terreno para a chegada da cultura digital segundo Santaella.

Os meios de comunicação de outras culturas (massa, mídias) continuam em plena atividade, e são responsáveis pela elevação da produção e circulação da informação e que hoje “é uma das marcas registradas da cultura digital” (2003:17). Com as tecnologias da informática e as telecomunicações a capacidade de distribuir, difundir, armazenar e recuperar tornou as informações instantaneamente disponíveis e o mundo

“se tornou uma grande rede de trocas de informações” (2003:18). A Internet se tornou assim o “primeiro sistema amplamente disseminado que dá ao usuário a oportunidade de criar, distribuir, receber e consumir conteúdo audiovisual em um só equipamento” (2003:20), e isso faz surgir novas formas de socialização e de cultura “que vem sendo chamada de cultura digital ou cibercultura”. (2003:60)

Compõe-se assim o que Santaella chama de hipermídia, uma hibridização das linguagens, processos sígnicos e códigos. Uma hibridização capaz de misturar os sentidos e causar sinestesia, uma vez que o receptor “imersivo interage com ela, cooperando na sua realização. (2003:95)

Para André Lemos, a revolução digital (na qual a Internet tem a sua parte) representa a passagem dos meios de comunicação de massa, para o que ele chama de formas “mais individualizadas” (2002:68), tanto de produção e difusão quanto armazenagem de informação. Assim a hierarquia da circulação muda, transformando em um sistema todos-todos, em vez de um sistema um-todos caracterizado pela televisão, rádio, imprensa e cinema. E essa relação tem modificado profundamente a estrutura de produção e distribuição nestes meios (2002:79). Os novos meios são caracterizados pela comunicação individualizada, personalizada, bidirecional, em tempo real, onde a informação chega de forma caótica, multidirecional, entrópica, coletiva e, ao mesmo tempo, personalizada (2002:80).

Lemos também enfatiza, assim como Santaella, o potencial liberado pela Internet ao colocar o poder da emissão nos usuários, e o excesso de informação circulante, mas em vez de chamá-la de hipermídia, o autor acaba por usar uma nomenclatura mais usual, a do “hipertexto”. Esse excesso, diz o autor, faz com que muitos intelectuais contemporâneos critiquem “a internet justamente por esse caráter frívolo, de despesa e excesso improdutivo” (2002:243). Para ele, é justamente essa liberdade na circulação da informação, e não o seu controle que “mantém vivo o ciberespaço” (2002:253).

Manuel Castells também chama para vários pontos similares vistos em Santaella e Lemos. É o caso da inversão de papéis entre emissores e receptores, a convergência para uma linguagem universal, personalização das mensagens, o caráter livre de participação e a diversidade das comunicações, são alguns destes aspectos (40; 109; 439).

O preço a pagar por essa participação? Castells responde “é deixar que a comunicação espontânea, informal prospere simultaneamente” (2000:440).

Howard Rheingold considera que todas essas características de difusão e criação começaram desde as primeiras CMC, a partir de BBSs, MUDs, IRC elas eram a parte caseira dessa rede e capazes de levar as CMC para as massas (1996:20). Para o autor três ferramentas foram essenciais para a popularização da rede e das comunidades virtuais: o correio eletrônico, a Telnet e o FTP.

Por meia dúzia de tostões, uma BBS transforma um cidadão comum de qualquer parte do mundo em editor, repórter no terro, ativista, organizador, estudante, professor e potencial participante num diálogo à escala global entre cidadãos. (1996:166)

Conforme a Rede foi se difundindo cada vez mais informações a nós foram adicionadas e há assim a crescente necessidade de organizar essas informações. Assim como os livros e a criação de paginações, índices, tópicos e afins a Rede também passa por essas transformações. Para Rheingold “Tudo muda tão depressa que o saber informal é a única forma fiável de descobrir as verdadeiras novidades.” (1996:133).

3.1.3 Redefinição/Convergência/Propriedades dos Meios

Nesta categoria enfatizamos as referências em que os autores apontam para diversas mudanças nos meios de comunicação devido à inserção de um novo meio no cenário mediático. Assim, também as suas características também são evidenciadas, assim como dos outros meios.

Para Santaella, a partir do momento em que um novo meio de comunicação começa a se integrar na sociedade, ela provoca “reajustamentos e refuncionalizações” (2003:13) na cultura e nas relações entre os meios (2003:156)

A convergência das mídias coexiste com a cultura de massas e com a cultura das mídias. Convergência esta provida, em grande parte, pela aliança entre computadores e redes, ele se torna não só uma “mídia semiótica”, mas “a mídia das mídias semióticas” (2003:20). Ou como diz André Lemos “Atualiza-se, com o ciberespaço, o grande sonho enciclopédico de, em um único media, armazenar todo o conhecimento da humanidade, disponível a todos. (2002:71), ou, como classificou Castells “Uma transformação tecnológica de dimensões históricas similares está ocorrendo 2700 anos depois, ou seja, a integração de vários modos de comunicação em uma rede interativas” (2000:414).

Foi a emergência dessa comunicação planetária que fez entrar em crise a significação da palavra “mídias” para “se referir também a todos os processos de comunicação mediados por computador” (2003:61). A era digital permite manipular informação, imagem, som, vídeo entre outros, “com a mesma linguagem universal, uma espécie de esperanto das máquinas” (2003:70). Assim quase todas as linguagens, diz Santaella, são sincronizadas. Essa convergência e a capacidade de produção e distribuição nas mãos de todos, faz com que “a sociedade de distribuição piramidal” sofra a concorrência de uma “sociedade reticular de integração em tempo real” (2003:82).

Foram assim fundidas, em um único setor do todo digital, as quatro formas principais da comunicação humana: o documento escrito (imprensa, magazine, livro); o áudio-visual (televisão, vídeo, cinema), as telecomunicações (telefone, satélite, cabo) e a informática (computadores, programas informáticos). (Santaella, 2003:84)

O texto, justamente por causa dessa fusão, acaba por sofrer mudanças: os sistemas baseados em computador são “primordialmente interativos em vez de unidirecionais, abertos em vez de fixos” (2003:93). Essa não linearidade é uma propriedade desse mundo digital que faz com que qualquer coisa armazenada em digital possa ser acessada a qualquer momento e em qualquer ordem (2003:95).

André Lemos, explora outras características que permitem este núcleo de sentido. Ele situa a transição dos mass media, para algo que ele chama de “formas individualizadas” de produção, difusão e estoque de informação. Além de se passar de uma comunicação predominantemente com hierarquia um-todos, característica dos meios de comunicação de massa, para a comunicação todos-todos. A Internet assim como outras tecnologias da informação tem como características principais a bidirecionalidade na comunicação entre grupos e indivíduos, “escapando da difusão centralizada da informação massiva” (2002:68).

Para Lemos, a Internet comprova “a falência da centralidade dos media de massa” (2003:69), um meio que provê a descentralização da informação e a interatividade. Isso faz com que os “gigantes”, aqui se referindo as empresas de comunicação, são obrigados a se recolocar neste novo cenário tecnossocial.

Lemos concorda com Pierre Lévy para quem a Internet é “universal sem ser totalitária, tratando de fluxos de informação bidirecionais, imediatos e planetários, sem

uma homogeneização dos sentidos, potencializando vozes e visões diferenciadas” (2002:71). E essa revolução, como chama o autor, “vai afetar o conhecimento e o modo de transmitir, estocar e produzir a informação, complexificando as trocas comunicativas e abalando a estrutura centralizadora dos mass media” (2002:137).

Para Manuel Castells só a capacidade de transmissão não era capaz de criar a teia mundial de comunicação. Foi do cruzamento com a telecomunicações no final da década de 90, juntamente com a descentralização dos mainframes e o surgimento dos microcomputadores que o poder de comunicação da Internet pode se expandir globalmente (2000:89).

Castells considera importantes as características da criação da Internet, mais especificamente das suas aplicações que foram desenvolvidas por usuários pioneiros que levaram a costumes que se tornaram parte da essência da Internet.

Esse novo paradigma diz Castells:

...não evolui para seu fechamento como um sistema, mas rumo a abertura como uma rede de acessos múltiplos. É forte e impositivo em sua materialidade, mas adaptável e aberto em seu desenvolvimento histórico. Abrangência, complexidade e disposição em forma de rede são seus principais atributos. (2000:113)

Castells diz que assim como aconteceu com a televisão, onde os outros meios não desapareceram, mas “foram reestruturados e reorganizados em um sistema cujo coração compunha-se de válvulas eletrônicas e cujo rosto atraente era uma tela de televisão” (2000:415) o mesmo acontece com a Internet.

Ainda assim enfatizar essa autonomia que os usuários possuem devido à descentralização não implica, diz Castells, que os meios de comunicação sejam neutros ou “que seus efeitos sejam desprezíveis” (2000:421).

Outro ponto muito interessante apontado por Castells, refere-se à intrínseca relação de dependência entre os novos meios e os chamados tradicionais:

A televisão precisou do computador para se libertar da tela. mas o seu acoplamento, com conseqüências potenciais importantíssimas para a sociedade geral, veio após um longo desvio tomado pelos computadores para serem capazes de conversar com a televisão apenas depois de aprender a conversar entre si. Só então a audiência pôde se manifestar. (2000:427)

Castells estende esse pensamento para as formas de linguagem, contrastando o sentido visual da televisão, em relação ao meio escrito, considerando o e-mail como “a vingança do meio escrito, o retorno à mente tipográfica e a recuperação do discurso racional construído” (2000:448). Para outros autores diz o autor, trata-se de uma nova forma de oralidade devido à informalidade, espontaneidade e o anonimato que a Internet estimula.

Esta nova forma de oralidade poderia ainda dar origem a um novo meio de comunicação, diz o autor:

Se pudermos considerar tal comportamento como escrita informal e não-burilada, em interação de tempo real, na modalidade de um bate-papo sincronista (um telefone que escreve...), talvez possamos prever a emergência de um novo veículo, misturando formas de comunicação que antes eram separadas em diferentes domínios da mente humana. (2000:448)

Assim a revolução não se dá porque a Internet irá fazer desaparecer os outros meios de comunicação, mas porque ele “reforça os padrões sociais preexistentes”. (2000:449). Ou, de outra forma “Os novos meios de comunicação eletrônica não divergem das culturas tradicionais: absorvem-nas”. (2000:453)

Esse novo sistema, chamado de multimídia, penetra em todas as esferas do social, no trabalho, em casa, nas escolas, hospitais entre outros. As principais características desse sistema, que ainda está no seu estágio inicial, diz Castells, são:

1. Primeira: diferenciação social e cultural muito difundida levando à segmentação dos usuários/espectadores/leitores/ouvintes. [...] A formação de comunidades virtuais é apenas uma das expressões dessa diferenciação.
2. Segunda: crescente estratificação social entre os usuários. [...] Assim, o mundo da multimídia será habitado por duas populações essencialmente distintas: a interagente e a receptora da interação, ou seja, aqueles capazes de selecionar seus circuitos multidirecionais de comunicação e os que recebem um número restrito de opções pré-empacotadas.
3. Terceira: a comunicação de todos os tipos de mensagens no mesmo sistema, ainda que este seja interativo e seletivo (sem dúvida, exatamente por isso), induz a uma integração de todas as mensagens em um padrão cognitivo comum. [...] Do ponto de vista do meio, diferentes modos de comunicação tendem a trocar

códigos entre si: programas educacionais interativos parecem videogames; noticiários são construídos como espetáculos audiovisuais...

4. Do ponto de vista do usuário (como receptor e emissor, em um sistema interativo), a escolha das várias mensagens no mesmo modo de comunicação, com facilidade de mudança de uma para a outra, reduz a distância mental entre as várias fontes de envolvimento cognitivo e sensorial.
5. Finalmente, talvez a característica mais importante da multimídia seja que ela capta em seu domínio a maioria das expressões culturais em toda a sua diversidade. [...] Todas as expressões culturais, da pior à melhor, da mais elitista à mais popular, vêm juntas nesse universo digital que liga, em um supertexto histórico gigantesco, as manifestações passadas, presentes e futuras da mente comunicativa. Com isso, elas constroem um novo ambiente simbólico. Fazem da virtualidade nossa realidade. (2000:457-458)

Mais uma vez Castells se pergunta, qual é o preço a ser pago pela inclusão a este sistema? A resposta é a “adaptação a sua lógica, a sua linguagem, a seus pontos de entrada, a sua codificação e decodificação”. Por isso é tão importante para os diferentes tipos de efeitos sociais que haja o desenvolvimento de uma rede de comunicação horizontal multinodal do tipo da Internet, em vez de um sistema multimídia centralmente distribuído como na configuração do vídeo sob demanda. (2000:461)

Howard Rheingold aponta que no início das CMC a maior parte das pessoas ainda desconheciam a gama diversificada de informações que a Rede poderia providenciar, parte do objetivo do livro do autor é justamente o de chamar a atenção para o potencial de liberdade no ciberespaço sob a forma de comunidades virtuais como um contraponto dos meios de comunicação convencionais (1996:16).

Rheingold aponta como os outros autores as duas características essenciais das CMC, as redes de telecomunicações e os computadores pessoais.

Para o autor as CMC modificam profundamente a sociedade, tornando-se necessário compreender como e porquê, (assim como feito anteriormente com outras tecnologias da comunicação), “tantas experiências sociais estão atualmente a evoluir em paralelo com as mais recentes tecnologias da comunicação”. (1996:18).

Outras características da Rede são: a grande disseminação, a organização anárquica, a convergência tecnológica, a descentralização, a flexibilidade, a liberdade de expressão, o esforço comunitário e a comunicação multilateral. Todas elas estão desde

as primeiras experiências da Rede, e principalmente desde o surgimento da ARPANET. Esta que depois viria a se transformar em ARPA-Internet e posteriormente apenas Internet surgiu como um projeto para uma rede de comunicação militar e que deveria ser flexível e descentralizada justamente para resistir um ataque nuclear. Assim com a tecnologia de pacotes (packet switching) a informação poderia tomar diversos caminhos mesmo que um dos nós da rede fosse eliminado (1996:20).

Sobre essa arquitetura, os usuários das redes da Usenet:

... defendem que os padrões da comunidade estão incorporados na arquitetura do sistema, pois, se um sistema local não pretender incluir determinado newsgroup, bloqueando o acesso à Usenet a determinados utilizadores, pode certamente fazê-lo. É, no entanto, muito mais difícil a qualquer sistema local impedir que uma multiplicidade de outros sistemas espalhados pelo mundo inteiro incluam o mesmo material. (1996:166)

Foram necessárias mais de duas décadas aponta o autor para que as CMC atingissem uma maturação e ficar acessível a uma grande gama de usuários o que aconteceu a partir da década de 90. E porque estavam disponíveis:

...todos os dispositivos tecnológicos - as tecnologias necessárias à telecomunicações pessoais - necessários para fazer a coisa funcionar e os respectivos preços estavam a cair. (1996:90)

Essa e outras histórias da formação da Internet são recorrentes em todos os textos aqui analisados principalmente em Lemos e Castells.

Segundo Rheingold:

As CMC poderão tornar-se o próximo grande meio de evasão, na tradição dos programas de rádio, das matinês de domingo e das novelas - o que significa que passarão de certa forma a veicular e a refletir os nossos códigos culturais, o nosso subconsciente social e o nosso autoconceito, como o fizeram os meios de comunicação de massas que os antecederam. (1996:94)

A Rede é capaz assim de rivalizar contra o monopólio dos meios de comunicação tradicionais. Estes aos serem controlados por uma elite constituem “uma ameaça emergente para os cidadãos” (1996:28). A solução dos ativistas é o de usar a rede de comunicação em escala planetária, possibilitando redes alternativas de informação, mas nada impede que “O mesmo instrumento, se controlado e manipulado

de modo impróprio, poderá tornar-se um instrumento da tirania.” (Ibidem). O impacto aí pode ser tanto positivo quando negativo diz o autor, dependendo se o acesso a Rede ser um direito ou um privilégio, pois se apensar um pequeno grupo favorecido tiver a oportunidade de gozar das vantagens da “amplificação da inteligência, a rede poderá aumentar a descontinuidade no espectro das oportunidades intelectuais.” (1996:100).

Segundo o autor, visto que não podemos nos ver, nem saber o sexo, idade, nacionalidade entre outras características a menos que queiramos divulgá-las a relação é totalmente diferente. O relacionamento no ciberespaço é mais propício que eles sejam efêmeros, dessa forma e devido à sua natureza, o meio de comunicação:

...terá sempre tendência para promover certos tipos de ofuscação; será também um local onde as pessoas acabarão frequentemente por se revelar mais intimamente do que estaria dispostas a fazê-lo sem a intermediação de écrans e de pseudônimos. (1996:44)

Uma das vantagens das comunidades virtuais é que apesar de ser na maioria das vezes informal e efêmera elas possuem a capacidade de estabelecer uma memória coletiva, que acaba por preservar a história da comunidade. Conforme Rheingold:

Uma das características distintas das CMC é a maneira como misturam aspectos de conversação informal e em tempo real com o modo de comunicação mais formal do escreva-hoje-leia-sempre. (1996:82)

Há o que Rheingold chama de uma desconfiança ontológica ligada a inexistência de uma linguagem corporal e facial, pois não se pode evitar os mal entendidos nas discussões em grupos. Essas pistas simbólicas seguindo as idéias da pesquisadora Elizabeth M. Reid são as que “permitem discernir precisamente a atitude a adotar em determinado contexto social. Aprende-se a ajustar o comportamento a um modelo convencional interiorizado de comportamento social” (1996:224).

Antes dos meios de comunicação elétricos quase todas essas pistas tinham um caráter mais físico do que verbal. Esses meios de comunicação elétricos baseavam-se no velho paradigma da difusão, apenas colocando destaque nas grandes quantidades de informação e permissão de acesso. Ao contrário do que é levantado pelas CMC que defendem uma abordagem que leva em consideração o contato pessoal.

O avanço das comunidades virtuais causa grandes mudanças. Segundo o relatório Nora-Minc na França diz que os meios conduziam a:

... uma sociedade insegura, palco de conflitos descentralizados, uma sociedade informatizada em que os numerosos choques de valores surgirão de parte incerta, provando um volume infindo de comunicação lateral. (1996:277)

Para o autor, o relatório não esquece de sublinhar que "a telemática, ao contrário da eletricidade, não transporta uma corrente inerte, mas sim informação, ou seja, poder", e que "o domínio da rede constitui, assim, um objeto essencial, o que exige que o seu enquadramento seja concebido num espírito de serviço público".

Um desses confrontos surgiu pouco tempo depois: os jornais. Vale a pena recordar que Rheingold está falando isso em 1993, ou seja, nem de perto do que vivenciamos hoje. Jornais privados na França, frente a concorrência do Minitel, bravejaram a idéia da distribuição de texto escrito através das telas de computador, e consideravam como a "substituição do suporte papel" (1996:277). Para o autor essa noção de que o Minitel viria a substituir o papel era uma "ilusão em que poucos acreditavam". Seus argumentos são mais técnicos como a imagem pequena e difusa dos antigos ecrans e a capacidade de produção em massa dos mesmos..

Para Frank Odasz (*apud* Rheingold:1996:297), as CMC não constituíam apenas uma mudança do paradigma da difusão da tecnologia educativa para um paradigma de rede, mas sim uma mudança epistemológica por parte de quem adotasse esta nova tecnologia.

3.1.4 Sentidos

A Internet altera nossos sentidos? Esse é um assunto tratado por alguns autores, mas nem todos deram atenção a esta característica e suas conseqüências.

Segundo Santaella, conforme vínhamos discutindo até então, considera que entre a cultura de massa e a cultura digital, uma outra cultura deve ser levada em consideração, a cultura das mídias. Para a autora essa transição preparou "a sensibilidade perceptiva e cognitiva em estado de prontidão motora e lúdica que caracteriza o perfil do internauta" (2003:131). Essa hipermídia, como Santaella chama devido a convergência de linguagens e processos sígnicos, causa uma sinestesia, na medida em que o leitor imersivo "interage com ela, cooperando na sua realização"

(2003:95). A autora ao concordar com Paul Virilio em sua análise sobre a velocidade, compreende que os nossos sentidos (principalmente a audição, visual e tato) com a velocidade servem para aumentar a intensidade do mundo presente. E que a mesma no futuro será usada para agir a distância (2003:212).

Parece-nos que Lemos também incorpora essas mesmas noções de Santaella. O autor traz a citação de Howard Rheingold, para quem “enquanto o cinema mostra a realidade ao público, o ciberespaço dá um corpo virtual, um papel a cada um. A imprensa e o rádio falam, o teatro e o cinema mostram, o ciberespaço incorpora ('embodies')”. (2002:155). Para ele a dinâmica social da Internet permite identificar nessa evolução crescente do uso de meios de comunicação “uma certa busca de taticidade, reforçando ainda mais a apropriação social destas”. (2002:240).

Howard Rheingold no seu livro *A Comunidade Virtual* no que concebe as mudanças que os meios de comunicação traz para os nossos sentidos se baseia bastante nas propostas de McLuhan. Para o autor essa atração para este novo meio é por vezes obsessiva, ele se pergunta: Quais são as características únicas que apela psicologicamente à mente humana e o que nos diz isso acerca das necessidades psicológicas das pessoas?

Rheingold acredita que se trata do processo de alteração da identidade, e que teria iniciado nos anteriores meios de comunicação. Hoje (1993) a maioria das pessoas se comunicam mais com pessoas por telefone, fax e correio eletrônico do que seus antepassados fariam em um mês, ou durante em toda a sua vida. Há uma interiorização de características de outras pessoas como nunca anteriormente diz Gergin (apud Rheingold, 1996:210)

Rheingold chama a atenção da diferença entre a situação das comunidades virtuais e das CMC em alguns outros países como o Japão e a Inglaterra. No caso dos japoneses, estes ficam frustrados com as CMC, pois a cultura deste país é muito mais visual. Em uma de suas entrevistas, uma moça lhe perguntou: "Como pode baixar os olhos se faz uma vênia?", [...] “referindo-se a estas componentes não verbais de extrema importância no diálogo educado em japonês”. (1996:264)

As redes informáticas estão para mudar de forma contundente com este sistema japonês aponta o autor e que muitos ainda não vislumbraram uma vez que “A escrita japonesa, com seus caracteres ideográficos, é uma componente importante da cultura visual, resistente à rigidez dos caracteres alfabéticos visualizados em écrans” (1996:267).

Esta é uma característica em que Castells não dá nenhuma atenção em seu livro *A Sociedade em Rede*.

3.1.5 Espaço/Tempo

A compressão do tempo, a aniquilação do espaço entre outras são características que os autores da cibercultura destacam como conseqüências da Internet. Assim reservamos este núcleo para discutir essas análises.

Na medida em que a circulação e difusão das informações crescem vertiginosamente devido a Internet e outros meios segundo os autores aqui analisados, elas parecem fazer:

... o planeta encolher cada vez mais na medida mesma em que se esfumam os parâmetros de tempo e espaço tradicionais, assume-se, via de regra, que as tecnologias são a medida de nossa salvação ou a causa de nossa perdição.” (Santaella, 2003:25).

Com a Internet o lugar e o tempo de emissão/destinação original perdem a importância, uma vez que elas podem ser realizadas em qualquer espaço/tempo (2002:84). Essas conseqüências afetam também segundo Santaella a posição do eu no tempo e nosso espaço. As fundações clássicas da sociedade moderna não mais se comportam como pontos fixos devido a comunicação eletrônica. (2002:128-214). Assim a realidade virtual e tempo real, atestam a constituição de uma cultura da simulação.

Santaella seguindo Mark Pôster (1995) complementa o seu argumento:

Uma vez que nossos corpos estão plugados em redes, bases de dados e infovias de informação, o caminho emancipatório deve ser encontrado nas novas formações subjetivas da cultura digital pós-moderna e não nos princípios que nortearam as certezas da era moderna em processo de desaparecimento (2002:129)

Para André Lemos (2002:239), os meios de comunicação podem ser considerados como instrumentos de simulação conforme diz Santaella. A compressão do espaço e do tempo desterritorializam, ou seja desespacializam a cultura, faz com que o tempo a partir do tempo real e imediato a partir das redes telemáticas seja um modo de aniquilar o espaço (2002:67). Assim os meios são formas técnicas de alterar o espaço-tempo diz Lemos (2002:68). Essa aceleração destitui o espaço homogêneo e o tempo

cronológico e linear, que são para autor outras duas características da modernidade ocidental (2002:72).

As fronteiras entre espaço público e privado são problematizadas e o chamado nomadismo tecnológico parece crescente. Mas a contradição também transparece, onde o nomadismo da Internet e de outras tecnologias contrasta com o imobilismo da casa. (2002:120). Para Lemos a internet não é apenas um novo “suporte técnico para a informação”, pois as suas características alteram as formas de produção e distribuição, e com isso o um rearranjo do espaço. O ciberespaço é considerado assim um espaço mágico, caracterizado pela ubiquidade, pelo tempo real e pelo espaço não-físico. (2002:124-128).

Para Castells, esse novo sistema de comunicação transforma “radicalmente o espaço e o tempo, as dimensões fundamentais da vida humana”. (2000:462) E as conseqüências são várias:

Localidades ficam despojadas de seu sentido cultural, histórico e geográfico e reintegram-se em redes funcionais ou em colagens de imagens, ocasionando um espaço de fluxos que substitui o espaço de lugares. O tempo é apagado no novo sistema de comunicação já que passado, presente e futuro podem ser programado para interagir entre si na mesma mensagem. O espaço de fluxo e o tempo intemporal são as bases principais de uma nova cultura, que transcende e inclui a diversidade dos sistemas de representação historicamente transmitidos: a cultura da virtualidade real, onde o faz-de-conta vai se tornando realidade. (2000:462)

Muitas dessas características se aproximam bastante da visão de Lemos. Lemos considera que o espaço aniquila o tempo, assim como Castells “comprimir o tempo até o limite equivale a fazer com que a seqüência temporal, e, por conseguinte, o tempo, desapareça.” (2000:526), e o espaço acaba por organizar o tempo na sociedade em rede (2000:467).

Há uma crescente dissociação entre execução de certas funções e a presença espacial, é o que acontece com o trabalho, compras, entretenimento, assistência à saúde, educação, serviços públicos, governo entre outros (2000:483). Mas essa mobilidade crescente não parece se transfigurar como imaginado para o universo do trabalho

Castells chama a atenção também para as transformações nos espaços. Segundo o autor eles se tornam mais singulares já que “as pessoas circulam entre eles em um padrão cada vez mais móvel”, (2000:487) e isso traz conseqüências de grande impacto nas cidades e nos espaços urbanos, transformando o “layout da forma urbana”. Castells chama essa nova interação de espaço de fluxos:

De outro, a ênfase na interatividade entre os lugares rompe os padrões espaciais de comportamento em uma rede fluida de intercâmbios que forma a base para o surgimento de um novo tipo de espaço, o espaço de fluxos. (2000:487)

Enfocando a estrutura social emergente, Castells afirma baseado em Harold Innis, que "a mente da atualidade é a mente que nega o tempo", e que esse novo "sistema temporal" está ligado ao desenvolvimento das tecnologias da comunicação. (2000:523).

Essa cultura da virtualidade, diz o autor, contribui para a transformação do tempo de duas formas diferentes: simultaneidade e intemporalidade. (2000:553). Ele explica as definições:

Respostas adiadas pelo tempo podem ser superadas com facilidade, pois as novas tecnologias de comunicação oferecem um sentido de instantaneidade que derruba as barreiras temporais, como ocorreu com o telefone mas, agora, com maior flexibilidade, permitindo que as partes envolvidas na comunicação deixem passar alguns segundos ou minutos, para trazer outra informação e expandir a esfera de comunicação sem a pressão do telefone, não-adaptado a longos silêncios. (2000:553)

Essa configuração do tempo, alerta Castells tem a sua adaptação propícia para o capitalismo flexível. O autor dá o nome de *tempo intemporal*, a esta temporalidade dominante, que acontece quando o paradigma informacional e a sociedade em rede, causam confusão sistêmica na ordem seqüencial dos fenômenos sucedidos naquele contexto. (2000:556).

As análises específicas apresentadas neste capítulo oferecem exemplos das questões substantivas envolvidas nessa caracterização abstrata. Transações de capital realizadas em frações de segundos, empresas com jornada de trabalho flexível, tempo variável de serviço, indeterminação do ciclo de vida, busca da eternidade por intermédio da negação da morte, guerras instantâneas e cultura do tempo virtual, todos são fenômenos fundamentais característicos da sociedade em rede, que sistemicamente mistura a ocorrência dos tempos. (2000:556)

Para Howard Rheingold a Rede explorando a capacidade de comunicação por rede está para construir relações sociais para além das barreiras espaço-temporais (1996:20). O autor propõe uma discussão importante ao relacionar essas barreiras:

Quando pode transferir-se a Biblioteca do Congresso de um local para outro em menos de um minuto, altera-se a própria noção de existência de um local chamado Biblioteca do Congresso. (1996:104)

Os outros meios também dissolveram as barreiras espaço-temporais, mas a especificidade da Rede para Rheingold está em dissolver as barreiras da identidade que é a nossa próxima categoria.

3.1.6 Identidade/Relação Social

Neste núcleo de sentidos queremos dar destaque nas conseqüências da Internet em modificar a identidade e relações sociais na sociedade.

Santaella percebe uma mudança essencial de uma cultura de massas, para a cultura digital. A cultura das mídias colabora para essa transição ao dar margem para o surgimento de receptores mais ativos e individualizados diz ela. A diferença reside que os receptores na cultura digital devem ser atuantes, como uma exigência da nova dinâmica social, em que estes são “caçadores em busca de presas informacionais de sua própria escolha”. (2002:68). Os sujeitos na rede a partir das diversas comunidades virtuais se organizam espontaneamente, com associações fluídas e flexíveis, resultando em sujeitos de identidades múltiplas e instáveis, mudando a forma como pensamos o sujeito (2002:126). Estas formações sociais já não representam a sociedade moderna, passando a ser pós-modernas segundo Santaella.

Para André Lemos, uma das causas dessa desestabilização é a liberdade de navegação dos usuários com os hipertextos, dificultando a distinção entre leitores e autores. Assim ao contrário da cultura do impresso caracterizada pela homogeneidade e pelo individualismo, a Internet nos leva a uma aproximação do tribalismo típico das sociedades orais. (2003:70-71).

Muito interessante perceber que o mesmo exemplo dado por Santaella do indivíduo isolado em seu quarto também é dado por Lemos quando diz:

O mesmo acontece hoje com o ciberespaço: indivíduos isolados em seus quartos, com a porta bem fechada, buscam, ao mesmo tempo, individualizar, fazendo pontes e fechando portas na sua relação com o outro e o mundo. No ciberespaço, como em toda vida em sociedade, "separação e religação são dois aspectos do mesmo ato". (141)

A socialidade on-line caracteriza-se como uma espécie de esconde-esconde, onde o usuário pode assumir e experimentar identificações sucessivas às diversas comunidades virtuais. (2003:275)

Para Manuel Castells, a Internet colabora com a transformação da condição feminina atacando o patriarcalismo. Desse modo, diz ele, “os relacionamentos entre os sexos tornaram-se, na maior parte do mundo, um domínio de disputas, em vez de uma esfera de reprodução cultural.” (2000:40). E o mesmo acontece com outros tipos de relações como as entre mulheres, homens, crianças e, conseqüentemente, da família, sexualidade e personalidade.

Mas as conseqüências não ficam por conta apenas das relações entre pessoas. As relações do sistema político em relação a sociedade também se modificam profundamente. O sistema político entra em uma crise de legitimidade, com “dependência total de cobertura da mídia e de liderança personalizada e cada vez mais isolada dos cidadãos.” (2000:41).

A posição de Castells em decorrência dessas mudanças que ele chama de confusas e incontroladas é de que “as pessoas tendem a reagrupar-se em torno de identidades primárias: religiosas, étnicas, territoriais, nacionais”.

No entanto, a identidade está se tornando a principal e, às vezes, única fonte de significado em um período histórico caracterizado pela ampla desestruturação das organizações, deslegitimação das instituições, enfraquecimento de importantes movimentos sociais e expressões culturais efêmeras. (2000:41)

As pessoas organizam o seu significa mais no que elas são ou pensam que são do que no que elas fazem. Há uma divisão entre as identidades historicamente definidas e o “instrumentalismo universal abstrato”. “Nossas sociedades estão cada vez mais estruturadas em uma oposição bipolar entre a Rede e o Ser” (2000:41). Totalmente isolado, o ser sente-se irrecuperavelmente perdido. Daí a busca de uma nova conectividade em identidade partilhada, reconstruída. (2000:59)

As comunidades virtuais representam um novo contexto para pensar as identidades. Os usuários se integram e se relacionam nas comunidades virtuais e devido aos seus múltiplos interesses, as afiliações também serão múltiplas (2000:443). Esses laços a partir da Internet são propícios principalmente para laços múltiplos e fracos.

Assim Castells considera que a grande vantagem da Internet na constituição de laços é que eles podem ser criados com desconhecidos, “num modelo igualitários de

interação, na qual as características sociais são menos influentes na estruturação ou mesmo no bloqueio, da comunicação” (2000:445). O autor destaca que a Internet contribui para expandir os vínculos sociais, mas está passando, em um primeiro estágio, por um processo de individualização e ruptura civil. Outra consequência é que o tipo de discussões é desinibida e permitem a sinceridade.

Reforçam a tendência de "privatização da sociabilidade" - isto é, a reconstrução das redes sociais ao redor dos indivíduos, o desenvolvimento de comunidades pessoas, tanto fisicamente quanto on-line. (446)

Howard Rheingold participante ativo das primeiras comunidades virtuais coloca estas como seu objeto principal de reflexão no seu livro *A Comunidade Virtual*. Para ele a Rede destitui as barreias espaço-temporais em relação a identidade. Em suas observações sobre a WELL ele dizia que se via ao mesmo tempo como ator, audiência, argumentista e participante (1996:14).

Rheingold dentre as três maneiras em que a Rede irá (ou iria) mudar as nossas vidas, o autor aponta, no que se refere a identidade social, para a criação novo vocabulário próprio das CMC, que reflete as mudanças na personalidade humana na era da saturação dos media.

As críticas as comunidades virtuais vão no sentido de que se trata de uma forma de escapismo, e que estaria substituindo os recursos naturais e as liberdades humanas por mais tecnologia (1996:40), devido ao seu uso em excesso. Para Rheingold:

A experiência relaciona-se com a forma de os grupos humanos usarem as CMC para redescobrirem o poder da cooperação, transformando a cooperação num jogo, num modo de vida - uma fusão de precisarmos de redes informáticas para recuperarmos o espírito de cooperação, perdido por tanta gente quando começamos a dispor desta tecnologia, não deixa de ser uma dolorosa ironia. (1996:141)

O impacto da associação de pessoas através de comunidades virtuais, criando mentes coletivas populares previa o autor, tiram levar a questões tecnológicas importantes na virada do século.

É certo que as CMC propõe os meios para a existências de fraudes, e essa é uma parte importante sobre o anonimato promovido pela Rede. No IRC, por exemplo, é baseado em identidades artificiais, mas estáveis, rapidez de raciocínio e construção verbal de um contexto de diálogo comum. (1996:219)

No Japão, as mulheres conhecem seus futuros maridos através das relações com a família ou patrões. Rheingold aponta que através de uma rede chamada COARA, percebeu que ela ultrapassava essas limitações porque colocava as pessoas em contato a partir de um meio socialmente adequado. (1996:254)

Se as jovens empregadas e as menos jovens donas de casa usam as CMC para ultrapassarem as restrições tradicionalmente impostas ao seu comportamento social, o novo meio constitui uma formidável ameaça potencial ao relacionamento entre os sexos - um dos pilares fundamentais da estrutura social do Japão. (Ibidem)

A dissimulação e a auto-revelação fazem parte da gramática do discurso do ciberespaço, como os cortes rápidos e as imagens intensas fazem parte da gramática do discurso televisivo. As gramáticas dos meios de CMC envolvem uma sintaxe de jogo de identidade: podem encontrar-se identidades novas, falsas, múltiplas e exploratória em várias manifestações do meio. (1996:187)

3.1.7 Controle

O controle da Internet é outro ponto interessante de discussão e que é trazido por quase todos os autores da cibercultura.

Para Santaella, a Internet explodiu de maneira espontânea, caótica, superabundante (2002:71). Os eufóricos, diz ela, vêem a Internet como a linguagem de libertação devido as possibilidades abertas por ela. Um meio que usa um código universal, é convergente, planetária e que “até hoje não está muito claro como esse espaço poderá vir a ser regulamentado. (2002:72)

A rede considerada como um espaço aberto e livre. Ainda assim ela está sofrendo com regulações por parte dos mecanismos do mercado capitalista segundo Santaella (2002:73).

André Lemos tem menos preocupações que Santaella em relação ao controle da Internet. Citando Arthur Kroker, o autor chama a atenção de que a cibercultura não é totalmente controlada por uma chamada “classe virtual” (2003:18), outro pesquisador que Lemos traz para a discussão é Ithiel Pool, para quem esses novos meios são

“tecnologias da liberdade” (2003:70). O que ele quer dizer com isso é que não se pode controlar o conteúdo destes.

Mas não é apenas uma questão de poder, segundo Lemos, na Internet deve ser garantido o direito a liberdade de expressão e privacidade, esta é uma demanda de seus primeiros usuários e que perdura de certa forma até hoje (2003:105).

Lemos e Manuel Castells destacam a história da criação da Internet e seu caráter libertário desde o início. O protocolo em que a Internet funciona, o TCP/IP e os demais softwares necessários que permitem acessar a rede são todos gratuitos e em software livre, e devido a isso nenhuma empresa pode controlá-la (Lemos, 2003:118; Castells, 2000:441).

O autor segue:

O ciberespaço é um ambiente mediático, como uma incubadora de ferramentas de comunicação, logo, como um estrutura rizomática, descentralizada, conectando pontos ordinários, criando territorialização e desterritorialização sucessivas. O ciberespaço não tem um controle centralizado, multiplicando-se de forma anárquica e extensa, desordenadamente, a partir de conexões múltiplas e diferenciadas, permitindo agregações ordinárias, ponto a ponto, formando comunidades ordinárias (quelconques). (2003:136)

Esse imaginário libertário diz Lemos, faz com que a máxima seja: "Tudo pode na internet, a rede é livre, a informação deve ser livre, a privacidade é um direito inalienável, etc". (2003:237).

A Internet como fenômeno social se dá em grande parte porque os seus usuários estão dispostos a “fornecer livremente informações das mais diversas, seja em listas, email, grupos de discussão ou páginas Web”. (2003:253).

O que mantém vivo o ciberespaço é a livre circulação de informação e não o seu controle. A generalidade da argumentação a torna inócua (é claro que devem existir informações livre e controladas). (2003:253)

Essa abertura para Castells, é trazida pelos primeiros hackers e pelas milhares de pessoas que começaram a usar a rede como um hobby (2002:441), e a consequência dessa formação é que:

A cultura dos primeiros usuários, com suas subcorrentes utópicas, comunais e libertárias, moldou a Rede em duas direções opostas. Por um lado, tendia a restringir o acesso a uma minoria de usuários que entravam na rede por hobby, as

únicas pessoas capazes e desejosas de gastar tempo e energia frequentando o espaço cibernético. (2002:441)

Mas esse quadro mudou na medida em que novas pessoas passaram a habitar este espaço permanecendo na cultura da rede o ideal dos pioneiros “a informalidade e a capacidade auto-reguladora de comunicação, a idéia de que muitos contribuem para muitos, mas cada um tem a própria voz e espera uma resposta individualizada”. (441)

Esse ideal persiste mesmo com as tentativas de regular e controlar a Internet, e pode ser caracterizados pelos seguintes aspectos:

... penetrabilidade, descentralização multifacetada e flexibilidade. Alastram-se como colônias de microorganismo. [...] Mas, diferentemente da mídia de massa da Galáxia de McLuhan, elas têm propriedades de interatividade e individualização tecnológica e culturalmente embutidas. (2000:442)

E permite assim que:

... mulheres e grupos sociais oprimidos parecem tender a se expressar de forma mais aberta devido à proteção do meio eletrônico, embora devamos lembrar que, como um todo, as mulheres representavam uma minoria de usuários até 1999.

Howard Rheingold compartilha dessa preocupação política de Castells em relação a Internet. Para o autor essas possibilidades políticas podem estar em risco uma vez que no passado a elite política e financeira sempre arranjou alguma maneira de controlar, censurar e regular os meios de comunicação a medida que estes foram aparecendo e voltando a nos vendê-las.

Ainda assim, parece que a Rede é fundamental isenta de controle, mas que isso pode não durar muito tempo (1996:17). A Rede se tornou importante demais diz Rheingold para que apenas os especialistas e interessados específicos decidam o futuro da mesma. Assim os indivíduos devem ser incluídos na discussão para contribuir para o diálogo sobre os investimentos públicos investidos na rede. A partir do acesso a Rede as pessoas podem influenciar a consciência e a percepção de outras pessoas. Quem tem e quem não tem ter acesso a Rede influi na definição do poder político das pessoas (1996:336).

O controle da rede é difícil justamente pela estrutura da própria rede que foi construída para ser descentralizada e seus aplicativos liberados sem direitos autorais,

mas as tentativas não faltam. Vale a pena lembrar que o acesso a rede, é o acesso a informação, poder (1996:276).

John Gilmore um dos fundadores da EFF (Eletronic Frontier), que luta pelos direitos de privacidade e alerta as comunidades sobre as atuações das empresas diz que "A rede interpreta a censura como uma avaria e faz por contorná-la". (1996:21)

Com o uso intenso pelas pessoas e o crescente número de comunidades virtuais, cada vez mais publicamos dados e comportamentos privados para o ciberespaço. O autor chama a atenção para o potencial abuso do uso dessas informações. Ele relembra que os jornalistas e intelectuais saudaram no anos 50 o surgimento da televisão como o melhor meio educacional da história, e que não aconteceu dessa maneira.

Parte do espírito de liberdade que ainda reina da Rede provém dos seus primeiros usuários que era justamente os seus criadores. Eles implementaram um grande grau de autonomia da rede, não querendo incorporar limitações aos utilizadores.

A Rede tem um grande potencial democratizador, mas só se devidamente compreendida e difundida, assim como diz Rheingold "... o alfabeto e a imprensa escrita tiveram potencial democratizador". (1996:338)

As comunidades virtuais é parte dessa difícil decisão, pois em rede heterogênea e sem estrutura pré-determinada pode-se cair em duas opções entre a proteção e a abertura. Tentar proteger a comunidade dos perigos de ataques sem destruir a abertura que lhe "dá valor é um problema social, tal como o é a questão de quem deve pagar pelo acesso a este poderoso conjunto de ferramentas intelectuais". (1996:136)

O caráter democratizante da rede também tem o seus críticos. Para Rheingold eles podem ser divididos em três tipos: (1) o que acreditam que desde os primeiros meios de comunicação eletrônicos eles já esvaziaram a discussão pública ao transformar o conteúdo em grande parte em publicidade, ou seja, a mercadorização do processo político; (2) a segunda conhecida por panóptica consiste em que as redes poderem ser utilizadas como meio de vigilância, controle e desinformação. Com a carapuça da democratização o processo se daria pelo contrário, a um esvaziamento dos valores sociais e uma violação da liberdade de expresso. (3) considerada como hiper-realista, essa concepção acredita que as tecnologias da informação já transformaram tudo aquilo que era considerada a realidade em uma simulação eletrônica. Estes críticos captam as formas em que os meios de comunicação alteram os nossos processo cognitivos.

4 A TEORIA DO MEIO PARA COMPREENDER A INTERNET

A partir dessas categorias construídas a partir dos autores da cibercultura, iremos confrontá-las com as principais pesquisas dos autores da Teoria do Meio aqui analisados. A Teoria do Meio compreende de que forma estas características ao analisar os meios de comunicação? Os pesquisadores da cibercultura chamaram a atenção para características que os da Teoria do Meio não deram destaque? Neste capítulo procuramos analisar cada categoria a partir das suas relações com as principais pesquisas da Teoria do Meio. Ou seja, cada categoria não tem relação direta e exclusiva com apenas uma das pesquisas, e assim vamos construir nossa discussão em cima das que possuem forte relação.

Um aspecto interessante sobre os textos aqui analisados é que a maioria deles acaba funcionando como pequenas enciclopédias do assunto. O livro *Cibercultura*, de André Lemos, é um desses exemplos, pois se caracteriza como um texto inicial com explicações de muitos assuntos como: o que são os hackers, crackers, vírus, processo de criação da Internet, realidade virtual, hipertexto, o que é o e-mail, usenet, chats, cibercafés, BBBs, MUDs, ciborgs, ciberarte e muitos outros. Da mesma forma acontece com Lúcia Santaella, com as múltiplas relações entre cibercultura, corpo e arte, e o extenso trabalho de Manuel Castells em seu livro *A Sociedade em Rede*. Howard Rheingold traz para a discussão a sua experiência empírica nas múltiplas comunidades virtuais no início da Internet e da era pré-Internet, e dessa forma também apresenta um certo didatismo ao explicar os diversos softwares, e como funcionam os mesmos.

4.1 AMBIENTE/ORGANIZAÇÃO SOCIAL

Sob esta categoria, sistematizamos as referências dos autores em relação aos impactos da Internet na organização da sociedade. Os pesquisadores que selecionamos trazem importantes informações sobre as conseqüências da Internet no largo espectro da organização social.

Para estes, a Internet provoca uma transformação profunda na sociedade moldando o nosso pensamento e sensibilidade, criando novos ambientes socioculturais como o surgimento das comunidades virtuais e a chamada inteligência coletiva. A dinâmica da organização social é modificada em toda a sua matriz econômica, social,

política e cultural. Algumas dessas transformações são o tribalismo, presenteísmo, hedonismo, o informacionalismo, a lógica das redes, a penetralidade, mudanças na relação espaço-tempo, sujeito e objeto, comunidade e indivíduo, real e virtual, e relações de poder.

Este é o ponto de maior destaque das pesquisas da Teoria do Meio, pois é justamente o que estes pesquisadores procuram investigar. Os meios de comunicação modificam sensivelmente a dinâmica social principalmente nos modos como pensamos, percebemos e nos comportamos, e seus efeitos culturais. É por acreditar nesse potencial de transformação que Harold Innis, Marshall McLuhan e Joshua Meyrowitz compõem uma tradição de pesquisa que se difere das demais, colocando os meios de comunicação como um elemento central dessas transformações.

A análise desses autores é a partir de um viés histórico do impacto dos meios de comunicação na sociedade. Innis opta por uma análise que considera os meios de comunicação como ponto central para a ascensão e quedas de monopólios de conhecimento, e do controle da sociedade nos impérios. McLuhan partindo dos conceitos de Innis, constrói as suas teorias em cima de como os meios têm efeitos nos nossos sentidos, dessa forma ele se baseia mais nos efeitos diretamente ligados aos indivíduos de uma sociedades ao contrário de Innis que toma a sociedade como um todo. No caso de Meyrowtiz ao nível do indivíduo, ele analisa as mudanças nas identidades sociais a partir do acesso às informações de outros grupos desencadeadas pela inserção de um novo meio de comunicação na sociedade..

McLuhan se ocupou principalmente dos efeitos cognitivos e comportamentais dos meios de comunicação, mais do que dos efeitos políticos e seus impactos na organização da sociedade (Blondheim & Watson, 2007:15). Como atesta Katz (2007:3), McLuhan considera a imprensa uma extensão de nossos olhos, e esta favorece a comunicação especializada de conhecimento, e conseqüentemente um nacionalismo e a formação de impérios. O mesmo ocorre com a oralidade que favorece a comunicação de conhecimentos práticos por gerações, levando dessa forma a tradição e a religião. Sendo assim, uma proposta que reafirma as análises do espaço/tempo dos meios em Innis.

Essas tendências são exploradas por McLuhan no seu modelo tetrádico ao se perguntar sobre os efeitos da inserção de um novo meio de comunicação. Esse novo meio intensifica que aspectos na sociedade? Ela torna obsoleto que tipo de práticas e artefatos? O que ele traz à tona novamente, e que estava obsoleto? O uso extremo deste meio de comunicação desenvolve quais tendências neste contexto?

Justamente por fazer esse tipo de análise é que Innis é o principal autor a se dedicar à exploração dos seus efeitos no ambiente/organização social. Os meios de comunicação, para Innis, possuem um *bias* (tendência) ou para o espaço ou para o tempo. A concentração em um meio implica uma tendência no desenvolvimento da sociedade, dependendo da ênfase deste meio. Assim, meios que possuem ênfase no espaço têm uma tendência para uma organização política, já os meios com ênfase no tempo têm tendência para uma organização de caráter religioso.

Meios de comunicação dessa forma influenciam em como a sociedade se organiza, e esta como um todo, deve procurar um equilíbrio entre esses dois aspectos: meios que favorecem o controle do espaço e meios que asseguram a continuidade no tempo.

A inserção de um novo meio destrói monopólios de conhecimentos construídos através dos antigos meios de comunicação, e como consequência novos monopólios também são estabelecidos. Dessa forma a inserção de um novo meio também tem o potencial de desestabilizar os impérios gerando uma nova dinâmica no ambiente social.

Assim ao colocarmos nos termos de Innis, por exemplo, a inserção da Internet, o surgimento das comunidades virtuais e a chamada inteligência coletiva constituem uma nova dinâmica social e uma reconfiguração no equilíbrio da dinâmica social.

Acreditamos assim que os efeitos sociais relatados e estudados pelos pesquisadores aqui apontados, no que concerne ao ambiente e à organização social, são objetos de análise dos pesquisadores da Teoria do Meio.

4.2 DIFUSÃO/CRIAÇÃO

Os autores da cibercultura colocam como destaque deste novo meio de comunicação a sua capacidade supra ampliada para a distribuição, difusão e criação de novos produtos culturais, além da armazenagem e recuperação de informação de forma instantânea. Não se modifica assim apenas a relação entre autor e leitor, pois não se trata apenas de acesso à informação, pois a outra característica que compõe essa potencialidade é a crescente troca de informações entre os seus usuários. Ou seja, se contrapõe assim aos outros meios de comunicação de massa caracterizados por uma hierarquia um-todos, segundo os autores, para uma comunicação todos-todos, de forma bidirecional e em tempo real.

Meyrowitz, se apoiando nas idéias de McLuhan coloca as principais características que devem ser observadas para distinguir um meio de comunicação de outro. Grande parte dessas características (discutimos no capítulo “O Conceito de Meio de Comunicação”) está intimamente relacionada com estas que os pesquisadores da cibercultura relatam da Internet. Entre elas podemos citar a característica (4) unidirecional x bidirecional x multidirecional (ex: rádio x telefone x conferência por computador on-line); (6) rapidez e medida de rapidez na codificação, disseminação, e decodificação; (9) grau e medida de manipulação humana (ex: pintar um quadro x tirar uma foto); (10) amplitude e a natureza da disseminação (ex: quantas pessoas podem receber a mesma mensagem ao mesmo tempo).

Innis e suas teses dos monopólios de conhecimento e dos *bias* dos meios de comunicação também parecem bastante relacionadas com este núcleo de sentido. A Internet e a sua capacidade de uma maior troca de informações entre seus usuários, de trazer uma maior circulação de informação e de romper as barreiras entre autor e leitor colabora para a destituição e formação quais monopólios de conhecimento? Ela tem uma ênfase maior ao espaço ou ao tempo? Estas perguntas não parecem ser deslocadas da proposta da Teoria do Meio.

Outra tese importante da Teoria do Meio é a de McLuhan sobre a Aldeia Global. Os meios de comunicação encurtam distâncias ao mesmo tempo em que aumentam as oportunidades de trocas de informações. O conceito de Aldeia Global possui uma íntima relação com a noção de que os meios eletrônicos retribalizam, e potencializam uma volta ao modo de interagir, pensar e perceber característico das sociedades orais.

Nossa civilização especializada e fragmentada, baseada na estrutura centro-margem, subitamente está experimentando uma reunificação instantânea de todas as suas partes mecanizadas num todo orgânico. Este é o mundo novo da aldeia global. (1971:112)

Ou seja, McLuhan propõe que com os meios eletrônicos estaríamos voltando à situação tribal de convivência social, e onde a interdependência é um fato.

E como nossos sentidos saíram para fora de nós, o Grande Irmão entrou, tomando-lhes o lugar. Deste modo, a menos que tenhamos consciência dessa dinâmica, entraremos numa fase de terror pânico, perfeitamente característica de um pequeno mundo ressonante de tambores tribais, de total interdependência de forçada coexistência. (1972:59)

A Internet poderia ser assim interpretada por esse conceito da Teoria do Meio como o meio mais propício a causar estes efeitos devido às propriedades elucidadas pelos pesquisadores da cibercultura.

Dessa forma parece que as pesquisas da Teoria do Meio apontam para uma interessante sistematização de elementos para o estudo dos meios de comunicação e que poderia colaborar intensamente para a análise da Internet.

4.3 REDEFINIÇÃO/CONVERGÊNCIA/PROPRIEDADES DOS MEIOS

Diferente da primeira categoria, que foca nos efeitos sociais da entrada da Internet como um novo meio de comunicação, nesta reunimos os efeitos que ocorrem em relação aos outros meios de comunicação. Segundo os pesquisadores da cibercultura, a Internet é tida como o meio de comunicação capaz de rivalizar com toda uma cultura dos meios de comunicação baseados em um processo de difusão um-todos e isso tem conseqüências das mais variadas. A convergência de diversos meios de comunicação na Internet é uma dessas características que potencializa esse embate.

Fica claro na visão dos pesquisadores da cibercultura que a Internet não acaba com os outros meios de comunicação, mas faz com que estes passem por uma reestruturação e reorganização, ambos coexistindo no cenário mediático. Algumas dessas transformações são reveladas em Castells, em que a televisão precisou do computador para se libertar da tela; em Rheingold que percebia o crescente medo dos jornais com o Minitel na distribuição de textos através da CMC, ou ainda a idéia de que a Internet estaria trazendo uma nova forma de oralidade devido a sua informalidade, espontaneidade e o anonimato que a Internet estimula.

Como vimos anteriormente, a convergência e a disputa entre meios (ver capítulo “Determinismo Tecnológico e a Autonomia da Tecnologia”) é um dos conceitos-base para McLuhan, assim como para Innis. Um meio de comunicação quando inserido em uma sociedade desestabiliza o equilíbrio mediático, social e sensorial. A questão do equilíbrio é percebida nestes dois autores. Por um lado McLuhan vê essa relação entre o equilíbrio sensorial, e por outro, Innis que vê esse desequilíbrio na relação entre tempo e espaço.

O conteúdo de um novo meio de comunicação é outro meio, assim McLuhan chama a atenção de que um meio traduz outro meio. A inserção de um meio de comunicação não exclui e nem torna obsoleto os outros meios, estes são incorporados no novo meio. Para Pereira (2004), esse processo acontece até que o meio encontre a sua própria gramática, ganhando características distintas dos outros meios.

McLuhan declara que os meios eletrônicos não acabaram com os livros, ao contrário, cada vez mais e mais livros eram impressos e estavam mais disponíveis para o grande público. Como poderia então dizer que estávamos mudando de uma era da escrita, ou galáxia de Gutenberg, para uma era diferente? O autor diz que a situação estava no fato de que o papel social do livro havia mudado, não era mais o principal e único meio de aprendizado o livro havia perdido o seu trono.³⁷

4.4 SENTIDOS

Segundo os pesquisadores aqui analisados, os sentidos também são alterados na entrada de um novo meio de comunicação como a Internet no cenário mediático. Para Santaella, os meios de transição que ela chama de cultura das mídias prepararam a sensibilidade perceptiva e cognitiva para o advento da Internet. A Internet convergiu diversas linguagens e processos sígnicos, causando uma sinestesia e uma imersão do usuário. Nesse sentido, diz Rheingold, o ciberespaço incorpora, e percebe-se uma certa busca de taticidade, reforçando ainda mais a apropriação social da CMC.

Este é o terreno privilegiado de Marshall McLuhan. A inserção de um novo meio de comunicação altera os sentidos das pessoas a partir do seu uso, perturbando assim o equilíbrio dos sentidos. E cada meio de comunicação requer a atenção de certos sentidos, as diferenças entre os meios são caracterizadas pelo conceito de meio quente e meio frio. O meio quente é aquele que necessita de pouca participação do usuário para completar a mensagem, prolongam apenas um sentido e em alta definição, ou seja, muita informação é fornecida; já os meios frios são aqueles em que prolongam mais de

³⁷ WORLD IS A GLOBAL VILLAGE. The CBC Digital Archives Website. Canadian Broadcasting Corporation, 18 de Maio, 1960. Televisão, 8:44 min, som, cor. Disponível em <http://archives.cbc.ca/arts_entertainment/media/topics/342-1814/> Acesso em: 05/01/2009.

um de nossos sentidos e em baixa definição, precisando assim de muita participação por parte do usuário.

A prolongação de um ou vários sentidos, parece estar ligada mais à intensidade, que o meio requer de um único sentido ou de vários ao mesmo tempo. Assim, o rádio poderia ser considerado um meio quente, como afirma ser McLuhan, porque ele estende com muita intensidade apenas um único sentido e em alta definição.

Quanto mais intenso e incansável o estímulo, menor o envolvimento por parte do público, diz ele, classificando a impressão e a voz desencarnada do rádio como "quente" devido à sua tecnologia de dedicação-única, e a fala e a televisão como "cool".³⁸

Os conceitos de meios frios e quentes não são conceitos bem desenvolvidos e acabados³⁹, dessa forma vários são os casos em que eles parecem por demasiados confusos. Ainda assim Meyrowtiz vê estes conceitos como “um dos melhores”, apesar da “aplicabilidade limitada” (*apud* Sousa, 2003:128).

É o caso, por exemplo da televisão, considerada como um meio frio, mas que comumente consideramos como menos participativa que o rádio. Ou ainda o rádio ser considerado um meio quente, ainda que meios quentes sejam associados com espaço visual (2010).

O que comumente acreditamos ser um meio frio, como gelado e distante parece ser o contrário do que McLuhan quer enfatizar. O autor no inglês opta pela palavra “cool” com o significado ligado ao seu uso como gíria, querendo dizer que o meio seria envolvente, participante, legal (1971:9). Assim, quando diz que a televisão é um meio frio, ou “cool”, está querendo dizer que se trata de um meio que envolve seus espectadores, e que os convida para participar.

Qual seria a diferença entre o cinema e a televisão ao ponto do primeiro ser considerado um meio quente e a televisão um meio frio? Durante o período de McLuhan as televisões tinham poucas linhas horizontais de informação, e assim possuíam uma baixa definição em comparação aos filmes de 35mm do cinema, que estendia a visão em alta definição (Meyrowitz, 2003b:198; Holmes, 2005:70). Assim

³⁸“The more intense and unrelenting the stimulus, the less involvement on the part of the audience, he says, classifying print and the disembodied voice of radio as "hot" because of their technological single-mindedness, and speech and television as "cool." (Katz, 1998:3) Tradução Livre.

³⁹ MCLUHAN – HOT AND COOL, in *Old Messengers, New Media*. Herbert Marshall McLuhan – McLuhan. 2007. Disponível em <http://www.collectionscanada.gc.ca/innis-mcluhan/002033-2000-e.html>. Acesso em: 05/01/2009.

esse tipo de diferenciação que talvez desse conta da realidade da década de 60-70, hoje parece cada vez mais problemática.

A definição de meios quentes e frios não pode ser encarada como um modelo funcionalista, estritamente dicotômico e pensada como que um meio pudesse ser encaixado em uma ou outra categoria. Uma forma de se pensar a questão é que um meio pode ser mais frio ou mais quente que outro.

A Internet, partindo desses parâmetros seria um meio mais quente ou mais frio? Dentre as características que vimos até então nesse trabalho estão: a grande circulação de informação, a potencialidade de qualquer um virar autor, o hipertexto, a incorporação/imersão.

Sem o usuário tomar uma ação a Internet não é nada, ela só funciona se o usuário agir. Diferente de uma máquina em que basta acionar um mecanismo, a Internet tem muito mais característica de instrumento e que depende intrinsecamente da presença do ser humano para o seu funcionamento. McLuhan esclarece-nos:

Uma das estranhas mudanças que estão ocorrendo em nosso mundo [...] é que estamos passando do mundo do agricultor, do mundo do especialista, do mundo da pessoa fragmentada, para o mundo do caçador, da pessoal unificada. (2005:115)

Constitui-se assim:

...um novo tipo de ser humano que vive em nosso meio – a pessoa que explora o ambiente humano total à maneira do velho caçador e do coletor de alimentos, encarregados de explorar o ambiente como um campo unificado. (Ibidem)

Então estaríamos diante de um meio que parece mais frio do que quente, onde o usuário deve estar envolvido ativamente e alheio a tudo; ficar como fora de si, ou seja, imerso. Um meio de baixa definição que deve ser completado pelo usuário.

Alguns autores até propõem deixar de lado partes destes conceitos e trabalhar apenas com a idéia de extensão com ênfase em um ou de vários sentidos⁴⁰.

Assim como fizemos aqui, vários textos costumam declarar frases como “O que McLuhan quis dizer foi...”. Assim, as concepções de meios quentes e frios de McLuhan no estágio presente ainda são consideradas fracas, não só para a análise da Internet, mas para outros meios de comunicação também. Cresce dessa forma a necessidade de observar as análises feitas por outros pesquisadores que estenderam essa perspectiva e

⁴⁰ Ibidem.

como lidaram com estes conceitos. Não se trata então de que a Internet é um objeto muito novo e único, ao ponto de não poder ser analisado pelos conceitos de meios quentes e frios.

4.5 ESPAÇO/TEMPO

A velocidade na distribuição e criação aliada ao caráter “virtual” deste novo meio de comunicação é tema recorrente, e as suas conseqüências em relação as nossas noções de espaço e tempo ganham lugar privilegiado nos textos aqui analisados. Uma das conseqüências primeiras que se percebe é que as barreiras entre o tempo e o espaço perdem força. O tempo real, o espaço não-físico, a execução de certas tarefas sem a presença espacial e a disponibilidade da informação independente do tempo e espaço são algumas das características deste meio que levam ao que os autores apontam como o fim do tempo cronológico e linear, e a uma desterritorialização e desespacialização da cultura.

No casto deste núcleo de sentido os três pesquisadores da Teoria do Meio se atêm às relações entre espaço e tempo, cada um de uma forma diferente.

Começamos por Innis que tem a pesquisa mais emblemática neste quesito. Uma de suas principais teses é a do *bias* (tendência), em que o meio de comunicação implica na sociedade devido ao seu uso a longo prazo. O *bias* pode ser espacial ou temporal, dependendo de vários fatores.

Se o suporte utilizado para a comunicação é escasso ou abundante, se para codificar decodificar a mensagem é necessário algum tipo de habilidade como a alfabetização, se o suporte é leve ou pesado, se é durável ou não. Assim um meio leve implica uma tendência para a extensão do espaço, enquanto um meio mais pesado tende para uma longa duração no tempo.

No Egito, o uso extensivo do papiro foi acompanhado por um desenvolvimento hierático e o surgimento da profissão dos escribas devido ao uso de um código complexo. Assim, o monopólio do conhecimento apoiado pela escrita pictórica resistiu às demandas por mudanças e elevou a classe sacerdotal (tempo), o que acabou por trazer o enfraquecimento do império (espaço), levando-o ao declínio sendo posteriormente tomado pelos assírios e persas. (1949:459)

Já McLuhan, desenvolveu uma forma diferente de categorização, dependendo dos sentidos requisitados pelos meios e criando assim um ambiente espaço acústico ou espaço visual. Não se trata assim de uma propriedade do meio, mas sim do efeito que ele produz, ou melhor, do tipo de ambiente que ele potencializa.

Espaço é concebido em termos daquilo que separa os objetos visíveis, assim o espaço vazio sugere um campo em que nada existe para ver. Para McLuhan, essa noção de espaço vazio não compete a todas as culturas. Nas culturas pré-letradas o poder da oralidade é tal que o sentido visual é subordinado ao auditivo. Ao contrário do que acontece em nossa sociedade em que confiamos mais em nossos olhos do que em nossos ouvidos.

O espaço visual não era o único tipo de espaço - para McLuhan o espaço existe para além do reino do visual. Aqui estava outro espaço, o espaço acústico: dinâmico, ligado à oralidade e independente das características associadas ao visual, sem limites fixos, sem centro e muito pouco senso de direção (Cavell, 2005:97).

No espaço visual, a ênfase está no olho. Meios que enfatizam a visão como a escrita fonética e a imprensa, alteram a nossa percepção do mundo salientando a sua linearidade, produzindo a impressão de que os objetos no campo de visão estão conectados. Assim, na leitura uma palavra está conectada à outra para a produção do seu sentido, seguindo as regras da gramática e da lógica. O todo só pode ser apreendido ao se levar em conta as partes, e ao analisá-las, levando assim a uma observação objetiva.

Quando estendido pela alfabetização fonética, o sentido visual engendra o hábito analítico de perceber as facetas isoladas da vida das formas. O poder visual nos capacita a isolar um único incidente no tempo e no espaço, como com a arte figurativa. (McLuhan, 1971:376)

O espaço acústico envolve múltiplos sentidos e não demanda que analisemos os objetos em partes, as múltiplas partes coexistem simultaneamente. Não se pode focar apenas na parte, assim deve-se apreender a figura (figure) e o fundo (ground) simultaneamente para se compreender o espaço acústico. Como diz McLuhan “o campo auditivo é simultâneo, o visual sucessivo” (McLuhan, 1969).

Assim, McLuhan acredita que as sociedades orais viviam em um espaço acústico, porque o seu modo de comunicação era a fala. O homem tribal leva uma vida complexa e calendoscópica por causa do ouvido que não pode focalizar, pois ela não tem centro nem margem, ao invés de ser analítica e linear como o espaço visual.

A televisão é considerada áudio-tátil porque ela envolve vários sentidos ao mesmo tempo, criando assim um espaço acústico.

A televisão é menos um meio visual do que tátil-auditivo, que envolve todos os nossos sentidos em profunda inter-relação. Para as pessoas há muito habituadas à experiência meramente visual da tipografia e da fotografia, parece que é a sinestesia, ou profundidade tátil da experiência da TV, que as desloca de suas atitudes correntes de passividade e desligamento (McLuhan, 1971, p.378).

Meyrowitz não compartilha da concepção de McLuhan de que os meios eletrônicos aboliriam o tempo e o espaço, mas sim que foram rebaixados de determinantes de toda relação para determinantes apenas de algumas formas de interação. (1985:21)

Para Meyrowitz, McLuhan situa que a mudança dos papéis sociais em ampla escala se deve por causa do uso dos meios eletrônicos, mas ao mesmo tempo não explica de forma clara como e porque estes meios trazem essas mudanças.

McLuhan explicaria, segundo Meyrowitz, que nós perdemos a habilidade de fragmentar nossos papéis sociais, vivemos assim integrados em uma aldeia global.

O autor se atém a essa problemática para desenvolver o seu trabalho. Para ele não são os sentidos que alteram nosso comportamento, mas sim um rearranjo discernível nos palcos sociais onde atuamos e uma conseqüente mudança no nosso sentido de comportamento adequado para cada situação. (1985:4)

Os meios eletrônicos mudaram o significado do tempo, espaço e as barreiras físicas como variáveis comunicacionais. Agora diz o autor:

Nós podemos agora falar com alguém no Alasca enquanto estamos tomando sol na Flórida, nós podemos agora experienciar eventos noticiosos à distância enquanto ocorrem ou reexperienciar imagens, ações e vozes dos mortos há muito tempo, e nós podemos sentar em qualquer espaço em qualquer casa em um país e obter um *close-up* de uma confusão no futebol⁴¹.

Ainda assim diz ele, mesmo que essas capacidades façam parte do senso comum, poucos estudos se dedicaram a uma análise profunda do impacto de tais padrões de fluxo de informação sobre o comportamento social (Ibidem).

⁴¹ "We can now speak to someone in Alaska while we are sunning in Florida, we can experience distance news events as they are happening or reexperience images, actions, and voices of those long dead, and we can sit in any room in any house in the country and get a close-up view of a football huddle" (Meyrowitz, 1985:13) Tradução Livre.

As situações sociais, ou ambiente social é onde certos tipos de comportamentos são esperados e exibidos. A noção de situações sociais geralmente são concebidas em termos de coordenadas de espaço/tempo como onde alguém está, quem também está e data e hora, e a definição geral do tipo de evento que está ocorrendo (1985:333).

Para Meyrowitz os meios eletrônicos criam novos tipos de situações sociais que transcendem as configurações fisicamente definidas e com as suas próprias regras e expectativas de papéis sociais.

Dessa forma nos perguntamos: a Internet poderia ser considerada como potencializadora de um *bias* para o tempo ou para o espaço? Trata-se de um espaço acústico ou visual? A Internet cria novos tipos de situações sociais que levam a mudar nossos comportamentos e papéis sociais?

4.6 IDENTIDADE/RELAÇÃO SOCIAL

Mudanças em nossas relações e identidades sociais é outro ponto de bastante destaque das conseqüências das transformações desencadeadas por essa nova dinâmica social instaurada pela inserção de um novo meio de comunicação.

O caráter descentralizado liderado pela liberdade de navegação através dos hipertextos, e a dificuldade em distinguir autores e leitores vai levando a um sujeito multiplicado, disseminado e descentrado, continuamente interpelado como uma identidade instável (Santaella, 2002:126), onde as barreiras entre as identidades também se enfraquecem (Rheingold, 1996:186). As associações entre os usuários a partir do ciberespaço se dão de forma espontânea e com associações fluídas e flexíveis, onde a comunicação se torna mais personalizada e direcionada para receptores cada vez mais ativos e individualizados.

As alterações nas identidades e nas relações sociais são partes integrantes do trabalho realizado por Meyrowitz. Innis situou seu trabalho em uma análise mais macro social e com foco nas instituições sociais McLuhan ficou nos efeitos amplos dos sentidos dos indivíduos, e Meyrowitz propõe descer ao nível do indivíduo focando nos efeitos dos meios de comunicação nas situações sociais do dia-a-dia.

McLuhan propõe que a inserção de um novo meio de comunicação cria “novas situações para a associação humana e percepção humana” (1965).

Assim, Meyrowitz propõe três categorias sociais para demonstrar as alterações nos papéis sociais decorrentes da inserção da televisão na sociedade. São elas: grupos de identidade, socialização e hierarquia. Essas categorias permitem ao autor analisar as mudanças sociais diretamente na vida diária dos indivíduos.

Para demonstrar essas alterações, Meyrowitz procura comparar as características entre os meios impressos e os meios eletrônicos, principalmente a televisão em contraste com o meio impresso.

A escrita, além de potencializar a linearidade, a racionalidade, a uma extensão visual como em McLuhan, e a monopólios de conhecimento como em Innis, também leva ao controle da informação e à exclusão de pessoas do sistema-informação. Da mesma forma acontece com a televisão, só que esta controla outras informações, e exclui e introduz outras pessoas em um sistema-informação. Assim, a televisão expõe os comportamentos e informações dos grupos que antes eram restritas a um número e grupos específicos através da escrita.

A Internet enfraquece e fortalece as barreiras entre quais papéis sociais? Que grupos de identidade, grupos de hierarquia e grupos de socialização são afetados?

Os meios afetam três tipos de categorias sociais, diz Meyrowitz. A primeira é a de grupos de identidade. O estudo de caso que o autor propõe para entender essa mudança é a relação entre o papel social masculino e feminino. Nas culturas basicamente nômades, a diferenciação entre gêneros era quase inexistente, exercendo ou os mesmos papéis, ou papéis de mesma importância. Com a chegada da imprensa e do meio impresso contribuíram para diferenciação nos papéis entre homens e mulheres, as mulheres nesse processo são tidas como frágeis, infantis e incapazes. O processo de alfabetização na sociedade entre os séculos XVI e XVII segundo Meyrowitz também fizeram aumentar as distâncias entre os direitos das mulheres e dos homens. O autor chama a atenção que no século XVII quase 90% das mulheres não sabiam escrever o próprio nome na Inglaterra, enquanto nos homens o alfabetismo era de 30 a 100%, dependendo da ocupação (1985:219). Não se trata de afirmar que a escrita é um meio masculino de forma nata, mas sim que assim foram criados sistemas informacionais diferenciados, e nesse processo de institucionalização da escrita as mulheres foram as que mais ‘perderam’. O isolamento das mulheres por estarem em casa para cuidar dos filhos e das tarefas domésticas isolou-as do sistema informacional.

Com o advento da televisão, as mulheres tiveram acesso a mais informações do grupo masculino e de si mesmas. Assim, para o autor, a popularização da televisão

impulsiona os movimentos feministas ao possibilitar maior conhecimento sobre o grupo dos homens. A televisão diminui as barreiras entre os dois mundos informacionais ao tornar público os comportamentos e informações que antes eram privados dos grupos. Diante da exposição dos *back regions* dos grupos exigimos sermos tratados como iguais.

É bom lembrar que não se trata de uma análise behaviorista em que homens e mulheres imitam o conteúdo da televisão. Dessa forma essa nova dinâmica social não tem a ver com o conteúdo desses meios.

A segunda categoria são os grupos de socialização em que Meyrowitz analisa as mudanças em nossa concepção de infância devido aos meios de comunicação. Nas sociedades nômades e orais, as crianças eram consideradas como pequenos adultos e a única transição era realizada a partir de um ritual de passagem. Os mundos do adulto e da criança eram o mesmo.

A escrita excluiu as crianças deste grupo por exigir o conhecimento para decodificar um código difícil como a escrita. Já a televisão, devido a sua facilidade na decodificação para ser apreendida acaba minando essa barreira.

As crianças para aprenderem a ler e a escrever deviam passar anos e anos na escola para aprenderem a decodificarem o código da escrita e para gradualmente receberem informações sobre o grupo dos adultos. Assim, as crianças tinham acesso restrito ao conhecimento.

A televisão fala tanto com o adulto quanto com a criança, sem fazer distinções. As crianças sabem tanto do mundo dos adultos quanto os adultos sabem do mundo das crianças. Assim como diz Meyrowitz, “a televisão entretanto agora conduz as crianças pelo mundo mesmo antes delas terem permissão para atravessar a rua” (1985:242).

A terceira categoria são os grupos de hierarquia, e o estudo de caso de Meyrowitz é em cima de dois papéis sociais: os eleitores e o político.

Até o advento dos meios eletrônicos, um político podia fazer um discurso direcionado para cada público em separado. Poderia fazer um discurso para a classe trabalhadora e outro discurso completamente diferente para os empresários. Os políticos se aproximaram dos seus eleitores, conhecemos o seu *back region*, a sua intimidade, assim ele tem um comportamento mais informal.

Assim, os meios de comunicação podem contribuir para a formação dessas situações, e a Internet não parece fugir dessa perspectiva tendo em vista as

características aqui evidenciadas. Portanto considerados que a categoria identidade/relação social também pode ser objeto de análise pela Teoria do Meio.

4.7 CONTROLE

A Internet, desde a sua criação a partir das tecnologias empregadas na sua criação e de seus usuários que prezam pela liberdade expressão e não regulação desse espaço, sobrevive até o momento sob este caráter. Diferentemente de outros meios de comunicação, onde uma elite controlava os meios de produção e difusão e a partir de uma hierarquia um-todos. Acredita-se que na rede a informação deve ser livre e a privacidade é um direito inalienável, sendo que qualquer tentativa de ir contra esses princípios é respondida com veemência.

McLuhan segue Innis quando trata dos aspectos relacionados ao controle dos meios de comunicação. Ao citar o mito grego de Cadmo, em que “o rei que introduziu as letras do alfabeto na Grécia, semeou os dentes do dragão e deles germinaram homens armados” (1971:101), o autor pontua que o alfabeto significou o poder, autoridade e controle das estruturas militares à distância. A posição claramente relacionada com Innis, diz que com o papiro e o alfabeto foi decretado o fim das burocracias templárias e dos monopólios sacerdotais do conhecimento e do poder.

Kroker (1984:79) situa que uma das limitações de McLuhan seria a falta de atenção à relação entre economia e tecnologia, deixando de apreciar a apropriação e privatização da tecnologia pelas instituições de ponta, corporações multinacionais e o estado. O que McLuhan chama a atenção brevemente em relação do controle dos meios eletrônicos, controlando assim os nossos sentidos, uma vez que os meios são extensões do nossos corpos.

Arquimedes disse certa vez: “Dê-me um ponto de apoio e eu moverei o mundo.” Hoje, ele apontaria para nossos meios elétricos e diria: “Eu me apoiarei em seus olhos, ouvidos, nervos e cérebro e o mundo se moverá em qualquer compasso e forma que eu desejar.” Nós arrendamos esses “pontos de apoio” às empresas particulares. (1971:89)

Apesar se estar ciente das relações entre economia e tecnologias, McLuhan segundo Kroker, parece deixar de lado este aspecto, dando preferência para a tecnologia acima de qualquer outro, incluindo as fundações econômicas da sociedade.

Já em Innis vemos essa preocupação muito bem digerida. Primeiro pelos seus estudos em relação à dependência econômica dos países periféricos e que o levou para a comunicação, depois pelos monopólios de conhecimento, incidindo no poder e controle social, e sobre os *bias* dos meios de comunicação.

A questão dos monopólios de conhecimento é a mais emblemática. Aqueles que controlam o meio de comunicação de uma determinada sociedade também controlam a realidade no sentido que eles definem que conhecimento é legítimo. O autor critica a idéia de uma centralização espacial da comunicação nos impérios. Em tais, a comunicação segue a unidirecionalidade, do centro para a margem, foi o que manteve os poderosos impérios romanos e britânicos.

Monopólios são construídos e mantidos a partir da disseminação ou restrição do conhecimento, assim como os *bias* dos meios de comunicação, os monopólios também sofrem de desequilíbrio na sociedade. Assim para Innis o equilíbrio é o que permite à sociedade prosperar.

No caso de Meyrowitz, mais do que o controle de um meio de comunicação, o autor se atém ao controle do conhecimento. A questão do controle se revela no acesso à informação dos grupos sociais, e este acesso faz transformar a situação social.

Pessoas com o mesmo status em uma sociedade geralmente têm acesso a situações similares, ou sistemas-informação. O controle sobre o conhecimento tem íntima relação com o controle sobre as informações sociais, ao afetar quem está autorizado a desempenhar determinado papel e quem tem acesso a situações específicas. Assim, há uma relação entre sistemas-informação e acesso ao conhecimento considerado por Meyrowitz como fatos, dados entre outros.

Os grupos se distinguem baseados no que seus membros sabem fazer, mas não se trata apenas disso, pois para um grupo ter uma identidade própria é preciso que outros não saibam o mesmo que os membros sabem. Controlar o conhecimento dá a possibilidade de exibir certos comportamentos sociais, assim o acesso ao conhecimento do grupo está intimamente relacionado com o acesso às situações do grupo segundo Meyrowitz. Para ao autor a importância social de um sistema de informação encontra-se nos padrões de acesso a outros que se estabelece.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso objetivo neste trabalho era o problematizar o potencial da tradição da Teoria do Meio, principalmente através de Harold Innis, Marshall McLuhan e Joshua Meyrowitz, ao analisar a Internet enquanto meio de comunicação.

Situamos assim as principais pesquisas em Comunicação e onde estavam centrando seus estudos e percebemos que os meios de comunicação enquanto tecnologias são bastante negligenciados.

Encontramos na Teoria do Meio uma tradição de pesquisa importante para a Comunicação uma vez que traz outra dimensão de análise ao centrar-se nos meios de comunicação. Exploramos assim as principais pesquisas de seus autores fundantes como Marshall McLuhan e Harold Innis. Analisamos ainda as contribuições de Joshua Meyrowitz que consolidou esses e outros pesquisadores sob a designação de Teoria do Meio incluindo as suas próprias pesquisas neste conjunto. As pesquisas de Meyrowitz trouxeram a tona novamente estes autores que estavam esquecidos e adicionou uma nova dimensão a este conjunto focando seus estudos na influência dos meios de comunicação no cotidiano das pessoas aproximando assim as pesquisas de Erving Goffman em relação à Teoria do Meio - aspecto esse que havia sido esquecido por Innis e McLuhan.

Mas outros empecilhos colaboram para o pouco destaque desta tradição na Comunicação. Entre eles, destacamos as dificuldades dos textos dos seus principais fundadores Harold Innis e Marshall McLuhan. Este último, devido ao seu método mosaico de exploração para traçar o contexto geral, o uso extensivo de aforismos, metáforas a fim de incitar o leitor, também levam a inúmeras incompreensões das suas principais pesquisas, ainda que possam ter sido deliberadas para incitar a reflexão.

No caso de Innis, a sua erudição como economista leva a textos densos e complexos. Nos últimos anos da sua vida, entretanto, percebe-se uma mudança intensa no estilo de escrita. Se nos seus primeiros textos sobre economia Innis opta por uma abordagem detalhista o mesmo não se pode dizer dos seus textos relacionados à comunicação. McLuhan acreditava que se tratava de uma estratégia deliberada de Innis e que inspirou o próprio McLuhan ao desenvolvimento do seu mesmo método mosaico. Outros discordam e apontam para sua vida por demais atarefada principalmente por aceitar em 1948 o cargo de membro e pesquisador na *Royal Commission on Transportation* tendo assim que viajar semanalmente entre Ottawa e Toronto, e a perda

de saúde crescente, deixando-o de cama às vezes semanas, inteiras nos seus últimos quatro anos de vida (Creighton, 1978:135; Heyer, 2003:60). Innis então optaria por uma escrita rápida e por grandes saltos em suas análises ao possuir cada vez menos tempo e menos saúde para realizar seus trabalhos. Dessa forma, tentou mais desenhar um esboço de um programa de pesquisa do que detalhá-lo.

Outro ponto que destacamos durante o trabalho foi o caráter determinista tecnológico apontado por vários autores, principalmente no que diz respeito à McLuhan; assim como a falta de uma definição clara de meio de comunicação que escape do simples materialismo.

Todos os autores da cibercultura aqui analisados como Lúcia Santaella, André Lemos, Howard Rheingold e Manuel Castells citam McLuhan entre as suas referências, e alguns até outros pesquisadores relacionados com a tradição da Teoria do Meio como Harold Innis, Neil Postman e Eric Havelock. Este dado é importante para situar que estes autores não desconhecem as principais pesquisas da Teoria do Meio, principalmente no que se refere à McLuhan. Assim como há o conhecimento das pesquisas dos outros pesquisadores da cibercultura como por exemplo André Lemos, que faz referências aos trabalhos de Castells e Rheingold; e Santaella que cita Rheingold, Castells e André Lemos. Colocando assim Castells e Rheingold como importantes referências primeiras no debate sobre cibercultura.

Construímos e classificamos as características apontadas pelos autores da cibercultura através das seguintes categorias: (1) Ambiente/Organização Social; (2) Difusão/Criação; (3) Redefinição/Convergência/Propriedades dos Meios; (4) Sentidos; (5) Espaço/Tempo; (6) Identidade/Relação Social; (7) Controle.

Estas se relevaram como sendo objeto de análise da tradição da Teoria do Meio. Os autores pertencentes a esta tradição procuram enfatizar a importância da comunicação na criação, manutenção e modificação do ambiente e da organização social. Demonstram que as propriedades simbólicas e materiais dos meios de comunicação principalmente no que tange à questão da crescente difusão e criação de materiais culturais e troca de informação entre os usuários, é parte integrante da análise da Teoria do Meio como: os monopólios de conhecimento, o *bias* do meio de comunicação, o conceito de Aldeia Global, a mudança dos papéis sociais entre outras.

A Teoria do Meio procura analisar as mudanças que acontecem com o ambiente comunicacional quando um novo meio de comunicação se insere na sociedade, levando

em conta os equilíbrios de poder, conhecimento e sentidos. Em decorrência de suas características e as tendências que implicam na sociedade a partir do seu uso.

A categoria do Espaço/Tempo é muito bem explorada por Harold Innis a partir da sua pesquisa sobre o *bias* dos meios de comunicação. Onde os meios têm uma tendência mais forte ora para o espaço ora para o tempo, dependendo do meio de comunicação e seu uso. Essa pesquisa é muito importante e serviu de inspiração para McLuhan, que seguiu esta perspectiva desenvolvendo o seu próprio *bias*, mas em relação aos sentidos, ora uma tendência acústica, ora visual.

A categoria de Identidade/Relação Social é abordada por todos os autores, mas tem destaque em Meyrowitz ao situar o enfraquecimento das barreiras entre os papéis sociais devido aos meios de comunicação, uma vez que estes tornam públicos os comportamentos e informações que antes eram privados dos grupos.

A questão do controle talvez seja um ponto fraco em Meyrowitz e McLuhan, mas tem muita força em Innis, e a relação que o mesmo faz com os monopólios de conhecimento. Certos meios em determinados contextos são mais fáceis de serem controlados por pequenos grupos, e uma vez controlados certos monopólios de conhecimento são desenvolvidos.

Consideramos que a categoria que a Teoria do Meio tenha a menor capacidade de análise é a ‘Sentidos’. Esta, mesmo sendo o ponto principal do debate de McLuhan, carece de sistematização do autor. A análise do autor sobre a modificação dos sentidos e a questão do equilíbrio diante da inserção de um novo meio de comunicação na sociedade, são muito interessantes para a compreensão da relação entre os meios e a sociedade. Mas este peca por não responder, ou responder de forma confusa, a uma série de questões básicas na comparação entre os meios como vimos, por exemplo, sobre os meios quentes e frios.

Ainda assim acreditamos que a Teoria do Meio pode contribuir para a compreensão da Internet enquanto meio de comunicação.

Parece difícil assim acreditar em certas posições que declaram não haver possibilidade de analisar os efeitos dos “novos meios de comunicação” porque as teorias da comunicação simplesmente não dão conta da nova realidade que se constrói. Não excluimos a possibilidade de que as teorias e tradições em certos pontos não sejam suficientes para analisar todos os aspectos, mas também não as ignoramos, como se a realidade fosse apresentada como uma realidade absolutamente nova e que não vem sendo construída.

Se esse fosse o caso nenhuma, teoria funcionaria como teoria em seu sentido estrito. Se um novo meio de comunicação se insere e é impossível analisar o mínimo de aspectos possíveis com as teorias que temos atualmente, significa que as teorias não estão funcionando como deveriam, estão apenas trabalhando como estudos de caso, e não se concentrando em aspectos gerais dos meios. Como diz Sellitz “*Uma lei científica é o resumo do conhecimento da relação entre propriedade, em termos mais genéricos do que as averiguações empíricas em que está baseado*” (1965:557) ou ainda:

Entretanto, em geral, a intenção de uma teoria na ciência moderna é resumir os conhecimentos existentes, a fim de fornecer uma explicação para eventos e relações observadas e para prever a ocorrência de eventos e relações ainda não observadas, com base nos princípios explanatórios contidos na teoria. (1965:558)

E mesmo que uma teoria não seja capaz de explicar todas ou novas evidências, não significa que a teoria seja falsa, apenas que ela é insuficiente, ou não é bastante específica, ou não é adequada para responder a todos os fenômenos (1965:564).

É por isso que acreditamos que a tradição da Teoria do Meio pode contribuir para o entendimento da Internet ao estudar vários aspectos considerados importantes da Internet e suas relações com a sociedade.

Não podemos deixar de concluir que se faz necessária uma maior sistematização destes estudos da Teoria do Meio, principalmente no que tange a sua compreensão e continuação dada por outros pesquisadores. Desde o início deste trabalho nos restringimos a denominar a Teoria do Meio como uma tradição de pesquisa, mas o que falta a ela para ser uma teoria?

As críticas feitas aqui e em outros espaços como as lacunas de caráter teórico e epistemológico em relação às pesquisas da Teoria do Meio são capazes de atingir o ponto central da tradição? O que significa ser uma Teoria da Comunicação? Estes são alguns apontamentos que nos fazem prosseguir no aprofundamento dos estudos relacionados à Teoria do Meio em um projeto de doutorado.

REFERÊNCIAS

- A POP PHILOSOPHER. *The CBC Digital Archives Website*. Canadian Broadcasting Corporation, 22 de Junho, 1965. Televisão, 5:47, som. Disponível em <http://archives.cbc.ca/arts_entertainment/media/topics/342-1818/>
- ANDOUZE, Françoise. “Leroi-Gourhan, a Philosopher of Technique and Evolution”. In: *Journal of Archaeological Research*, Vol. 10, No. 4, December 2002. p. 277-306
- BARBOSA, Rodrigo M. “Pirataria On-Line e a dádiva”, in *RASTROS*, Ano IX - Edição no 09 - Agosto 2008.
- BARBOSA, Rodrigo M. “Pirataria On-Line e o Jogo”. In: *II Simpósio ABCiber*, 2008, São Paulo. Anais II Simpósio ABCiber. São Paulo: Editora, 2008.
- BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1994.
- BAUER, Raymond; BAUER, Alice. “Os Estados Unidos, a ‘Sociedade de Massa’ e os meios de massa”. In: STEINBERG, Charles S. (Org.). *Meios de Comunicação de Massa*. São Paulo: Cultrix, 1966.
- BIMBER, Bruce. “Three Faces of Technological Determinism”. In: SMITH, M.R.; MARX, Leo. (eds.) *Does Technology Drive History? The Dilemma of Technological Determinism*. The MIT Press, Cambridge, Massachusetts London England, 1994. p. 79-100.
- BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. A construção do objeto. In: *Ofício de Sociólogo: metodologia da pesquisa na sociologia*. Tradução: Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- BRAGA, José Luiz. “A Construção do Campo da Comunicação”. In: *Campo da Comunicação- Caracterização, problematização e perspectivas*. João Pessoa: Universitária UFPB, 2001.
- BRUYNE, Paul. et. al. “Metodologia e prática da pesquisa em ciências sociais”. In: *Dinâmica da pesquisa em ciências sociais: os pólos da prática metodológica*. Rio de Janeiro F.Alves, 1991. p.09-38.
- CAREY, James W.. “Harold Adams Innis and Marshall McLuhan”. In: GENOSKO, Gary (eds.). *Marshall McLuhan: Theoretical elaborations*. New York: Routledge. vol. 2 – 2005. p.193-220
- CAREY, James W. “Marshall McLuhan: Genealogy” and Legacy, in *Canadian Journal of Communication*, Vol 23, No 3, 1998.
- CAREY, James W. *Communication as Culture: Essays on Media and Society*. Boston: Unwin Hyman, 1988.
- CAVELL, Richard. “McLuhan and spatial communication”. In: GENOSKO, Gary (eds.). *Marshall McLuhan: Theoretical elaborations*. New York: Routledge. vol. 2 – 2005. p.91-107
- DE KERCKHOVE, Derrick. McLuhan and the “Toronto School of Communication”.

Canadian Journal of Communication (1989): 73-79.

- DEFLEUR, Melvin. *Teorias da Comunicação de Massa*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1993.
- DUSEK, Val. *Filosofia da Tecnologia*. São Paulo: Edições Loyola, 2008.
- ECO, Umberto. Cultura de massa e “níveis” de cultura. In: *Apocalípticos e integrados*. São Paulo: Perspectiva, 1993, 5ª ed.
- ELLUL, Jacques. “On the Aims of a Philosophy of Technology”. In: SCHARFF, R.C.; DUSEK, V. (eds). *Philosophy of technology: the technological condition : an anthology*. 2003. Tradução Livre.
- EMERY, Edwin, AULT, Philip H. e AGEE, Warren K. *Introdução à comunicação de massa*. São Paulo: Atlas, 1973.
- FEENBERG, Andrew. *Alternative modernity: the technical turn in philosophy and social theory*. Berkeley: University of California Press, 1995. p.161-165
- GOODY, Jack; WATT, Ian. “The Consequences of Literacy”, in *Literacy in Traditional Societies*, 1968, p.1, n.1.
- GORDON, W. Terrence. *Marshall McLuhan: Escape Into Understanding*. Toronto: Stoddart, 1997.
- HEIDEGGER, Martin. "A Questão da Técnica", trad. Emmanuel Carneiro Leão. *Ensaio e Conferências*, Editora Vozes, Petrópolis, 2002.
- HEILBRONER, Robert. "Do Machines Make History?" In: *Technology and Culture* 8, July 1967. p. 335-345.
- HEYER, P. *Harold Innis*. Lanham: Rowman & Littlefield, 2003.
- HOLMES, David. *Communication theory: media, technology and society*. London: Sage Publications, 2005.
- INNIS, Harold. A. . *Empire and Communications*. Toronto: University of Toronto Press, 1986.
- INNIS, Harold. A. . *The Bias of Communication*. Toronto: University of Toronto Press, 1951
- INNIS, Harold. A. . “The Bias of Communication”, in *The Canadian Journal of Economics and Political Science / Revue canadienne d'Economique et de Science politique*, Vol. 15, No. 4, novembro 1949, p. 457-476.
- INNIS, Harold. A. . *Empire and Communications*. Oxford: Clarendon Press, 1950.
- JENSEN, K.B.; ROSENGREN K.E. "Five traditions in search of the audience", in *European Journal of Communication*, Vol. 5, 1990, No. 2, 207-238.
- KATZ, E. “A propos des médias et de leurs effets”, in SFEZ, L. (org.) *Technologies et Symboliques de la Communication*. Colloque de Ceresy 1988 Press Universitaire de Grenoble, 1990, pp. 275-282 (Tradução para o português de L.C. Martino, mecanografado, Brasília, 1999).
- KATZ, Elihu. “Refletindo sobre os efeitos dos Mass Media”. In: PERUZZO, Cecília Maria Krohling; Pinho, José Benedito (Orgs). *Comunicação e multiculturalismo*. São Paulo: INTERCOM, 2000, p. 215-231.

- KATZ, Ruth; KATZ, Elihu. "McLuhan: Where Did He Come From, Where Did He Disappear?", *Canadian Journal of Communication*, no 3, vol. 23, Summer, 1998, p. 307-19.
- KROKER, Arthur. *Technology and the Canadian Mind: Innis/McLuhan/Grant*. Montreal: New World Perspectives, 1984.
- LEROI-GOURHAN, A. *O Gesto e a Palavra II. Memória e Ritmos*. Lisboa: Edições 70, 1965.
- LOVEKIN, David. *Technique, Discourse, and Consciousness: An Introduction to the Philosophy of Jacques Ellul*. Bethlehem: Lehigh University Press 1991.
- MACHADO, Carlos J. S. *Tecnologia Meio Ambiente e Sociedade: Uma introdução aos modelos teóricos*. Rio de Janeiro: e-papers, 2003.
- MATTELART, A. e MATTELART, M. *História das teorias da comunicação*. São Paulo: Loyola, 1999.
- MARTINO, L.C. "Pensamento Comunicacional Canadense: as contribuições de Innis e McLuhan", in *Comunicação, Mídia e Consumo*, São Paulo, vol. 5, n.1 4 p.123-148 novembro 2008.
- MARTINO, L. C. . "Ceticismo e Inteligibilidade do Saber Comunicacional". *Ciberlegenda* (UFF), Niteroi, v. 5, 2001.
- MARTINO, L. C. . "Elementos para uma epistemologia da Comunicação". In: FAUSTO NETO. A. PORTO. S.D.: AIDAR PRADO, J.L. (eds.). *Campo da Comunicação: caracterização, problematização e perspectivas*. Editora Universitária/UFPB. João Pessoa, 2001b. p. 51-75.
- MARTINO, L. C. . "Abordagens e Representação do Campo Comunicacional". *Comunicação, Mídia e Consumo* (São Paulo), v. 3, p. 33-54, 2006.
- MARTINO, L. C. . "História e Identidade: apontamentos epistemológicos sobre a fundação e fundamentação do campo comunicacional". *E-Compós* (Brasília), www.compos.org.br, v. 1, p. 1-22, 2004.
- MARTINO, L. C. . "Uma Questão Prévia: existem teorias da comunicação?". In: Martino, Luiz C.. (Org.). *Teorias da Comunicação: Muitas ou Poucas?*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007, v. 1, p. 13-42.
- MARTINO, L. C. . A Revolução Mediática: a comunicação na Era da simulação tecnológica. In: *V Bienal Iberoamericana de la Comunicación Instituto Tecnológico de Monterrey*, 2005, México-DF. Revista Razon y Palabra, 2005.
- MARTINO, L. C. . "Contribuições para o estudo dos meios de comunicação" in *Revista FAMECOS*, Porto Alegre - nº 13, dezembro 2000, p.103-114.
- McLUHAN, M.; Fiore, Q. *The Medium is the Massage: An Inventory of Effects*. New York: Bantam Books, 1967.
- McLUHAN, Marshall. *Os meios de Comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 1971.
- McLUHAN, Marshall. *A Galáxia de Gutenberg*. São Paulo: CEN, 1972.
- McLUHAN, Marshall. "Playboy Interview". *Playboy Magazine*, March 1969, 1994.
- McLUHAN, Marshall & MCLUHAN, Eric. *Leyes de los médios: la nueva ciencia*.

México: Alinza, 1990.

MCLUHAN – HOT AND COOL, in *Old Messengers, New Media. Herbert Marshall McLuhan – McLuhan.* 2007. Disponível em <<http://www.collectionscanada.gc.ca/innis-mcluhan/002033-2000-e.html>>. Acesso em: 05/01/2009.

MCQUAIL, Denis. *Teoria da Comunicação de Massas*. Lisboa, Gulbenkian, 2003.

MEYROWITZ, Joshua. “Medium Theory”. in D. Crowley and D. Mitchell, eds., *Communication Theory Today*. Stanford, CA: Stanford University Press, 1994, p. 50-77.

MEYROWITZ, Joshua. “As múltiplas Alfabetizações midiáticas”. in *Revista FAMECOS*, Porto Alegre - nº 15, agosto 2001, p.88-100.

MEYROWITZ, Joshua. "Images of Media: Hidden Ferment - And Harmony - In the Field", in *Journal of Communication*, New York, Vol 43, Issue 3, 1993, p.55-66

MEYROWITZ, Joshua. *No sense of place: The impact of eletronic media on social behavior*. New York: Oxford University Press, 1985.

MEYROWITZ, Joshua. “Canonic Anti-Text: Marchall McLuhan’s Understanding Media”, in: KATZ, Elihu et al (eds), *Canonic Texts in Media Research*. Cambridge: Polity, 2003b

MIÈGE, Bernard. *O Pensamento Comunicacional*. Vozes. Petrópolis, 2000.

MORAGAS SPA, Miguel de. *Teorias de la Comunicación*, 3ª ed., Barcelona (Espanha), G.Gili, 1985.

NEVITT, Barrington & MCLUHAN, Maurice (eds.). *Who Was Marshall McLuhan?*. Toronto, 1995.

OLD MESSENGERS, NEW MEDIA. HERBERT MARSHALL MCLUHAN – MCLUHAN. Disponível em <<http://www.collectionscanada.gc.ca/innis-mcluhan/002033-2000-e.html>>

ORTEGA Y GRASSET, José. “A chegada das massas”. In: ROSENBERG, Bernard; MANING WHITE, David (Org.). *Cultura de massa*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1973. p. 57-62.

PEREIRA, V. A. . “As tecnologias de Comunicação como gramáticas: meio, conteúdo e mensagem na obra de M. McLuhan”. *Contracampo* (UFF), Niteroi - RJ, v. 10/11, p. 07-20, 2004.

PEREIRA, V. A. . “Marshall McLuhan, o conceito de determinismo tecnológico e os estudos dos meios de comunicação contemporâneos”. *Razón y Palabra*, v. 52, p. 52, 2006.

PHILOSOPHY OF TECHNOLOGY. Stanford Encyclopedia of Philosophy. Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/entries/technology/>>. Acesso em: 9 Janeiro 2010.

PITT, Joseph C. *Thinking About Technology: Foundations of the Philosophy of Technology*. New York: Seven Bridge Press, 2000.

PRIMO, Alex. *Interação Mediada por Computador*. Porto Alegre: Sulina, 2007.

ROCHER, Guy. *Sociologia Geral 3*, Editorial Presença, Lisboa, 1971.

- RODRIGO ALSINA, Miquel. *Teorías de la comunicación: Ámbitos, métodos y perspectivas*. Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona, 2001.
- SELLTIZ, Jahoda. *Métodos de Pesquisa nas Relações Sociais*. São Paulo: E.P.U./EDUSP, 1965.
- SMITH, Greg, "Introduction - Interpreting Goffman's sociological legacy" in Greg Smith (ed.) *Goffman and Social Organization: Studies in a sociological legacy*. London: Routledge. 1999. p.1-18.
- SOULES, Marshall. *Harold Adams Innis: The Bias of Communications & Monopolies of Power*. 2007. Disponível em: <<http://www.media-studies.ca/articles/innis.htm>>. Acesso em: 10/12/2009.
- SOUSA, Janara. *Contribuições, limites e desafios da Teoria do Meio*. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília, Brasília, dezembro de 2003.
- STEVENSON, John. *Technology and Culture: Innis, McLuhan, Carey*. 1995. Disponível em: <http://www.tranquileye.com/netessays/innis_mcluhan_carey.html>
- TREMBLAY, G. “De Marshall McLuhan a Harold Innis ou da Aldeia Global ao Império Mundial”, in *Revista FAMECOS*, no 22, Porto Alegre, dez. 2003. Disponível em: <<http://revcom.portcom.intercom.org.br/index.php/famecos/article/view/228/173>> . Acesso em: 23/1/2008.
- TRIGUEIRO, M. G. S. . *O conteúdo social da tecnologia*. 01. ed. Brasília: EMBRAPA, 2008. v. 01.
- VARÃO, Rafiza ; SOUSA, J. K. L. L. . “Harold Lasswell: as contribuições do ‘paladino’ do saber comunicacional”. In: *XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM, 2006*, Brasília. Anais do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM, 2006.
- VRIES, Marc J. de. *Teaching about Technology: An Introduction to the Philosophy of Technology*. Dordrecht: Springer, 2005.
- WOLF, Mauro. *Teorias da Comunicação*, Lisboa, Presença, 4ª ed. 1995.
- WORLD IS A GLOBAL VILLAGE. *The CBC Digital Archives Website*. Canadian Broadcasting Corporation, 18 de Maio, 1960. Televisão, 8:44 min, som, cor. Disponível em <http://archives.cbc.ca/arts_entertainment/media/topics/342-1814/>
- WINKIN, Yves, "Erving Goffman: what is a life? The uneasy making of an intellectual biography" in Greg Smith (ed.) *Goffman and Social Organization: Studies in a sociological legacy*. London: Routledge. 1999. p.19-41.

ANEXO A – LISTA DE ARTIGOS DO GT COMUNICAÇÃO E CIBERCULTURA DA COMPÓS

Esta é a lista de artigos analisados em nosso quadro de referências. No total são 40 artigos em quatro anos do GT de Comunicação e Cibercultura (2006-2009).

2009

- Plataformas de música online. Práticas de comunicação e consumo nos perfis.
Adriana da Rosa Amaral
- EXISTEM CELEBRIDADES DA E NA BLOGOSFERA? Reputação e renome em blogs
Alex Fernando Teixeira Primo
- Arte e Mídia Locativa no Brasil
André Luiz Martins Lemos
- Mapas de crime: vigilância distribuída e participação na cibercultura
Fernanda Bruno
- A IMORTALIDADE COMO UM EMPREENDIMENTO DIGITAL: A temporalidade mítica religiosa no tempo intersticial das redes sociotécnicas
Larissa Soares Carneiro
- EM BUSCA DAS “REDES QUE IMPORTAM”: Redes Sociais e Capital Social no Twitter
Raquel da Cunha Recuero, Gabriela da Silva Zago
- Redes temáticas na web e biossociabilidade on-line
Sandra Portella Montardo
- Redes cibernéticas e tecnologias do anonimato: confrontos na sociedade do controle
Sergio Amadeu da Silveira
- Se vc gosta de Madonna também vai gostar de Britney! Ou não? Gêneros, gostos e disputa simbólica nos Sistemas de Recomendação Musical
Simone Pereira de Sá

- MAIS GRAVE! Como as tecnologias midiáticas afetam as sensorialidades auditivas e os códigos sonoros contemporâneos
Vinícius Andrade Pereira, José Cláudio S. Castanheira

2008

- Interney blogs como micromídia digital: elementos para o estudo do encadeamento midiático
Alex Primo (UFRGS)
- Videografias de si: registros do novo ethos da contemporaneidade
Bruno César Simões Costa (PUC-Minas)
- Visibilidade mediática e violência transpolítica na cibercultura: condição atual da repercussão social-histórica do fenômeno glocal na civilização mediática avançada
Eugênio Rondini Trivinho (PUC-SP)
- Monitoramento, classificação e controle nos dispositivos de vigilância digital
Fernanda Glória Bruno (UFRJ)
- Wikipédia: auto-regulação e controle. Um olhar sobre os Operadores de Normalização da "enciclopédia livre"
Marcelo Benevides Lopes (UFPE)
- O seu buscador lhe satisfaz? A folksonomia como alternativa de representação e recuperação de informação na web 2.0
Maria Clara Jobst de Aquino (UFRGS)
- Cérebro, memória e esquecimento na era das teclas save/delete
Maria Cristina Franco Ferraz (UFF)
- Espelhos Quebrados no Ciberespaço: Implicações de redes temáticas em blogs na Análise de Redes Sociais (ARS)
Sandra Portella Montardo (FEEVALE) e Liliana Maria Passerino (UF
- O naturalismo metodológico de H. Blumer: contribuições para as práticas de pesquisa em cibercultura
Telma Sueli Pinto Johnson (UFMG)

- G.A.M.E.S. 2.0 ? Gêneros e Gramáticas de Arranjos e Ambientes Midiáticos
Mediadores de Experiências de Entretenimento, Sociabilidades e
Sensorialidades
Vinícius Andrade Pereira (UERJ)

2007

- Mídia Locativa e Territórios Informativos
André Lemos
- Softwares sociais: o autor como produtor de ciberativismo
Diana Domingues
- Videotrash: O YouTube a Cultura do “Spoof” na Internet
Erick Felinto
- Cibercultura e existência em tempo real: Contribuição para a crítica do modus
operandi de reprodução cultural da civilização mediática avançada
Eugênio Trivinho
- A ciência do ciborgue: comunicação, sistemas complexos e cibercultura
Fátima Régis
- Drama interativo: hibridações entre jogo e narrativa
Fernanda Costa e Silva
- O pós-humano: biopolítica e cibercultura
Francisco Rüdiger
- A web e a parceria: Projetos colaborativos e o problema da mediação na Internet
Henrique Antoun; André Custódio Pecini
- Configurações empíricas da pesquisa em comunicação e cibercultura: trajetória,
modelos e vetores metodológicos
Sivaldo Pereira da Silva
- Quem procura, acha? o impacto dos buscadores sobre o modelo distributivo da
World Wide Web
Suely Fragoso

2006

- Ciberespaço e Tecnologias Móveis. Processos de Territorialização e Desterritorialização na Cibercultura
André Lemos
- Posthuman.com. Cibercultura e Pós-Humanismo como Temas Comunicacionais
Erick Felinto
- Transpolítica da Cibercultura: ruína do estado e da política na civilização mediática avançada
Eugênio Trivinho
- Dispositivos de Vigilância no Ciberespaço. Duplos digitais e identidades simuladas
Fernanda Bruno
- Petite ou Grande Mort? A sexualidade e o imaginário tecnológico contemporâneo
Juliana Tonin e Barbara Nickel
- Na Terra do Sempre: da "Sociedade do Espetáculo" ao ciberespaço hiper ou sub?
Juremir Machado da Silva
- Identidades e Nicknames. A comunicação digital e seus desdobramentos na construção de comunidades virtuais
Lílian Cristina Monteiro França
- Memes em Weblogs. Proposta de uma taxonomia
Raquel da Cunha Recuero
- A Música na Era de suas Tecnologias de Reprodução.
Simone Pereira de Sá
- Tecnologias da Informação e Comunicação Versus Política Contemporânea: três dimensões de análise sob o prisma da filosofia da técnica.
Sivaldo Pereira da Silva

ANEXO B - QUADROS DE REFERÊNCIAS

1. LEMOS, André. *Cibercultura: Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 2002.

Ambiente/Organização Social

- Na pós-modernidade, o sentimento é compressão do espaço e do tempo onde o tempo real (imediato) e as redes telemáticas, desterritorializam (desespacializam) a cultura, tendo um forte impacto nas estruturas econômicas, sociais, políticas e culturais. O tempo é assim, um modo de aniquilar o espaço, Este é o ambiente comunicacional da cibercultura... (67)
- O tribalismo, o presenteísmo e o hedonismo das comunidades virtuais abalam a rigidez das formas sociais modernas (partidos, classes, gênero)(75)
- O que está em jogo nesse processo de digitalização do mundo é, segundo Adriano Rodrigues, o desaparecimento da instância legitimadora clássica do discurso: emissor e receptor fundem-se na dança dos bits. (80)
- ... as novas tecnologias. Ao invés de inibir as situações lúdicas, comunitárias e imaginárias da vida social, elas vão agir como vetores potencializadores dessas situações, da socialidade. (84)
- ... a revolução das redes telemáticas parece ser "uma revolução da mesma dimensão da revolução da imprensa". (137)
- Através da cibercultura, associamos comportamentos e ações que surgem (no princípio dos anos 80) a partir da confluência das tecnologias digitais e dos mass media de comunicação em sua relação dirata e simbiótica com a dinâmica social, redefinindo, indubitavelmente, em nossas sociedades contemporâneas, a noção de espaço e tempo, sujeito e objeto, comunidade e indivíduo, natureza e artifício, real e virtual. (259)

Difusão/Criação

- Esta revolução digital implica, progressivamente, a passagem dos mass media (cujos símbolos são a TV, o rádio, a imprensa, o cinema) para formas individualizadas de produção, difusão e estoque de informação. Aqui a circulação de informações não obedece à hierarquia da árvore (um-todos), e sim à multiplicidade do rizoma (todos-todos). (68)
- Os novos media permitem a comunicação individualizada, personalizada e bidirecional, em tempo real. Isto vem causando mudanças estruturais na produção e distribuição da informação, tanto em jornais, televisões, rádios e revistas quanto ao setor de entretenimento como o cinema e a música. (79)
- ... informação chega de forma caótica, multidirecional, entrópica, coletiva e, ao mesmo tempo, personalizada. (80)
- O ciberespaço cria um mundo operante, interligado por ícones, portais, sítios e home pages, permitindo colocar o poder de emissão nas mãos de uma cultura jovem, tribal, gregária, que vai produzir informação, agregar ruídos e colagens, jogar excesso ao sistema. (87)

- Longe de ser apenas um novo suporte técnico para a informação, os hipertextos problematizam as formas de conceber a produção e apreensão da informação e do conhecimento, ao mesmo tempo que um rearranjo do espaço. (124)
- Esta revolução vai afetar o conhecimento e o modo de transmitir, estocar e produzir a informação, complexificando as trocas comunicativas e abalando a estrutura centralizadora dos mass media. (137)
- A cibercultura fornece vários exemplos de uma despesa excessiva, não acumulativa e irracional de bits. Dançar por horas em festas tecno, viajar por vínculos banais e efêmeros do ciberespaço, produzir vírus, penetrar sistemas de computador, trocar informação frívola em bate-papos e grupos temáticos, etc, refletem essa orgia de signos que preenchem nossa realidade cotidiana desse fim de século. Muitos intelectuais contemporâneos criticam a internet justamente por esse caráter frívolo, de despesa e excesso improdutivo. (243)
- O que torna o ciberespaço um fenômeno social é a disponibilidade dos internautas em fornecer livremente informações das mais diversas, seja em listas, email, grupos de discussão ou páginas Web. (253)
- O que mantém vivo o ciberespaço é a livre circulação de informação e não o seu controle. A generalidade da argumentação a torna inócua (é claro que devem existir informações livre e controladas). (253)

Redefinição/Convergência/Propriedades dos Meios

- As novas tecnologias de informação devem ser consideradas em função da comunicação bi-direcional entre grupos e indivíduos, escapando da difusão centralizada da informação massiva. (68)
- Várias tecnologias comprovam a falência da centralidade dos media de massa: os videoextos, os BBBs, a rede mundial internet em todas as suas particularidades (web, wap, chats, listas, newsgroups, muds...) Em todos estes novos media estão embutidas noções de interatividade e de descentralização da informação... (69)
- Com o digital, a forma de distribuição e de armazenamento são independentes, multimodais, onde a escolha em obter uma informação sob a forma textual, imagética ou sonora é independente do modo pelo qual ela é transmitida. (69)
- Os gigantes buscam se recolocar na nova configuração tecnossocial, percebendo que a cibercultura (digital, imediata, multimodal, rizomática) requer a transversalidade, a descentralização a interatividade. (71)
- Como afirma Lévy, ela é universal sem se totalitária, tratando de fluxos de informação bidirecionais, imediatos e planetários, sem uma homogeneização dos sentidos, potencializando vozes e visões diferenciadas (71)
- Atualiza-se, com o ciberespaço, o grande sonho enciclopédico de, em um único media, armazenar todo o conhecimento da humanidade, disponível a todos. (71)
- Os media digitais vão agir em duas frentes: ou prolongando e multiplicando a capacidade dos tradicionais (como satélites, cabos, fibras ópticas); ou criando novas tecnologias, na maioria das vezes híbridas (computadores, Minitel, celulares, pagers, tv digital, pdas, etc.) (79)
- Ao modelo Um-Todos dos media tradicionais opõe-se o modelo Todos-Todos, ou seja, a forma descentralizada e universal (tudo pode ser convertido em bits - sons, imagens, textos vídeo...) de circulação de informações. (79)

- O modelo informatizado, cujo exemplo é o ciberespaço, é aquele onde a forma do rizoma (redes digitais) se constitui numa estrutura comunicativa de livre circulação de mensagens, agora não mais editada por um centro, mas disseminada de forma transversal e vertical, aleatória e associativa. (80)
- A internet cria, hoje, uma revolução sem precedentes na história da humanidade. Pela primeira vez o homem pode trocar informações, sob as mais diversas formas, de maneira instantânea e planetária. (116)
- O excesso de informação obriga a construção de dispositivos que possam auxiliar os usuários e aprender com seus costumes. Passaremos, assim, a delegar a um agente inteligente eletrônico a tarefa de encontrar informações que desejamos. (119)
- Para Pierre Lèvy, as novas tec. do ciberespaço podem, verdadeiramente, ajudar a criar a circulação do saber, circulação esta que forma o que ele chama de inteligência coletiva. (135)
- Esta revolução vai afetar o conhecimento e o modo de transmitir, estocar e produzir a informação, complexificando as trocas comunicativas e abalando a estrutura centralizadora dos mass media. (137)

Sentidos

- Como nos explica Rheingold "enquanto o cinema mostra a realidade ao público, o ciberespaço dá um corpo virtual, um papel a cada um. A imprensa e o rádio falam, o teatro e o cinema mostram, o ciberespaço incorpora ('embodies'). (155)
- Hoje, se observarmos a dinâmica social da internet, poderemos identificar, na evolução do uso das máquinas de comunicar, uma certa busca de taticidade, reforçando ainda mais a apropriação social destas. (240)

Espaço/Tempo

- Na pós-modernidade, o sentimento é compressão do espaço e do tempo onde o tempo real (imediato) e as redes telemáticas, desterritorializam (desespacializam) a cultura, tendo um forte impacto nas estruturas econômicas, sociais, políticas e culturais. O tempo é assim, um modo de aniquilar o espaço, Este é o ambiente comunicacional da cibercultura (67)
- ... os media podem ser considerados como instrumento de simulação, formas técnicas de alterar o espaço-tempo.
- Com a ciberculturas, estamos diante de um processo de aceleração, realizando a abolição do espaço homogêneo e delimitado por fronteiras geopolíticas e do tempo cronológico e linear, dois pilares da modernidade ocidental. (72)
- A cibercultura vai, pouco a pouco, redefinindo nossa prática do espaço e do tempo, particularmente no que se refere ao nomadismo tecnológico e às fronteiras entre o espaço público e o espaço privado. (120)
- O tempo real da comunicação instantânea e o espaço gísico comprimido e diluído na fronteira eletrônica do ciberespaço criam uma contradição entre o imobilismo da casa e o nomadismo proporcionado pelas novas tecnologias. (120)

- Longe de ser apenas um novo suporte técnico para a informação, os hipertextos problematizam as formas de conceber a produção e apreensão da informação e do conhecimento, ao mesmo tempo que um rearranjo do espaço. (124)
- [ciberespaço] Ele é, dessa forma, um espaço mágico, caracterizado pela ubiquidade, pelo tempo real e pelo espaço não-físico. (128)
- O ciberespaço faz parte do processo de desmaterialização do espaço e de instantaneidade temporal contemporâneos, após dois séculos de industrialização moderna que insistiu na dominação física de energia e de matérias e na compartimentalização do tempo. (128)
- ... hoje, o ciberespaço funciona um pouco dessa forma. Ele coloca em relação, ele incita a abolição do espaço e do tempo, ele transforma-se em lugar de culto secular e digital. (129)
- O ciberespaço proporciona aos usuários uma forma de tempo e espaço diferenciados através de artefatos tecnológicos digitais. (133)
- O tempo sagrado do mito, assim como o tempo real do ciberespaço, não é o tempo linear e progressivo da história, mas o tempo de conexões, aqui e agora, um tempo presenteísta, correspondente ao presenteísmo social contemporânea. (134)
- A cibercultura estaria, dessa forma, marcada pelas tecnologias da simulação, proporcionando o sentimento de descolamento do aqui e agora, do espaço e do tempo. (239)

Identidade/Relação Social

- Assim, por exemplo, com os hipertextos, a liberdade de navegação do usuário desestabiliza distinções clássicas entre leitor e autor. (70)
- Os computadores em rede aprecem ir na direção oposta àquela da cultura do impresso, estando mais próximos do tribalismo anterior à escrita e à imprensa
- Parece que a homogeneidade e o individualismo da cultura do impresso cede, pouco a pouco, lugar à conectividade e à retribalização da sociedade. (71)
- O tribalismo, o presenteísmo e o hedonismo das comunidades virtuais abalam a rigidez das formas sociais modernas (partidos, classes, gênero) (75)
- ... o hipertexto mundial que é o ciberespaço fez com que os produtores culturais mudassem suas formas de concepção dos conteúdos de seus produtos. (122)
- Estabelece-se, dessa forma, um processo não-linear de concepção e de utilização (interatividade) dos conteúdos... (122)
- Com a navegação hipertextual ou hipermediática, problematiza-se a relação entre autor e usuário, entre escritor e leitor.
- Como afirmava McLuhan, Gutenberg nos fez leitores, a máquina Xerox nos fez editores e a eletrônica e os computadores em rede nos fazem autores. (124)
- O mesmo acontece hoje com o ciberespaço: indivíduos isolados em seus quartos, com a porta bem fechada, buscam, ao mesmo tempo, individualizar, fazendo pontes e fechando portas na sua relação com o outro e o mundo. No ciberespaço, como em toda vida em sociedade, "separação e religação são dois aspectos do mesmo ato". (141)
- A socialidade on-line caracteriza-se como uma espécie de esconde-esconde, onde o usuário pode assumir e experimentar identificações sucessivas às diversas comunidades virtuais. (175)

Controle

- A cibercultura é mais complexa, não sendo totalmente dominada por uma "classe virtual". Arthur Kroker (18)
- Podemos dizer, com Pool, que os novos media eletrônicos são "tecnologias da liberdade" Pool, Ithiel de Sola. Technologies of freedom. Harvard Press, 1983. Por tecnologias da liberdade, Pool entende aquelas que não se pode controlar o conteúdo, que colocam em questão hierarquias, que proporcionam agregações sociais e que multiplicam o pólo da emissão não-centralizada (70)
- Na sociedade de comunicação e redes telemáticas deve ser garantido o direito à liberdade de expressão e privacidade. (105)
- "uma rede verdadeiramente aberta e acessível... um ambiente de expressões onde nenhum governo pode controlar" (117) Barlow, J.P. Electronic Frontier. The Great Word. In Communications of the ATM. Vol 35, jan. 1992. p.25.
- O interessante a ser ressaltado aqui é que o tcp/ip foi desenvolvido com capitais públicos sendo, desde sempre, considerado livre significando que nenhuma companhia possui seu monopólio. A net já nasce com esse espírito: o TCP/IP e demais softwares básicos que permitem acessar a grande rede são gratuitos e disponíveis em vários servidores ao redor do mundo. (118)
- O ciberespaço é, assim, um hipertexto mundial interativo, onde cada um pode adicionar, retirar e modificar partes dessa estrutura telemática, como um texto vivo, um organismo auto-organizante, um cybionte em curso de concretização. (123)
- O ciberespaço é um ambiente mediático, como uma incubadora de ferramentas de comunicação, logo, como uma estrutura rizomática, descentralizada, conectando pontos ordinários, criando territorialização e desterritorialização sucessivas. O ciberespaço não tem um controle centralizado, multiplicando-se de forma anárquica e extensa, desordenadamente, a partir de conexões múltiplas e diferenciadas, permitindo agregações ordinárias, ponto a ponto, formando comunidades ordinárias (*quelconques*). (136)
- Notamos a popularização e até a mesmo a trivialização deste imaginário onde a máxima é: "Tudo pode na internet, a rede é livre, a informação deve ser livre, a privacidade é um direito inalienável, etc". (237)
- O que torna o ciberespaço um fenômeno social é a disponibilidade dos internautas em fornecer livremente informações das mais diversas, seja em listas, email, grupos de discussão ou páginas Web. (253)
- O que mantém vivo o ciberespaço é a livre circulação de informação e não o seu controle. A generalidade da argumentação a torna inócua (é claro que devem existir informações livre e controladas). (253)

2. CASTELLS, M. A sociedade em rede. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

Ambiente/Organização Social

- Uma revolução tecnológica concentrada nas tecnologias da informação começou a remodelar a base material da sociedade em ritmo acelerado. (39)

- As redes interativas de computadores estão crescendo exponencialmente, criando novas formas e canais de comunicação, moldando a vida e, ao mesmo tempo, sendo moldadas por ela. (40)
- Meio inconscientemente, a revolução da tecnologia da informação difundiu pela cultura mais significativa de nossas sociedades o espírito libertário dos movimentos dos anos 60. (43)
- ... as novas tecnologias da informação explodiram em todos os tipos de aplicações e usos que, por sua vez, produziram inovação tecnológica, acelerando a velocidade e ampliando o escopo das transformações tecnológicas, bem como diversificando suas fontes. (44)
- Este livro estuda o surgimento de uma nova estrutura social, manifestada sob várias formas conforme a diversidade de culturas e instituições em todos o planeta. Essa nova estrutura social está associada ao surgimento de um novo modo de desenvolvimento, o informacionalismo, historicamente moldado pela reestruturação do modo capitalista de produção no final do século XX. (51)
- No novo modo informacional de desenvolvimento, a fonte de produtividades acha-se na tecnologia de geração de conhecimentos, de processamento da informação e de comunicação de símbolos. (53)
- A comunicação media por computadores gera uma gama enorme de comunidades virtuais (56)
- A primeira característica do novo paradigma é que a informação é sua matéria-prima: são tecnologias para agir sobre a informação, não apenas informação para agir sobre a tecnologia, como foi o caso das revoluções tecnológicas anteriores.
[...]
O segundo aspecto refere-se á penetralidade dos efeitos as novas tecnologias. Como a informação é uma parte integral de toda a atividade humana, todos os processos de nossa existência individual e coletiva são diretamente moldados (embora, com certeza, não determinados) pelo novo meio tecnológico.
[...]
A terceira característica refere-se à lógica de redes em qualquer sistema ou conjunto de relações, usando essas novas tecnologias da informação. E essa lógica de redes, contudo, é necessária para estrutura o não-estruturado, porém preservando a flexibilidade, pois o não-estruturado é a força motriz da inovação na atividade humana.
[...]
[quarta característica] ... referente aos sistemas de redes, mas sendo um aspecto claramente distinto, o paradigma da tecnologia da informação é baseado na flexibilidade. (108)
- O que distingue a configuração do novo paradigma tecnológico é sua capacidade de reconfiguração, um aspecto decisivo em uma sociedade caracterizada por constante mudança e fluidez organizacional. (109)
- A emergência de um novo paradigma tecnológico organizado em torno de novas tecnologias da informação, mais flexíveis e poderosas, possibilita que a própria informação se torne o produto do processo produto. (119)
- Como a cultura é mediada e determinada pela comunicação, as próprias culturas, isto é, nossos sistemas de crenças e códigos historicamente produzidos são transformados de madeira fundamental pelo novo sistema tecnológico e o serão ainda mais com o passar do tempo. (414)

- A comunicação mediada pela Internet é um fenômeno social recente demais para que a pesquisa acadêmica tenha tido a oportunidade de chegar a conclusões sólidas sobre seu significado social. (442)
- Isso é verdade, em especial, com relação à questão que dominou o debate sobre as dimensões sociais da Internet durante a década de 1990: a Internet favorece a criação de novas comunidade, comunidades virtuais, ou, pelo contrário, está induzindo ao isolamento pessoal, cortando os laços das pessoas com a sociedade, e por fim, com o mundo "real"? (442)
- As compras on-line estão explodindo, não por imposição dos shoppings centers, mas vinculadas a eles, embora algumas lojas tradicionais (por exemplo, livrarias, lojas de discos, talvez revendas de automóveis) desaparecerão ou serão transformadas pela concorrência online. (447)
- A inclusão da maioria das expressões culturais no sistema de comunicação integrado baseado na produção, distribuição e intercâmbio de sinais eletrônicos digitalizados tem conseqüências importantes para as formas e processos sociais. [...]
Por um lado, enfraquece de maneira considerável o poder simbólico dos emissores tradicionais fora do sistema, transmitindo por meio de hábitos sociais historicamente codificados: religião, moralidade, autoridade, valores tradicionais, ideologia política [...]
Não que desapareçam, mas são enfraquecidos a menos que se recodifiquem no novo sistema... (461)
- Escolas e universidades, paradoxalmente, são as instituições menos afetadas pela lógica virtual embutida na tecnologia da informação, apesar do uso previsível quase universal de computadores nas salas de aula dos países desenvolvidos.
- Mas elas não desaparecerão no espaço virtual. (486)
- Embora a forma de organização social em redes tenha existido em outros tempos e espaços, o novo paradigma da tecnologia da informação fornece a base material para sua expansão penetrante em toda a estrutura social. (565)

Difusão/Criação

- Além disso, um novo sistema de comunicação que fala cada vez mais uma língua universal digital tanto está promovendo a integração global da produção e distribuição de palavras, sons e imagens de nossa cultura como personalizando-os ao gosto das identidades e humores dos indivíduos. (40)
- Conforme analisei anteriormente, o desenvolvimento da Internet está invertendo a relação entre comutação de circuitos e troca de pacotes nas tecnologias da comunicação, para que a transmissão de dados se torna a forma de comunicação predominante e universal. (109)
- ... os consumidores da Internet também são produtores, pois fornecem conteúdo e dão forma à teia. Assim, o momento de chegada tão desigual das sociedades à constelação da Internet terá conseqüências duradouras no futuro padrão da comunicação e da cultura mundiais. (439)
- Mas a capacidade da rede das redes (a Rede) é tal que uma parte considerável das comunicações que acontecem na rede é, em geral, espontânea não-organizada e diversificada em finalidade e adesão. (439)

- A coexistência pacífica de vários interesses e culturas na Rede tornaram a forma da World Wide Web - WWW (Rede de Alcance Mundial), uma rede flexível formada por redes dentro da Internet onde instituições, empresas, associações e pessoas físicas criam os próprios sítios (sites), que servem de base para que todos os indivíduos com acesso possam produzir sua homepage, feita de colagens variadas de textos e imagens. (439)
- Com base nesses agrupamentos, pessoas físicas e organizações eram capazes de interagir de forma expressiva no que se tornou, literalmente, uma Teria de Alcance Mundial para a comunicação individualizada, interativa. (440)
- O preço a pagar por uma participação tão diversa e difundida é deixar que a comunicação espontânea, informal prospera simultaneamente. (440)

Redefinição/Convergência/Propriedades dos Meios

- A convergência de todas essas tecnologias eletrônicas no campo da comunicação interativa levou à criação da Internet, talvez o mais revolucionário meio tecnológico da Era da Informação. (82)
 - Contudo, a capacidade de transmissão não era suficiente para instituir uma teia mundial de comunicação. (84)
 - Muitas das aplicações da Internet tiveram origem em invenções inesperadas de seus usuários pioneiros, e levaram a costumes e a uma trajetória tecnológica que se tornariam características essenciais da Internet. (86)
 - Logo surgiram novos navegadores, ou mecanismos de pesquisa, e o mundo inteiro abraçou a Internet, criando uma verdadeira teia mundial. (89)
 - Em fins da década de 1990, o poder de comunicação da Internet, juntamente com os novos progressos em telecomunicações e computação provocaram mais uma grande mudança tecnológica, dos microcomputadores e dos mainframes descentralizados e autônomos à computação universal por meio da interconexão de dispositivos de processamento de dados, existentes em diversos formatos. [...]
- Nesse novo sistema tecnológico o poder de computação é distribuído numa rede montada ao redor de servidores da web que usam os mesmos protocolos da Internet, e equipados com capacidade de acesso a servidores em megacomputadores, em geral diferenciados entre servidores de bases de dados e servidores de aplicativos. (89)
- Mesmo nos EUA, sabe-se que os contratos militares e as iniciativas tecnológicas do Departamento de Defesa desempenharam papéis decisivos no estágio de formação da revolução da tecnologia da informação, ou seja, entre as décadas de 1940 e 1970. (106)
 - ...dessa revolução tecnológica é a crescente convergência de tecnologias específicas para um sistema altamente integrado, no qual trajetórias tecnológicas antigas ficam literalmente impossíveis de se distinguir em separado. (109)
 - Em resumo, o paradigma da tecnologia da informação não evolui para seu fechamento como um sistema, mas rumo a abertura como uma rede de acessos múltiplos. É forte e impositivo em sua materialidade, mas adaptável e aberto em seu desenvolvimento histórico. Abrangência, complexidade e disposição em forma de rede são seus principais atributos. (113)

- Uma transformação tecnológica de dimensões históricas similares está ocorrendo 2700 anos depois, ou seja, a integração de vários modos de comunicação em uma rede interativas. (414)
- Ou, em outras palavras, a formação de um hipertexto e uma metalinguagem que, pela primeira vez na história, integra no mesmo sistema as modalidades escrita, oral e audiovisual da comunicação humana. (414)
- A Integração potencial de texto, imagens e sons no mesmo sistema - interagindo a partir de pontos múltiplos, no tempo escolhido (real ou atrasado) em uma rede global, em condições de acesso aberto e de preço acessível - muda de forma fundamental o caráter da comunicação. (414)
- O surgimento de um novo sistema eletrônico de comunicação caracterizado pelo seu alcance global, integração de todos os meios de comunicação caracterizado pelo seu alcance global, integração de todos os meios de comunicação e interatividade potencial está mudando e mudará para sempre nossa cultura (414)
- Depois avalie sua transformação durante a década de 1980 com o surgimento da "nova mídia" descentralizada e diversificada que preparou a formação de um sistema multimídia nos anos 90. (415)
- Não que os outros meios de comunicação desaparecessem, mas foram reestruturados e reorganizados em um sistema cujo coração compunha-se de válvulas eletrônicas e cujo rosto atraente era uma tela de televisão. (415)
- Porém, enfatizar a autonomia da mente humana e dos sistemas culturais individuais na finalização do significado real das mensagens recebidas não implica que os meios de comunicação sejam instituições neutras, ou que seus efeitos sejam desprezíveis. (421)
- A televisão precisou do computador para se libertar da tela. mas o seu acoplamento, com conseqüências potenciais importantíssimas para a sociedade geral, veio após um longo desvio tomado pelos computadores para serem capazes de conversar com a televisão apenas depois de aprender a conversar entre si. Só então a audiência pôde se manifestar. (427)
- A Internet é a espinha dorsal da comunicação global mediada por computadores (CMC): e a rede que liga a maior parte das redes. (431)
- De volta ao planeta, a Internet, em suas diversas encarnações e manifestações evolutivas, já é o meio de comunicação interativo universal via computador da Era da Informação. (432)
- O que há de específico na linguagem da CMC como novo meio de comunicação? Para alguns analistas, a CMC, especialmente o correio eletrônico, representa a vingança do meio escrito, o retorno à mente tipográfica e a recuperação do discurso racional construído. (448)
- Para outros, ao contrário, a informalidade, espontaneidades e o anonimato do meio estimula o que chama de uma nova forma de "oralidade", expressa por um texto eletrônico. (448)
- Se pudermos considerar tal comportamento como escrita informal e não-burilada, em interação de tempo real, na modalidade de um bate-papo sincronista (um telefone que escreve...), talvez possamos prever a emergência de um novo veículo, misturando formas de comunicação que antes eram separadas em diferentes domínios da mente humana. (448)
- O denominador comum da CMC é que, de acordo com os poucos estudos existentes sobre o assunto, ela não substitui outros meios de comunicação nem cria novas redes: reforça os padrões sociais preexistentes. (449)

- Multimídia, como o novo sistema logo foi chamado, estende o âmbito da comunicação eletrônica para todo o domínio da vida: de casa a trabalho, de escolas a hospitais, de entretenimento a viagens. (450)
- Os novos meios de comunicação eletrônica não divergem das culturas tradicionais: absorvem-nas. (453)
- No geral, tanto na Europa quanto nos Estados Unidos ou na Ásia a multimídia parece estar mantendo, mesmo em seu estágio inicial, um padrão social/cultural que apresenta as seguintes características:
 - [...]
 - Primeira: diferenciação social e cultural muito difundida levando à segmentação dos usuários/espectadores/leitores/ouvintes.
 - [..]
 - A formação de comunidades virtuais é apenas uma das expressões dessa diferenciação.
 - [...]
 - Segunda: crescente estratificação social entre os usuários.
 - [..]
 - Assim, o mundo da multimídia será habitado por duas populações essencialmente distintas: a interagente e a receptora da interação, ou seja, aqueles capazes de selecionar seus circuitos multidirecionais de comunicação e os que recebem um número restrito de opções pré-empacotadas
 - [...]
 - Terceira: a comunicação de todos os tipos de mensagens no mesmo sistema, ainda que este seja interativo e seletivo (sem dúvida, exatamente por isso), induz a uma integração de todas as mensagens em um padrão cognitivo comum.
 - [...]
 - Do ponto de vista do meio, diferentes modos de comunicação tendem a trocar códigos entre si: programas educacionais interativos parecem videogames; noticiários são construídos como espetáculos audiovisuais...
 - Do ponto de vista do usuário (como receptor e emissor, em um sistema interativo), a escolha das várias mensagens no mesmo modo de comunicação, com facilidade de mudança de uma para a outra, reduz a distância mental entre as várias fontes de envolvimento cognitivo e sensorial.
 - [...]
 - Finalmente, talvez a característica mais importante da multimídia seja que ela capta em seu domínio a maioria das expressões culturais em toda a sua diversidade.
 - [...]
 - Todas as expressões culturais, da pior à melhor, da mais elitista à mais popular, vêm juntas nesse universo digital que liga, em um supertexto histórico gigantesco, as manifestações passadas, presentes e futuras da mente comunicativa. Com isso, elas constroem um novo ambiente simbólico. Fazem da virtualidade nossa realidade. (457-458)
- Mas o preço a ser pago pela inclusão no sistema é a adaptação a sua lógica, a sua linguagem, a seus pontos de entrada, a sua codificação e decodificação. Por isso é tão importante para os diferentes tipos de efeitos sociais que haja o desenvolvimento de uma rede de comunicação horizontal multinodal do tipo da Internet, em vez de um sistema multimídia centralmente distribuído como na configuração do vídeo sob demanda. (461)

- A inclusão da maioria das expressões culturais no sistema de comunicação integrado baseado na produção, distribuição e intercâmbio de sinais eletrônicos digitalizados tem conseqüências importantes para as formas e processos sociais. [...]
Por um lado, enfraquece de maneira considerável o poder simbólico dos emissores tradicionais fora do sistema, transmitindo por meio de hábitos sociais historicamente codificados: religião, moralidade, autoridade, valores tradicionais, ideologia política...
Não que desapareçam, mas são enfraquecidos a menos que se recodifiquem no novo sistema... (461)

Sentidos

- Além disso, as pesquisas acadêmicas rigorosas parecem indicar que, em certas condições, o uso da Internet aumenta as chances de solidão, sensações de alienação ou mesmo depressão. (443)
- De Kerckhove "A mensagem do meio ciberespacial é tato, corpo, identidade. Essas são precisamente as três áreas do nosso ser que os críticos pessimistas dizem que estamos perdendo para a tecnologia. Mas também não está claro que Pô-las em perigo também é mostrá-las às claras." (448)

Espaço/Tempo

- Por outro lado, o novo sistema de comunicação transforma radicalmente o espaço e o tempo, as dimensões fundamentais da vida humana. (462)
- Localidades ficam despojadas de seu sentido cultural, histórico e geográfico e reintegram-se em redes funcionais ou em colagens de imagens, ocasionando um espaço de fluxos que substitui o espaço de lugares. O tempo é apagado no novo sistema de comunicação já que passado, presente e futuro podem ser programado para interagir entre si na mesma mensagem. O espaço de fluxo e o tempo intemporal são as bases principais de uma nova cultura, que transcende e inclui a diversidade dos sistemas de representação historicamente transmitidos: a cultura da virtualidade real, onde o faz-de-conta vai se tornando realidade. (462)
- ... proponho a hipótese de que o espaço organiza o tempo na sociedade em rede. (467)
- O desenvolvimento da comunicação eletrônica e dos sistemas de informação propicia uma crescente dissociação entre a proximidade espacial e o desempenho das funções rotineiras: trabalho, compras, entretenimento, assistência à saúde, educação, serviços públicos, governo e assim por diante. (483)
- E as pessoas deslocam-se entre todos esses lugares com mobilidade crescente, exatamente devido à flexibilidade recém-conquistada pelos sistemas de trabalho e integração social em redes: como tempo fica mais flexível, os lugares tornam-se mais singulares à medida que as pessoas circulam entre eles em um padrão cada vez mais móvel. (487)
- Contudo, a interação entre a nova tecnologia da informação e os processos atuais de transformação social realmente têm um grande impacto nas cidades e no

espaço. De um lado, o layout da forma urbana passa por grande transformação. [...] De outro, a ênfase na interatividade entre os lugares rompe os padrões espaciais de comportamento em uma rede fluida de intercâmbios que forma a base para o surgimento de um novo tipo de espaço, o espaço de fluxos. (487)

- Enfocando a estrutura social emergente, afirmo, baseado em Harold Innis, que "a mente da atualidade é a mente que nega o tempo", e que esse novo "sistema temporal" está ligado ao desenvolvimento das tecnologias da comunicação. (523)
- O maquinismo industrial trouxe o cronômetro para as linhas de montagem das fábricas fordistas e leninistas quase ao mesmo tempo.
[...]
Esse tempo linear, irreversível, mensurável e previsível está sendo fragmentado na sociedade em rede, em um movimento de extraordinária importância histórica.
[...] Comprimir o tempo até o limite equivale a fazer com que a seqüência temporal, e, por conseguinte, o tempo, desapareça. (526)
- A cultura da virtualidade real associada a um sistema multimídia eletronicamente integrado, conforme foi exposto no capítulo 5, contribui para a transformação do tempo em nossa sociedade duas formas diferentes: simultaneidade e intemporalidade. (553)
- Também, a comunicação mediada por computadores possibilita o diálogo em tempo real, reunindo pessoas com os mesmos interesses em conversa inteativa multilateral, por escrito. (553)
- Respostas adiadas pelo tempo podem ser superadas com facilidade, pois as novas tecnologias de comunicação oferecem um sentido de instantaneidade que derruba as barreiras temporais, como ocorreu com o telefone mas, agora, com maior flexibilidade, permitindo que as partes envolvidas na comunicação deixem passar alguns segundos ou minutos, para trazer outra informação e expandir a esfera de comunicação sem a pressão do telefone, não-adaptado a longos silêncios. (553)
- O tempo eterno/efêmero da nova cultura adapta-se à lógica do capitalismo flexível e à dinâmica da sociedade em rede, mas acrescenta sua camada poderosa, instalando sonhos individuais e representações coletivas em um panorama mental atemporal. (555)
- Proponho a idéia de que o tempo intemporal, como chamo a temporalidade dominante de nossa sociedade, ocorre quando as características de um dado contexto, ou seja, o paradigma informacional e a sociedade em rede, causam confusão sistêmica na ordem seqüencial dos fenômenos sucedidos naquele contexto. (556)
- As análises específicas apresentadas neste capítulo oferecem exemplos das questões substantivas envolvidas nessa caracterização abstrata. Transações de capital realizadas em frações de segundos, empresas com jornada de trabalho flexível, tempo variável de serviço, indeterminação do ciclo de vida, busca da eternidade por intermédio da negação da morte, guerras instantâneas e cultura do tempo virtual, todos são fenômenos fundamentais característicos da sociedade em rede, que sistemicamente mistura a ocorrência dos tempos. (556)

- Apesar de todas as dificuldades do processo de transformação da condição feminina, o patriarcalismo foi atacado e enfraquecido em várias sociedades. Desse modo, os relacionamentos entre os sexos tornaram-se, na maior parte do mundo, um domínio de disputas, em vez de uma esfera de reprodução cultural. (40)
- Houve uma redefinição fundamental de relações entre mulheres, homens, crianças e, conseqüentemente, da família, sexualidade e personalidade. (40)
- Os sistemas políticos estão mergulhados em uma crise estrutural de legitimidade, periodicamente arrasados por escândalos, com dependência total de cobertura da mídia e de liderança personalizada e cada vez mais isolados dos cidadãos. (41)
- Nesse mundo de mudanças confusas e incontroladas, as pessoas tendem a reagrupar-se em torno de identidades primárias: religiosas, étnicas, territoriais, nacionais. (41)
- No entanto, a identidade está se tornando a principal e, às vezes, única fonte de significado em um período histórico caracterizado pela ampla desestruturação das organizações, deslegitimação das instituições, enfraquecimento de importantes movimentos sociais e expressões culturais efêmeras. (41)
- Totalmente isolado, o ser sente-se irrecuperavelmente perdido. daí a busca de uma nova conectividade em identidade partilhada, reconstruída. (59)
- As comunidades virtuais oferecem um contexto novo e impressionante, no qual pensar sobre a identidade humana na era da Internet. (443)
- Os usuários da Internet ingressam em redes ou grupos on-line com base em interesses em comum, e valores, e já que têm interesses multidimensionais, também os terão suas afiliações on-line.
[...] Assim, parece que a interação via Internet é tanto especializada/funcional quanto ampla/solidária, conforme a interação nas redes amplia seu âmbito de comunicação com passar do tempo. (444)
- A Rede é especialmente apropriada para a geração de laços fracos múltiplos.
[...]
A vantagem da Rede é que ela permite a criação de laços fracos com desconhecidos, num modelo igualitários de interação, na qual as características sociais são menos influentes na estruturação ou mesmo no bloqueio, da comunicação.
[...] Nesse sentido, a Internet pode contribuir para a expansão dos vínculos sociais numa sociedade que parece estar passando por uma rápida individualização e um ruptura cívica.
[...] De fato, a comunicação on-line incentiva discussões desinibidas, permitindo assim a sinceridade. (445)
- A Internet favorece a expansão e a intensidade dessas centenas de laços fracos que geram uma camada fundamental de interação social para as pessoas que vivem num mundo tecnologicamente desenvolvido. (445)
- Reforçam a tendência de "privatização da sociabilidade" - isto é, a reconstrução das redes sociais ao redor dos indivíduos, o desenvolvimento de comunidades pessoas, tanto fisicamente quanto on-line. (446)

- A arquitetura da rede é, e continuará sendo, aberta sob o ponto de vista tecnológico, possibilitando amplo acesso público e limitando seriamente restrições governamentais ou comerciais a esse acesso, embora a desigualdade social se manifeste de maneira poderosa no domínio eletrônico. (441)
- De um lado, essa abertura é a consequência do projeto original concebido, em parte, pelas razões de estratégia militar já mencionadas e também porque os cientistas que administravam os programas militares de pesquisas queriam instalar esse novo sistema, tanto como ostentação de proeza tecnológica quanto como esforço utópico. (441)
- Por outro, a abertura do sistema também resulta do processo inovador constante e da livre acessibilidade imposta pelos primeiros hackers de computadores (em seu sentido original) e pelas centenas de milhares de pessoas que ainda usam a rede como hobby. (441)
- A cultura dos primeiros usuários, com suas subcorrentes utópicas, comunais e libertárias, moldou a Rede em duas direções opostas. Por um lado, tendia a restringir o acesso a uma minoria de usuários que entravam na rede por hobby, as únicas pessoas capazes e desejosas de gastar tempo e energia freqüentando o espaço cibernético. (441)
- Mas à medida que os exageros das primeiras tribos de informática recuam sob o fluxo implacável das novatas, o que permanece das origens contraculturais da rede é a informalidade e a capacidade auto-reguladora de comunicação, a idéia de que muitos contribuem para muitos, mas cada um tem a própria voz e espera uma resposta individualizada. (441)
- Assim, apesar de todos os esforços para regular, privatizar e comercializar a Internet e seus sistemas tributários, as redes de CMC, dentro e fora da Internet, têm como características: penetrabilidade, descentralização multifacetada e flexibilidade. Alastram-se como colônias de microorganismo. (442)
- Mas, diferentemente da mídia de massa da Galáxia de McLuhan, elas têm propriedades de interatividade e individualização tecnológica e culturalmente embutidas. (442)
- Na mesma linha argumentativa, mulheres e grupos sociais oprimidos parecem tender a se expressar de forma mais aberta devido à proteção do meio eletrônico, embora devamos lembrar que, como um todo, as mulheres representavam uma minoria de usuários até 1999.

3. SANTAELLA, L. Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.

Ambiente/Organização Social

- Antes de tudo, deve ser declarado que essas divisões estão pautadas na convicção de que os meios de comunicação, desde o aparelho fonador até as redes digitais atuais, embora, efetivamente, não passe de meros canais para a transmissão de informação, os tipos de signos que por eles circulam, os tipos de mensagens que engendram e os tipos de comunicação que possibilitam são

capazes não só de moldar o pensamento e a sensibilidade dos seres humanos, mas também de propiciar o surgimento de novos ambientes socioculturais. (13)

- A revolução da informação não é simplesmente uma questão de progresso tecnológico. Ela também significativa para a nova matriz de forças políticas e culturais que ela suporta. (73)
- Os recursos tecnológicos de informação e comunicação estabelecem as condições para escala e natureza das possibilidades organizacionais, permitindo o desenvolvimento de organizações burocráticas complexas e de larga escala. (73)
- Esses recursos também constituem o sistema nervoso do Estado moderno e garantem sua coesão como uma organização expansiva (Robins e Webster, 1999:109) (73)
- Duas, pelos menos, são as conseqüências mais flagrantes da cibercultura, as comunidades virtuais e a inteligência coletiva. (105)
- O efeito das mídias, tais como a internet e realidade virtual entre outras, é potencializar as comunicações descentralizadas e multiplicar os tipos de realidade que encontramos na sociedade. (128)
- Para tornar essa questão ainda mais intrincada, a cibercultura também está trazendo mudanças não só no imaginário, mas também no real do corpo (ver capítulos 8 e 10) (215)
- No lugar de um espaço fechado, mundo paralelo, como querem alguns, desligado do mundo real, o ciberespaço colabora para a criação de uma "realidade aumentada". (229)

Difusão/Criação

- É a convergência das mídias, na coexistência com a cultura de massas e a cultura das mídias, estas últimas ainda em plena atividade, que tem sido responsável pelo nível de exacerbação que a produção e circulação da informação atingiu nos nossos dias e que é uma das marcas registradas da cultura digital. (17)
- Com o desenvolvimento das tecnologias da informática, especialmente a partir da convergência explosiva do computador e das telecomunicações, as sociedades, as sociedades complexas foram crescentemente desenvolvendo uma habilidade surpreendente para armazenar e recuperar informações, tornando-as instantaneamente disponíveis em diferentes formas para quaisquer lugares. O mundo está se tornando uma gigantesca rede de trocas de informações. (18)
- A aliança entre computadores e redes fez surgir o primeiro sistema amplamente disseminado que dá ao usuário a oportunidade de criar, distribuir, receber e consumir conteúdo audiovisual em um só equipamento. (20)
- Os computadores aceleram o processo de coleta de dados e ameaçam ainda mais o pouco que resta da experiência pura e imediata. (22)
- Fenômeno ainda mais impressionante surge da explosão no processo de distribuição e difusão da informação impulsionada pela ligação da informática com as telecomunicações que redundou nas redes de transmissão, acesso e troca de informações que hoje conectam todo o globo na constituição de novas formas de socialização e de cultura que vem sendo chamada de cultura digital ou cibercultura. (60)

- ... hoje estamos no meio de uma revolução das mídias e uma virada nas formas de produção, distribuição e comunicação mediadas por computador que deve trazer conseqüências muito mais profundas do que as anteriores. (64)
- Cada um pode tornar-se produtor, criador, compositor, montador, apresentador, difusor de seus próprios produtos. (82)
- As redes de computadores, por outro lado, formam uma treliça de processadores heterogêneos, todos eles podendo atuar como fontes e como escoadouros. (89) (Negroponte 1995, 156-157)
- Assim sendo, o primeiro fator de definição da hipermídia está na hibridização de linguagens, processos sígnicos, códigos, mídias que ela aciona e, conseqüentemente, na mistura de sentidos receptores, na sensorialidade global, sinestesia reverberando que ela é capaz de produzir, na medida mesmo em que o receptor ou leitor imersivo interage com ela, cooperando na sua realização. (95)

Redefinição/Convergência/Propriedades dos Meios

- ... uma nova forma comunicativa e cultural vai se integrando na anterior, provocando nela reajustamentos e refuncionalizações. (13)
- É a convergência das mídias, na coexistência com a cultura de massas e a cultura das mídias, estas últimas ainda em plena atividade, que tem sido responsável pelo nível de exacerbação que a produção e circulação da informação atingiu nos nossos dias e que é uma das marcas registradas da cultura digital. (17)
- Nesse momento, mal podia presentir que o computador não seria apenas uma mídia semiótica, mas a mídia das mídias semióticas. (20)
- A aliança entre computadores e redes fez surgir o primeiro sistema amplamente disseminado que dá ao usuário a oportunidade de criar, distribuir, receber e consumir conteúdo audiovisual em um só equipamento. (20)
- Mas foi a emergência da comunicação planetária, via redes de teleinformática, que instalou definitivamente a crise nesse exclusivismo e, com ela, a generalização do emprego da palavra "mídia" para se referir também a todos os processos de comunicação mediados por computador. (61)
- O aspecto mais espetacular da era digital está no poder dos dígitos para tratar toda informação, som, imagem, vídeo, texto, programas informáticos, com a mesma linguagem universal, uma espécie de esperanto das máquinas. (70)
- Ao contrário, vivemos um período de sincronização de todas as linguagens e de quase todas as mídias que já foram inventadas pelo ser humano. (78)
- Com isso, uma sociedade de distribuição piramidal começou a sofrer a concorrência de uma sociedade reticular de integração em tempo real. (82)
- Antes da digitalização, os suportes eram incompatíveis: papel para o texto, película química para a fotografia... (83)
- Foram assim fundidas, em um único setor do todo digital, as quatro formas principais da comunicação humana: o documento escrito (imprensa, magazine, livro); o áudio-visual (televisão, vídeo, cinema), as telecomunicações (telefone, satélite, cabo) e a informática (computadores, programas informáticos). (84)
- Por isso mesmo, nos sistemas cibernéticos, o conceito de texto sofre mudanças substanciais. Embora um elemento textual possa ainda ser isolado, sistemas baseados em computador são primordialmente interativos em vez de unidirecionais, abertos em vez de fixos. (93)

- Assim sendo, o primeiro fator de definição da hipermídia está na hibridização de linguagens, processos sógnicos, códigos, mídias que ela aciona e, conseqüentemente, na mistura de sentidos receptores, na sensorialidade global, sinestesia reverberando que ela é capaz de produzir, na medida mesmo em que o receptor ou leitor imersivo interage com ela, cooperando na sua realização. (95)
- Qualquer coisa armazenada em forma digital pode ser acessada em qualquer tempo e em qualquer ordem. A não linearidade é uma propriedade do mundo digital.
- Conforme foi bem lembrado por Kac (ibid:182), quando surge um meio de produção de linguagem e de comunicação, observa-se uma interessante transição: primeiro o novo meio provoca um impacto sobre as formas e meios mais antigos. (156)

Sentidos

- Isso significa que começou a mudar aí a relação receptiva de sentido único com o televisor para o modo interativo e bidirecional que é exigido pelos computadores. (81)
- Assim sendo, o primeiro fator de definição da hipermídia está na hibridização de linguagens, processos sógnicos, códigos, mídias que ela aciona e, conseqüentemente, na mistura de sentidos receptores, na sensorialidade global, sinestesia reverberando que ela é capaz de produzir, na medida mesmo em que o receptor ou leitor imersivo interage com ela, cooperando na sua realização. (95)
- O resultado de estarmos imersos em um tal meio leva a uma gradual sincronização simbólica (125)
- Essa análise comparativa revelou que foi o leitor movente justamente que preparou a sensibilidade perceptiva e cognitiva em estado de prontidão motora e lúdica que caracteriza o perfil do internauta (131)
- Tinha razão Virilio, ao afirmar em 1993, que a velocidade não é usada apenas para torna as viagens mais efetivas. Ela é usada sobretudo para ver, ouvir, perceber, e , assim, conceber mais intensamente o mundo presente. No futuro a velocidade será usada mais e mais para agir à distância, além da esfera da influência do corpo humano e sua biotecnologia comportamental. (212)

Espaço/Tempo

- Na medida em que as telecomunicações e os modos acelerados de transporte estão fazendo o planeta encolher cada vez mais, na medida mesma em que se esfumam os parâmetros de tempo e espaço tradicionais, assume-se, via de regra, que as tecnologias são a medida de nossa salvação ou a causa de nossa perdição. (25)
- Desse modo, os dados independem do lugar e tempo de sua emissão original ou de suma distinção determinada, pois são realizáveis em qualquer tempo e espaço. (84)
- Ainda segundo Poster (ibid. 60) a combinação das enormes distâncias com a imediatividade temporal que é própria das comunicações eletrônicas reconfigura a posição do indivíduo de maneira tão drástica que a figura do eu, fixo no tempo e no espaço, capaz de exercer controle cognitivo sobre os objetos circundantes

não mais se sustenta. A comunicação eletrônica sistematicamente remove os pontos fixos, as fundações que eram essenciais às teorias modernas. (128)

- Tinha razão Virilio, ao afirmar em 1993, que a velocidade não é usada apenas para torna as viagens mais efetivas. Ela é usada sobretudo para ver, ouvir, perceber, e , assim, conceber mais intensamente o mundo presente. No futuro a velocidade será usada mais e mais para agir à distância, além da esfera da influência do corpo humano e sua biotecnologia comportamental. (212)
- O sujeito não está mais localizado em um tempo/espaço estáveis, em um ponto de vista fixo a partir do qual calcula racionalmente suas opções. (214)

Identidade Social

- ... foi dando margem ao surgimento de receptores mais seletivos, individualizados, o que foi, sem dúvida, preparando o terreno ara a emergência da cultura digital, na medida em que esta exige receptores atuantes, caçadores em busca de presas informacionais de sua própria escolha. (68)
- ... as comunidades virtuais designam as novas espécies de associações fluidas e flexíveis de pessoas, ligadas através dos fios invisíveis das redes que se cruzam pelos quatro cantos do globo, permitindo que os usuários se organizem espontaneamente ... (123)
- Esse sujeito se transforma na era digital em um sujeito multiplicado, disseminado e descentrado, continuamente interpelado como uma identidade instável. (126)
- A emergência da cultura digital e seus sistemas de comunicação mediados eletronicamente transformam o modo como pensamos o sujeito, prometendo também alterar a forma da sociedade.
- Essa cultura promove o indivíduo como uma identidade instável, como um processo contínuo de formação de múltiplas identidades, instaurando formações sociais que não podem mais ser chamadas de modernas, mas de pós-modernas. (126)
- O sujeito da oralidade é fluido, mutável, situacional, disperso e conflitante. O sujeito da cultura impressa é fixo, coerente, estável, auto-idêntico, normalizado, descontextualizado. O sujeito da virtualidade se forma nas interfaces dinâmicas com o computador. (131)
- O sujeito não está mais localizado em um tempo/espaço estáveis, em um ponto de vista fixo a partir do qual calcula racionalmente suas opções. (214)

Controle

- Catalisados pela multimídia e hipermídia, computadores e redes de comunicação passam assim por uma revolução acelerada no seio da qual a internet, rede mundial das redes interconectadas, explodiu de maneira espontânea, caótica, superabundante. (71)
- Os eufóricos pregam, em uma linguagem de liberação, as possibilidades utópicas abertas pelas infovias. (72)

- Nele a comunicação é interativa, ela usa o código universal, ela é convergente, global, planetária e até hoje não está muito claro como esse espaço poderá vir a ser regulamentado. (72)
- Tendo em vista, pode-se esperar que, sob o semblante de um espaço aberto, livre e infinitamente navegável, as redes também estarão sendo crescentemente reguladas pelos mecanismos reinantes do mercado capitalista. (73)

4. RHEINGOLD, Howard. A comunidade Virtual. Trad. Helder Aranha. Lisboa: Gradiva, 1996

Ambiente/Organização Social

- A aldeia virtual com que me deparei em 1985 cresceu desde então de algumas centenas para cerca de 8000 pessoas em 1993; apercebi-me claramente, desde os primeiros tempo, de que estava a participar na autoconstrução de uma nova cultura. (14)
- Desde o início que me senti como fazendo parte de uma comunidade autêntica, porque a WELL pertencia ao meu mundo físico quotidiano. (14)
- Não existe uma subcultura online única e monolítica, antes um ecossistema de subculturas, umas frívolas e outras sérias. (16)
- Espero que os meus relatos da linha da frente desta nova coabitação social, assim como as histórias das pessoas que conheci no ciberespaço, tragam a lume as implicações culturais, políticas e éticas das comunidades virtuais tanto para os que comigo exploram a ciberespaço como para quem nunca de tal coisa ouviu falar. (17)
- A tecnologias que torna possível a existência de comunidades virtuais pode aumentar consideravelmente o ascendente do cidadão comum a um custo relativamente baixo: ascendente intelectual, social, comercial e sobretudo ascendente político.
- Contudo, a tecnologia não concretiza sozinha esse potencial interventivo, sendo necessário que as suas capacidades latentes sejam conduzidas deliberada e inteligentemente por uma população esclarecida. (17)
- ... a influência social latente advém [...] um computador pessoal barato, e outro tanto para implantar uma rede de telecomunicações à escala mundial. (17)
- Nos últimos dez anos a minha observação direta do comportamento online em todo o mundo levou-me a concluir que, sempre que a tecnologia de CMC se torna acessível em qualquer lugar, as pessoas inevitavelmente constroem comunidades virtuais com ela, tal como os microorganismos inevitavelmente se constituem em colônias. (19)
- Mas também este panorama está a alterar-se; tal como as diversas tecnologias convergiram nos últimos dez anos para criar as CMC - um novo meio de comunicação com características próprias - diversas estruturas sociais online estão a convergir e a criar uma cultura internacional com características próprias. (22)
- Talvez o ciberespaço seja um dos lugares públicos informais onde possamos reconstruir os aspectos comunitários perdidos quando a mercearia da esquina se transforma em hipermercado. Ou talvez o ciberespaço seja precisamente o lugar

errado onde procurar o renascimento da comunidade, oferecendo, não um instrumento para o convívio, mas um simulacro sem vida das emoções reais e do verdadeiro compromisso perante os outros. (43)

- A coexistência de grandes e atualizadas compilações de informação, em conjunção com um meio que também é um fórum de discussão e debate, tem implicações importantes na esfera pública. A capacidade de grupos de cidadãos debaterem questões políticas fica enormemente ampliada pelo acesso instantâneo e generalizado a fatos capazes de fundamentar ou rebater os argumentos apresentados nesses debates. Este gênero de discussão entre os cidadãos, apoiado em fatos globalmente disponíveis, pode transformar-se no substrato real de uma democracia eletrônica do futuro. (117)
- A ligação entre redes está a atingir uma massa crítica em todo o mundo - os meios de acesso são cada vez mais baratos e o saber necessário ao estabelecimento de redes está a difundir-se rapidamente. Muitos países vão defrontar-se com o mesmo desafio, que não pode continuar a ser ignorado pelos responsáveis das telecomunicações na França e no Japão: ou se recusam a aderir à Rede no sentido mais lato, arriscando-se a ficar para trás, ou aderem à Rede e enfrentam a sublevação social. (292)
- Kapor aterrou. Ele e Barlow conversaram sobre as detenções no âmbito da Sun Devil, sobre o caso NuPrometheus, sobre a recente atitude agressiva no ciberespaço por parte das autoridades federais de segurança e sobre a perplexidade que se seguiu à constatação do estado de coisas no mundo das comunicações de alta tecnologia. Nessa tarde, sentados na cozinha de Barlow em Pinedale, fundaram a EFF. (310)
- O sistema judicial não foi o único a ser apanhado de surpresa. As CMC e as culturas online que têm florescido no seu âmago fizeram surgir novos direitos e responsabilidades sociais e cívicas sem quaisquer precedentes legais. (312)
- O ideal de construir aquilo a que o pioneiro Howard Frederick chamou "a sociedade civil global" constitui uma clara utilização democrática das CMC. As organizações sem fins lucrativos e ONG que fazem uso efetivo das CMC são a prova concreta das formas de utilização desta tecnologia para fins humanitários. (316)
- Frederick destacou o fato de a alta finança e os poderosos interesses políticos terem "levado a sociedade civil até o limite", deixando os potenciais constituintes da cultura sem meios de comunicação próprios. Frederick acredita que as CMC alteram o equilíbrio do poder a favor das ONG ao nível global, da mesma forma que Dave Hughes acredita que as CMC alteraram o equilíbrio do poder a favor dos cidadãos ao nível da comunidade:... (320)
- As auto-estradas da informação, como começaram a ser designadas pelos jornalistas da imprensa escrita e falada, passaram a ser encaradas apenas como canais mais eficazes para difundir as coisas do costume por um maior número de pessoas, cuja interatividade se limitaria a mudança de canal. (332)
- Nenhum destes importantes periódicos referia o potencial de comunicação multilateral entre cidadãos. (332)
- As comunidades virtuais podem ajudar os cidadãos a revitalizar a democracia, mas também podem estar a atrair-nos para um atraente substituto do discurso democrático. (335)

- Aliás, as alterações tecnológicas mais profundas vieram da periferia e das subculturas, e não da ortodoxia da indústria informática e dos meios acadêmicos das ciências da computação.
- Os amadores que interligam os respectivos computadores pessoais através das linhas telefônicas para constituírem sistemas de quadro de mensagens eletrônicas, conhecidos como BBS, criaram a parte caseira da Rede, levando verdadeiramente a tecnologias às massas. (20)
- Tudo na Internet cresceu como uma colônia bacteriana - a capacidade básica de enviar informação, as diversas maneiras de os indivíduos a utilizarem e o número de utilizadores... (21)
- Cada BBS começou como uma pequena comunidade insular, constituída por um punhado de indivíduos que ligavam para um número da sua rede telefônica local; devida à sua natureza, as BBS restringem-se a uma área geográfica limitada, tal como as estações de rádio locais. (22)
- O segundo nível de possíveis alterações despoletadas pelas CMC é o nível a que se desenvolvem as relações interpessoais, as amizades e as comunidades. A tecnologia de CMC confere uma nova capacidade de comunicação multilateral, <de muitos para muitos>. (26)
- Num mundo competitivo emergem grupos de indivíduos que cooperam entre si por reconhecerem que há coisas que só podem ganhar através da união. (26)
- As três categorias de bens coletivos propostas por Smith e que constituem a cola social que aglutina a estrutura da WELL [...] são o capital social em rede, o capital intelectual e a comunhão (27)
- A Internet permite a cada utilizador registado aceder a três ferramentas fundamentais; este conjunto tem um grau elevado de aplicação, e um utilizador Internet iniciado nos mistérios dos códigos primitivos de CMC pode usar estas ferramentas para construir outras ferramentas mais elaboradas. (126)
[...]A primeira e mais utilizada ferramenta da Internet é o serviço de correio eletrónico [...] As outras duas ferramentas dão pelo nome telnet e ftp. (126)
- Necessidade de organizar as informações (130)
- Todos os esoterismos e incertezas fazem da navegação na Rede uma atividade quase alquímica. (133)
- Tudo muda tão depressa que o saber informal é a única forma fiável de descobrir as verdadeiras novidades. (133)
- Toda a gente concorda que existe um enorme fluxo de informação na Rede e que é necessário canalizá-lo. Tudo isto está a acontecer de uma forma desorganizada, expandindo-se a um ritmo crescente e titânico, e fica-se completamente atordoado face a todas as opções que a Rede apresenta. Necessitamos de um intermediário entre as capacidades humanas e as capacidades da Rede.
- Por meia dúzia de tostões, uma BBS transforma um cidadão comum de qualquer parte do mundo em editor, repórter no terreno, ativista, organizador, estudante, professor e potencial participante num diálogo à escala global entre cidadãos. (166)
- Assistir-se-á no futuro ao alargamento do fosso entre os ricos em informação e os pobres em informação? O acesso à Rede e o acesso à universidade constituirão em toda a parte a porta de entrada para o mundo de acesso a

comunicações e informação, muito para além do oferecido pelos meios de comunicação tradicional. (91)

Redefinição/Convergência/Propriedades dos Meios

- As pessoas das comunidades virtuais fazem tudo o que as pessoas na vida real fazem, mas estão desprendidas dos seus corpos. (16)
- A maior parte das essas que cedem à informação noticiosa dos meios de comunicação convencionais desconhecem ainda a gama incrivelmente diversificada das novas culturas que foram evoluindo no interior das redes informáticas mundiais. (16)
- Escrevi este livro na tentativa de informar um público mais vasto sobre a importância potencial do ciberespaço para a liberdade política e sobre a forma como as comunidades virtuais poderão vir alterar a nossa percepção do mundo enquanto indivíduos e enquanto comunidades. (17)
- Os computadores e as redes comutadas de telecomunicações que transportam as habituais chamadas telefônicas constituem os alicerces tecnológicos das comunicações mediadas por computador (CMC) (18)
- ... as redes de telecomunicações...nos permitem ligar computadores à distância sem precisarmos de ser engenheiros para o fazermos. (18)
- Hoje em dia sabe-se como as anteriores tecnologias da comunicação mudaram a vida das pessoas, tornando-se necessário compreender como e porquê tantas experiências sociais estão atualmente a evoluir em paralelo com as mais recentes tecnologias da comunicação. (18)
- Também suspeito de que estes novos meios de comunicação atraíam colónias de entusiastas porque a CMC lhes permite interagir de uma forma inovadora, fazendo coisas novas em conjunto - tal como o permitiram os telégrafos, os telefones e as televisões. (19)
- A Rede é hoje extremamente disseminada e anárquica. Isto deve-se em parte ao modo como as fontes que lhe deram origem convergiram nos anos 80, após anos de desenvolvimento independente e aparentemente diferenciado como base em tecnologias e populações de participantes diversos. As convergências tecnológica e social eram inevitáveis; no final dos anos 70, contudo, poucos podiam prevêê-las. (19)
- A ARPANET surgiu a partir de um antigo projeto do RAND para uma rede de comunicações, comando e controle desprovida de um controle centralizado para resistir a um ataque nuclear. (20)
- A informação pode tomar tantos caminhos alternativos caso seja eliminado qualquer nó da rede que esta é quase imortalmente flexível. (20)
- A Rede e os sistemas de conferência por computador estão igualmente a convergir, à medida que se vão associando à Internet comunidades de conferência por computador com dimensões médias, como é o caso da WELL. (23)
- As pequenas comunidades virtuais ainda subsistem, qual fermento na massa a levedar, mas cada vez mais são parte de uma cultura abrangente, do mesmo modo que os Estados Unidos se tornaram uma cultura abrangente depois de o telégrafo e o telefone terem ligado os vários estados. (23)

- As CMC poderão tornar-se o próximo grande meio de evasão, na tradição dos programas de rádio, das matinés de domingo e das novelas - o que significa que passarão de certa forma a veicular e a refletir os nossos códigos culturais, o nosso subconsciente social e o nosso autoconceito, como o fizeram os meios de comunicação de massas que os antecederam. (24)
- Existem outros motivos sérios pelos quais o cidadão comum necessita de conhecer melhor este novo meios de comunicação e o seu impacto social. Algo muito importante está para acontecer, embora ainda não tenha tomado forma definitiva. (24)
- A relevância política das CMC resulta da sua capacidade para desafiar o monopólio dos poderosos meios de comunicação detidos pela hierarquia política e talvez assim revitalizar a democracia dos cidadãos.
Os media comerciais, pródigos em imagens e efeitos sonoros, condicionam o discurso político entre os cidadãos, constituindo parte de um programa de natureza política colocado perante a democracia desde há décadas pelas tecnologias de comunicação. (28)
- À medida que o número de possuidores de canais de telecomunicação se reduz a uma elite, o alcance e o poder dos media que possuem aumento, constituindo uma ameaça emergente para os cidadãos. (28)
- ... ou um mundo onde cada cidadão pode comunicar com qualquer outro?
- A solução dos ativistas para este dilema tem consistido em utilizar as CMC para criar redes de informação à escala planetária. (28)
- A natureza dispersa da rede de telecomunicações atual associada à disponibilidade de computadores de baixo custo possibilita o estabelecimento de redes de informação alternativas, assentes nas infra-estruturas existentes. (28)
- O mesmo instrumento, se controlado e manipulado de modo impróprio, poderá tornar-se um instrumento da tirania. (28)
- Como não podemos ver-nos uns aos outros no ciberespaço, o sexo, idade, nacionalidade e aspecto físico não transparecem, a menos que pretendamos tornar públicas essas características. (43)
- O relacionamento pode ser igualmente mais efêmero no ciberespaço, porque podemos ficar a conhecer alguém que nunca venhamos a encontrar no plano físico. (43)
- De certa forma, e devido à sua natureza, o meio terá sempre tendência para promover certos tipos de ofuscação; será também um local onde as pessoas acabarão frequentemente por se revelar mais intimamente do que estaria dispostas a fazê-lo sem a intermediação de écrans e de pseudónimos. (44)
- Para mim tudo isto constituiu uma importante lição, reforçada muitas vezes desde então: as palavras num écran podem magoar. Embora a conversa online tenha o mesmo sabor efêmero e informal de uma conversa telefônica, tem o alcance e a perenidade de uma publicação. (56)
- Uma das vantagens da conferência por computador é a memória comunitária, que preserva os momentos-chave na história da comunidade. A história oral online estava algures na conferência <Arquivos>, embora não a consultasse há anos. (62)
- Os jornalistas tendem a atrair mais jornalistas, e o objetivo dos jornalistas é atrair as atenções de todos: quase toda a gente precisa de um meio de comunicação social antigo para saber as novidades sobre a chegada de um novo. (69)

- No caso particular da WELL, trata-se de uma conversa onde 16% dos intervenientes contribuem com 80% do volume total de palavras, embora haja muitos à escuta, invisíveis, sendo livres de particular ou não. Nesse sentido, pode dizer-se que há uma componente teatral deste meio de comunicação - a conversa escrita como arte figurativa. Uma das características distintas das CMC é a maneira como misturam aspectos de conversação informal e em tempo real com o modo de comunicação mais formal do escreva-hoje-leia-sempre. (82)
- Em 1957 o lançamento do primeiro satélite artificial pelos soviéticos, o Sputnik, levou Washington a alterar alguns paradigmas do financiamento da investigação; dois dos efeitos diretamente provados por essa alteração foram as revoluções do computador pessoal e das comunicações mediadas por computador. (88)
- Foram necessárias mais de duas décadas de investigação e desenvolvimento para os computadores pessoais interativos e as CMC atingirem o ponto de maturação, proliferando e convergindo na Rede, cada vez mais acessível aos cidadãos dos anos 90. (90)
- Mais uma vez, as alterações de concepção e utilização dos computadores conduziram ao aumento da população dos utilizadores dos mesmo, passando de um grupo de iniciados, em 1950, para uma elite, nos anos 60, para uma subcultura, nos anos 70 e para uma parte significativa e crescente da população, nos anos 90.
[...]
Quando o número de indivíduos possuidores de computadores suficientemente poderosos em casa atingiu um número razoável, era inevitável haver alguém a arranjar maneira de ligar os PC aos telefones. Estavam disponíveis todos os dispositivos tecnológicos - as tecnologias necessárias à telecomunicações pessoais - necessários para fazer a coisa funcionar e os respectivos preços estavam a cair. (91)
- A importância da tecnologia de packet-switching para os não-tecnólogos é dupla. Em primeiro lugar, esta invenção cria os elementos básicos de um sistema de comunicações desprovido de controle centralizado: não é necessário um controlador central quando toda a rede de distribuidores saber encaminhar a informação.
Em segundo lugar, como a informação captado sobre o nosso mundo está a tornar-se digital, os pacotes podem transportar tudo o que seja perceptível pelos seres humanos e processável pelas máquinas - voz, som de alta fidelidade, texto, gráficos a cores de alta resolução, programas informáticos, dados e vídeo de qualidade. (99)
- A digitalização é o ponto de provável colisão futura entre a Rede e outras forças globais amplificadas pelos computadores. (99)
- E. Herbert J.C. Licklider e Rober Taylor - "O impacto na sociedade poderá ser positivo ou negativo; tudo depende de o fato de estar online ser um direito ou um privilégio. Se apenas um segmento favorecido da população tiver oportunidade de gozar das vantagens da amplificação da inteligência, a rede poderá aumentar a descontinuidade no espectro das oportunidades intelectuais." Por outro lado, se a idéia da rede conseguir fazer pela educação o que alguns esperam - e por vezes planejam -, e se toda a gente reagir, decerto os benefícios para a humanidade serão incríveis. (100)

- "Dentro de dois anos existirão mais utilizadores de redes do que residentes de qualquer estado americano. Dentro de cinco anos existirão mais utilizadores de redes do que cidadãos de qualquer país, com exceção da Índia e da China. Que acontecerá quando a aldeia global de McLuhan se tornar um dos maiores países à escala mundial, utilizando a comunicação nos dois sentidos, em vez apenas da emissão, e atravessando as barreiras do espaço, do tempo e da política?" (105)
- A essência das CMC como meio de comunicação humana assenta nas suas características multilaterais. O conceito de conferência por computadores proveio do trabalho então a ser desenvolvido por Engelbart e outros no desenvolvimento das primeiras ferramentas mentais baseadas em computador. (138)
- As coisas não ficaram, contudo, por aí: este novo meio é o resultado da transformação de outras tecnologias levada a cabo por indivíduos com propósitos diferentes relativamente à motivação original dos criadores das tecnologias de base. (138)
- Uma rede originalmente concebida para resistir a um ataque nuclear evoluiu para um ferramenta mental dos cidadãos, e os diálogos estruturados mantidos na rede entre pessoas provenientes de números e distintos meios intelectuais extravasou o domínio do planeamento nacional de emergência. A transformação das comunicações multilaterais não está completa, pois as experiências conduzidas atualmente na rede por diversos grupos vão influenciar as futuras gerações de ferramentas dominantes nas CMC. (138)
- É um meio de comunicação de massas, porque qualquer pedaço de informação colocado na Rede tem um alcance potencial de milhões de pessoas em todo o mundo. (164)
- Difere, porém, dos meios de comunicação convencionais em vários aspectos, pois cada leitor de mensagens da Usenet tem a possibilidade de responder ou de escrever uma nova mensagem.
[...]
No caso da televisão, jornais, revistas, filmes e rádio, a informação passada para o grande público é controlada por uma minoria. Na Usenet cada membro da audiência é um potencial editor. (165)
- Os novos padrões de intercâmbio de informação multimedia, e os estratagemas de compressão de informação áudio-visual complexa em pacotes facilmente manuseáveis pela Internet vão reforçar ainda mais a componente multimedia nos anos vindouros. (165)
- A combinação de livre expressão, ausência de controle centralizado, acesso à comunicação multilateral e esforço voluntário criaram uma nova forma de organização social. (165)
- Grande parte deste crescimento tem beneficiado do relativo alheamento da opinião pública. Estão a surgir as primeiras manifestações de histeria por parte dos meios de comunicação sobre a Usenet. (165)
- Os libertários da Usenet defendem que os padrões da comunidade estão incorporados na arquitetura do sistema, pois, se um sistema local não pretender incluir determinado newsgroup, bloqueando o acesso à Usenet a determinados utilizadores, pode certamente fazê-lo. É, no entanto, muito mais difícil a qualquer sistema local impedir que uma multiplicidade de outros sistemas espalhados pelo mundo inteiro incluam o mesmo material. (166)
- Parte da desconfiança ontológica em relação ao ciberespaço consiste na inexistência de linguagem corporal e expressão facial; da mesma forma, poder-

se-iam evitar os mal-entendidos responsáveis pelas confusões nas comunicações de grupo, os quais azedam as relações pessoais online pela simples inclusão de um franzir de sobrancelhas ou um tom brincalhão no vocabulário online. (213)

- Sempre que os indivíduos encontram algo tão atraente num novo meio de comunicação, ao ponto de se tornar um foco de comportamento obsessivo, levantam-se várias questões: que se passa com os indivíduos hoje em dia e com o modo como interagem que os deixa tão vulneráveis à dependência das comunicações? Qual é a responsabilidade de instituições como as universidades na regulação do comportamento online dos utilizadores obsessivos e quais são os direitos dos estudantes relativamente à proteção contra a invasão de privacidade? Qual é o critério de determinação da utilização obsessiva? Embora não conheça as respostas a questões como a utilidade dos MUD, sei, com certeza, que estas são questões profundas, que tocam nas ambivalências fundamentais da identidade pessoal e das relações interpessoais na era da informação. (216)

- A tese fundamental de Elizabeth M. Reid assentava na noção fundamental de que "a IRC é sobretudo um espaço de diversão: dentro dos seus domínios as pessoas são livros de fazer experiências com formas diferentes de comunicação e auto-representação.

[...]

A tese de Reid deriva de se assistir na IRC a um fenómeno de inversão do papel do contexto social na caracterização dos diálogos e da comunidade. No mundo material as convenções manifestam-se no lar, nas escolas e nos gabinetes, sendo sinalizadas por estilos de vestuário e códigos de etiqueta, postura, sotaque, tom de voz e centenas de outras pistas simbólicas que permitem discernir precisamente a atitude a adotar em determinado contexto social. Aprende-se a ajustar o comportamento a um modelo convencional interiorizado de comportamento social. (224)

- No período anterior à era dos meios de comunicação baseados na eletricidade quase todas as pistas utilizadas na avaliação do contexto social possuíam mais carácter físico do que verbal. (224)
- A violação da santidade dos pseudónimos é um tabu porque põe em causa uma das componentes fundamentais responsáveis pela estabilidade da cultura IRC - um mínimo de certeza sobre a identidade de todos os participantes no diálogo. (225)
- Muitas experiências com os novos mass media que estão começaram a despontar baseavam-se no velho paradigma da difusão - colocar grandes quantidades de informação numa fonte central e permitir o acesso remoto pelos interessados. (252)
- Aizu foi uma das poucas vozes a levantarem-se para defenderem uma abordagem mais pessoal e baseada num conceito de rede, porque tinha constatado que nos Estados Unidos as CMC eram usadas sobretudo para estabelecer contato pessoal, em detrimento da transferência de informação. (252)
- Na teoria de Kumon, a rede mundial de comunicações vai se o veículo de transição para um novo estádio; o próximo jogo implicará cooperativas de partilha de informação, conhecimento e saber popular que irão destronar a primazia da riqueza tradicional - num processo análogo ao que levou a que a riqueza industrial destronasse a primazia do poder militar e prestígio nacionais.

- As comunidades virtuais dos dias de hoje , como Kumon cedo percebeu, oferecem um modelo em pequena escala de uma sociedade na qual a comunicação entre os indivíduos gera riqueza coletiva. (257)
- Os cidadãos japoneses comuns ficam frustrados com as notícias que lhes chegam através dos meios de comunicação sobre o que se passa nos EUA e com o quadro traçado pelos media americanos. Os cidadãos que conheci em Oita estavam desejosos de utilizarem as CMC para curto-circuitarem os meios de comunicação convencionais e comunicarem diretamente com os seus homólogos americanos – [...] com o intuito de lhes mostrarem que o Japão é mais do que o quadro traçado pelos media americanos. (259)
- A estranha ironia desta ignorância quase global, por parte dos responsáveis pelas telecomunicações, do potencial das CMC é que as tecnologias em que estes indiscutivelmente dão cartas - redes de fibra ópticas de banda ultralarga, comunicações sem fios, compressão digital de vídeo - têm potencial para amplificar o poder das atuais experiências pioneiras por várias ordens de grandeza. (261)
- As minhas explorações das duas cidades virtuais de França revelam uma cena que aparentemente se repete - as grandes instituições pensam frequentemente nas CMC como bases de dados, como meio de transmitir informação em écrans para um grande número de indivíduos que passam o tempo a interagir com ela. (269)
- Em toda a parte as pessoas parecem mais interessadas em comunicar entre si do que em consultar bases de dados. (269)
- [O relatório Nora-Minc] O relatório concluía que o advento de computadores baratos e de poderosos meios de comunicação conduzia a "uma sociedade insegura, palco de conflitos descentralizados, uma sociedade informatizada em que os numerosos choques de valores surgirão de parte incerta, provando um volume infindo de comunicação lateral" (276)
- Não se esqueceram, porém, de sublinhar que "a telemática, ao contrário da eletricidade, não transporta uma corrente inerte, mas sim informação, ou seja, poder", e que " o domínio da rede constitui, assim, um objeto essencial, o que exige que o seu enquadramento seja concebido num espírito de serviço público". (277)
- Pouco tempo depois surgiu um dos tais conflitos descentralizados: os jornais privados reagiram energicamente à idéia de distribuição de texto escrito em écrans, em substituição do suporte em papel. (277)
- Na sua opinião, toda a agitação sobre a possibilidade de o Minitel vir a substituir os jornais era uma ilusão em que poucos acreditavam na France Telecom. (280)
- Os écrans do Minitel são pequenos e dão uma imagem difusa; as pessoas vão continuar a preferir ler o jornal à maneira tradicional até que se dê a produção em massa de écrans que possam rivalizar em termos de legibilidade. (280)
- Este conceito de comunicação multilateral como substrato dos bens comuns possui um potencial muitas vezes ignorado pelos conhecedores das anteriores revoluções comunicacionais. A maioria deles encaram os meios de comunicação de massas como meios unilaterais, em que as massas representam uma numerosa população de consumidores que pagam para obterem informação fornecida por um reduzido número de indivíduos que lucram com o controle desse canal de informação: é o paradigma da difusão. (297)

- Durante anos os professores e os ativistas políticos não beneficiaram das potencialidades das redes de CMC porque não conseguiram beneficiar das potencialidades de um paradigma multilateral ou de rede. (297)
- Uma das razões pelas quais a distribuição de computadores pessoais pelas salas de aula não conseguiu travar a deterioração da educação pública na era da informação foi o fato de os computadores serem encarados apenas como mais um canal destinado à transmissão do saber do professor para o aluno (paradigma da difusão) - não oferecendo um ambiente no qual os alunos pudessem explorar e aprender em conjunto (paradigma da rede). (297)
- Para Frank Odasz, as CMC não constituíam apenas uma mudança do paradigma da difusão da tecnologia educativa para um paradigma de rede, mas sim uma mudança epistemológica por parte de quem adotasse esta nova tecnologia. (297)

Sentidos

- Em primeiro lugar, é preciso observar o fascínio, a atração, enfim, as razões conducentes a uma utilização do meio tão entusiástica, e por vezes obsessiva, por parte dos indivíduos. Quais são as características únicas que apela psicologicamente à mente humana e o que nos diz isso acerca das necessidades psicológicas das pessoas?
Acredito que a resposta esteja no atual processo de alteração da identidade, precipitado pelos anteriores meios de comunicação. (184)
- É indiscutível o fato de a maioria dos indivíduos comunicarem todos os dias com mais pessoas por telefone, fax e correio eletrônico do que os seus antepassados fariam num mês, num ano ou durante toda a vida. De acordo com Gergin, a saturação social resulta de um grau de interiorização de características de outros indivíduos, como nunca se verificou anteriormente, isto é, estamos povoados de outras pessoas.
Não sei se Kenneth Gergin teve alguma vez conhecimento da existência dos MUD, mas esta passagem da sua autoria fornece uma pista sobre a natureza das alterações da personalidade humana que os MUD parecem refletir: (210)
- "Basta desligar o computador. Quem não gostar de uma bbs sonde os utentes gostam de discutir pode ligar para outra."
Uma mulher japonesa interveio, afirmando que havia pessoas que pensavam ser possível magoar, o que tinha como consequência só resistirem os mais insensíveis.
Esta discussão bem conhecida deu lugar a outra discussão, também conhecida, sobre a facilidade de os mal-entendidos gerarem conflitos devido à inexistência de indicações sociais.
"Como pode baixar os olhos se faz uma vénia?", concretizou um dos intervenientes, referindo-se a estas componentes não verbais de extrema importância no diálogo educado em japonês. (264)
- Pressinto, no entanto, que as redes informáticas e a cultura global atuais podem modificar o sistema japonês pela primeira vez em milhares de anos. Muita gente ainda não vislumbrou essa possibilidade, e assistir-se-á então ao aparecimento de uma reação alérgica antes nunca vista. Penso que veremos esse dia chegar. (267)
- A escrita japonesa, com seus caracteres ideográficos, é uma componente importante da cultura visual, resistente à rigidez dos caracteres alfabéticos

visualizados em écrans.

... quando as info visual , pode ter aspecto de liderança. (267)

- Os indivíduos só são capazes de se autogovernarem se comunicarem abertamente, livremente e em grupos - ou seja, publicamente. (342)

Espaço/Tempo

- A conferência por computador surgiu, um pouco inesperadamente, como meio de explorar as capacidades de comunicação das redes para construir relações sociais através das barreiras espaço-temporais. (20)
- A capacidade de partilha de conhecimentos de um grande grupo de pessoas motivadas para se entre ajudarem, cujas disparidades espaço-temporais são pulverizadas pelas CMC, pode atingir níveis consideráveis. (76)
- Quando pode transferir-se a Biblioteca do Congresso de um local para outro em menos de um minuto, altera-se a própria noção de existência de um local chamado Biblioteca do Congresso. (104)
- Os MUD são a última fase de uma longa sucessão de alterações psicológicas despoletada pela invenção e uso generalizado de instrumentos simbólicos. (185)
- Os meios de comunicação social anteriores dissolveram as antigas barreiras espaço-temporais que separavam as pessoas, isto é, o processo despoletado alterou o seu modo de pensar; a escrita alfabética, primeiro, a tecnologia de impressão, depois, criaram uma espécie de memória comunitária, uma mente coletiva armazenada de acesso generalizado, para além da minoria dos bardos e sacerdotes, antigos depositários do saber coletivo da época das culturas baseadas na tradição oral. (185)
- A teoria proposta por Reid é a de que os participantes na IRC utilizam a inexistência de contexto e a separação geográfica para criarem comunidades alternativas com base em versões escritas das regras fundamentais utilizadas na comunicação frente a frente para promover a solidariedade... (225)

Identidade/Relação Social

- Cedo descobri ser ator, audiência e argumentista participante de um improviso perpétuo, juntamente com todos os meus companheiros que <caíram na WELL>. (14)
- Observar a evolução de uma dada comunidade virtual provoca um pouco de emoção intelectual da antropologia amadora, alimentada pelo voyeurismo multicolor de escutar às escondidas uma infindável novela em que se misturam a audiência e o elenco. (24)
- As CMC têm potencial para mudar as nossas vidas a três níveis distintos, mas fortemente interdependentes. Primeiramente, como seres humanos individuais que somos, temos percepções, pensamentos e personalidades (já moldados por anteriores tecnológicas da comunicação) que são afetados pelo modo como usamos o meio de comunicação, e vice-versa. (25)
- No que respeita à comunicação, os jovens de hoje em dia têm tendências diferentes relativamente à geração pré-McLuhan. (26)

- Neste momento, alguns dos indivíduos que nasceram na era da televisão e cresceram na dos telefones celulares estão a migrar para os territórios das CMC que melhor se ajustam às suas concepções modernas de vida. Como resultado de milhões e milhões de interações online existe igualmente um vocabulário próprio das CMC, o qual reflete de certo modo as alterações da personalidade humana na era da saturação dos media. (26)
- A atmosfera desta conferência está particularmente envolvida por uma redoma protetora mágica; este fórum destina-se a falarmos dos nossos filhos, e não dos nossos computadores ou opiniões filosóficas, sendo este entendimento tácito encarado por muitos de nós como uma santificação do espaço virtual. (33)
- ... tivemos algumas anos de crises menores que nos uniram e prepararam para acontecimentos mais sérios. (35)
- Muita gente fica alarmada com a idéia de comunidade virtual, receando ser mais um passo na direção errada, substituindo recursos naturais e liberdades humanas por mais saber tecnológico. (40)
- Existe um fundamento real nesse receio, pois a certa altura as comunidades virtuais requerem mais do que simples escritas num écran, se pretenderem se mais do que saber puro. (40)
- Quem critica as CMC devido aos casos registrados de utilização obsessiva toca num ponto sensível da questão, mas falha redondamente quando não leva em consideração o uso desse meio para a interação humana genuína. [...]Aqueles que, como nós, encontram no ciberespaço um local de comunhão devem estar atentos às possíveis perversões deste extraordinário meio de comunicação. (41)
- O modelo conceptual da WELL e de outros conglomerados sociais do ciberespaço como <lugares> emerge sempre que os utilizadores discutem a natureza do meio virtual. (41)
- Licklider - "o indivíduo online levará uma vida mais feliz porque a seleção das pessoas com quem interage mais fortemente resultará prioritariamente da comunhão de interesses e objetivos, e não já das circunstâncias de proximidade". (41)
- A perspectiva, em conjunto com a identidade, é uma das grandes variáveis do ciberespaço. (85)
- Tratando-se de comunidades virtuais, [...] em relação as comunidades tradicionais [...], o sentido de lugar requer um ato individual de imaginação. (85)
- Seria possível a transição dos coesos grupos sociais coletivos das aldeias e vilas da Europa pré-moderna e pré-capitalista para uma nova forma de solidariedade social conhecida por sociedade que transcendesse e contivesse todas as anteriores formas de associação humana? (85)
- A experiência relaciona-se com a forma de os grupos humanos usarem as CMC para redescobrirem o poder da cooperação, transformando a cooperação num jogo, num modo de vida - uma fusão de precisarmos de redes informáticas para recuperarmos o espírito de cooperação, perdido por tanta gente quando começamos a dispor desta tecnologia, não deixa de ser uma dolorosa ironia. (141)
- Contudo, com o desenvolvimento de um meio de comunicação verdadeiramente popular, como os milhões de leitores-contribuintes da Usenet ou os sistemas de painéis de mensagens eletrônicas emergentes à razão de dezenas de milhares, as características multilaterais das CMC, anteriormente reservadas às elites,

catalisaram o surgimento de um tipo formidável e muito mais populista de organização social. As mentes coletivas populares e o seu impacto no mundo material podem tornar-se uma das questões tecnológicas mais surpreendentes da próxima década. (142)

- Embora a tecnologia de CMC forneça os meios para a fraude, a importância especial que concedemos ao papel dos sexos e o predomínio de impostores numa população radicam em questões sociais mais profundas, independentes da tecnologia que as faz sobressair. A concepção do próprio meio possibilita, assim, a prática do embuste, e os exploradores ciberespaciais não tem consciência dos perigos a que estão sujeitos ao ignorarem esse fato. (207)
- A IRC fez surgir uma estrutura global erigida sobre três pilares fundamentais: identidades artificiais mas estáveis, rapidez de raciocínio e construção verbal de um contexto de diálogo comum. (219)
- No Japão as raparigas casadoras geralmente conhecem os futuros maridos através de relações da família ou dos patrões; a COARA ultrapassava essas duas limitações porque oferecia um meio socialmente adequado de travar conhecimentos, independente de as pessoas serem ou não das relações da família ou dos patrões. (254)
- Se as jovens empregadas e as menos jovens donas de casa usam as CMC para ultrapassarem as restrições tradicionalmente impostas ao seu comportamento social, o novo meio constitui uma formidável ameaça potencial ao relacionamento entre os sexos - um dos pilares fundamentais da estrutura social do Japão. (254)
- A continuação do sucesso econômico japonês depende da continuação do sucesso da investigação e desenvolvimento tecnológicos. Cada vez mais o acesso à informação sobre as atividades dos colegas e sobre o que se passa em campos de atividade diferentes mas relacionais constitui a chave para o sucesso tecnológico. (262)
- Landaret confirmou uma das características das CMC - o derrube de certas barreiras sociais tradicionais. Referiu a propósito um dos primeiros utilizadores, uma senhora de 85 anos, que experimentava um imenso prazer ao falar com gente muito nova. (278)
- Denis é o resultado do cruzamento de Goffman com McLuhan, aplicado à classe média. As messengeries são um tipo particularmente bem sucedido de novela participativa das CMC, entre as quais estão os MUD e a IRC. (283)
- O paradigma da difusão tem um grande poder ao permitir aceder a grandes quantidades de informação útil, como dados agrícolas e meteorológicos, que podem ter uma importância crítica na vida real das populações rurais de Montana.

O poder da construção comunitária, no entanto, apoia-se na base de dados viva criada informalmente pelos participantes quando estes se ajudam entre si na resolução de problemas. É na teia de relações humanas que cresce em conjunto com a base de dados que se encontra o potencial para a mudança cultural e política. (301)

- Algumas pessoas servem-se aparentemente deste meios de comunicação despersonalizados para se tornarem íntimas de outras, sendo para elas as CMC, na altura certa, uma maneira de se relacionar e com outro ser humano.

[...]

A dissimulação e a auto-revelação fazem parte da gramática do discurso do ciberespaço, como os cortes rápidos e as imagens intensas fazem parte da

gramática do discurso televisivo.

[...]

As gramáticas dos meios de CMC envolve uma sintaxe de jogo de identidade: podem encontrar-se identidades novas, falsas, múltiplas e exploratória em várias manifestações do meio. (187)

Controle

- São grandes as probabilidades de o poder político e a alta finança virem a controlar o acesso às comunidades virtuais, já que no passado sempre encontraram maneira de controlar os novos meios de comunicação de massas à medida que foram surgindo.
Pode-se dizer que a Rede está fundamentalmente isenta de controle, mas talvez não permaneça assim por muito tempo.
[...] ainda é possível a muita gente no mundo inteiro assegurar a permanência desta nova esfera do discurso humano nos moldes presentes, aberta aos cidadãos do planeta, antes que dela se apoderem os mandachugas políticos e econômicos, censurando-a, delimitando-a e voltando a vender-no-la. (17)
- O futuro da Rede tornou-se demasiado importante para dizer apenas respeito aos especialistas e aos interesses específicos, porque influência um número crescente de indivíduos, devendo cada vez mais cidadãos contribuir para o diálogo sobre a forma como os dinheiros públicos são aplicados no desenvolvimento da Rede. (19)
- A ARPANET surgiu a partir de um antigo projeto do RAND para uma rede de comunicações, comando e controle desprovida de um controle centralizado para resistir a um ataque nuclear. (20)
- John Gilmore “A rede interpreta a censura como uma avaria e faz por contorná-la”.(21)
- Com a transferência de tantos dados privados e de cada vez mais comportamentos privados para o ciberespaço, o potencial de abuso totalitário dessa teoia de informação atinge níveis bastante significativos, tornando-se, assim, aconselhável ouvir com atenção as preocupações dos cépticos.
[...] Não devemos esquecer que os intelectuais e os jornalistas dos anos 50 saudara o advento do melhor meio educacional da história - a televisão. (29)
- Já que os senhores do governo e da indústria se preparam para discutir qual a infra-estrutura de informação melhor para os cidadãos, estes estão no direito de recordar aos governantes eleitos o fato de as tecnologias em questão terem sido desenvolvidas por pessoas que acreditavam na possibilidade e no dever de o poder da tecnologia informática estar disponível para a população em geral, e não só para um patriarcado.
O futuro da Rede não pode ser concebido inteligentemente sem tomar em conta as intenções dos seus criadores originais. (93)
- Os utilizadores iniciais dos sistemas de CMC eram também os seus criadores; por serem utilizadores e criadores desta ferramenta mental, tinham relutância em incorporar características redutoras do poder dos utilizadores individuais; implementaram um grande grau de autonomia do utilizador no sistema, que ainda persiste na arquitetura do ciberespaço atual. (96)
- No ambiente de uma rede heterogênea e sem estrutura pré-determinada encontra-se os dois gêneros. Proteger a comunidade dos perigos dos ataques sem

destruir a abertura que lhe dá valor é um problema social, tal como o é a questão de quem deve pagar pelo acesso a este poderoso conjunto de ferramentas intelectuais. (136)

- O acesso a estas ferramentas encontrava-se inicialmente restrito à elites do pleamento governamental e militar, como de resto sucedia em relação às outras componentes da Rede... (142)
- [Turoff 1976] "Penso que, no limite, a conferência por computador pode fornecer aos grupos humanos uma forma de exercitarem a capacidade de inteligência coletiva..." (145)
- O relatório [Nora Minc] concluía que o advento de computadores baratos e de poderosos meios de comunicação conduzia a "uma sociedade insegura, palco de conflitos descentralizados, uma sociedade ifnormatizada em que os numerosos choques de valores surgirão de parte incerta, provando um volume infindo de comunicação lateral"

[...]

Não se esqueceram, porém, de sublinhar que "a telemática, ao contrário da eletricidade, não transporta uma corrente inerte, mas sim informação, ou seja, poder", e que " o domínio da rede constitui, assim, um objeto essencial, o que exige que o seu enquadramento seja concebido num espírito de serviço público". (276)

- Admito, inclusivamente, acreditar no potencial democratizador desta tecnologia, se devidamente compreendida e difundida por um número suficiente de cidadãos - tal como acredito que o alfabeto e a imprensa escrita tiveram potencial democratizador. (338)
- Todavia, as telecomunicações permitem o acesso de certos indivíduos a um meio de influenciarem a consciência e as percepções de outros indivíduos; este acesso, e quem o tem ou não, são questões intimamente relacionadas com o poder político. A perspectiva de o acesso a uma rede de banda larga quase onipresente ser detido por um pequeno número de interesses comerciais possui terríveis implicações políticas.

[...]

Admito, inclusivamente, acreditar no potencial democratizador desta tecnologia, se devidamente compreendida e difundida por um número suficiente de cidadãos - tal como acredito que o alfabeto e a imprensa escrita tiveram potencial democratizador. (338)

- Existem três tipos de crítica social à tecnologia relevantes para a discussão das CMC enquanto meio para o aprofundamento da democracia.

[...]

Uma escola de críticos baseia-se na história dos meios de comunicação social, concentrando-se na forma como os meios eletrônicos de comunicação já esvaziaram a discussão pública, ao transformarem uma parcela cada vez maior do seu conteúdo em publicidade vária - processo que designam por mercadorização. Segundo esta escola de críticos, o próprio processo político tornou-se uma mercadoria.

[...]

A esfera pública é igualmente o foco de esperança dos ativistas online, que vêm nas CMC uma forma de revitalização do debate aberto e generalizado entre os cidadãos, que constitui a raiz das sociedades democráticas.

[...]

A segunda escola de críticos baseia-se no fato de a redes interativas de banda

larga poderem ser utilizadas em conjunto com outras tecnologias como meio de vigilância, controle e desinformação, para além de canal de transmissão de informação útil. Esta violação direta da liberdade pessoal é conseguida à custa de uma erosão difusa dos antigos valores sociais, devido às possibilidades das novas tecnologias...

[...]

Quando alguém utiliza as conveniências oferecidas pelas comunicações e transações eletrônicas, deixa um rastro digital invisível; este fato constitui motivo de preocupação à mediada que as tecnologias para seguir estes rastros se desenvolvem. O uso cada vez maior do cruzamento da informação para reconstituir as pistas digitais deixadas por toda a agente no ciberespaço constitui um indicador dos futuros problemas de privacidade.

[...]

A par das comunicações multilaterais trocadas nas redes mundiais, fluem enormes quantidades de informações pessoais... (339)

- Os mesmos canais de comunicação que permitem aos cidadãos de todo o mundo comunicar entre si permitem igualmente aos governos e interesses privados saber coisas sobre cada um de nós. Esta escola de críticos é conhecida por panóptica, em referência à prisão ideal proposta por Jeremy Bentham no século XVIII - modelo teórico que se adequa de fato às reais possibilidades das tecnologias modernas.
- Uma outra categoria de críticos, da escola hiper-realista, merece igualmente destaque, apesar das imagens incríveis e bizarras utilizadas pelos seus porta-vozes mais famosos. Estes críticos acreditam que as tecnologias de informação já transformaram aquilo que passava por se a realidade numa simulação eletrônica. (340)
- Apesar de tudo, esta perspectiva capta de fato a forma como os efeitos das tecnologias de comunicação alteraram os nossos processos cognitivos. Uma boa razão para prestar atenção às afirmações hiper-realistas é que a sociedade estes previram há décadas se parece mais com a vida real do que as previsões idílicas dos utopistas tecnológicos seus contemporâneos.

[...]

Se a imagem da aldeia global de McLuhan adquiriu uma certa ironia em face do que se passou desde as suas previsões, nos anos 60, a sociedade do espetáculo - outra previsão feita nos anos 60, baseada no aparecimento dos meios eletrônicos - proporcionou uma imagem muito menos risonha e, como os acontecimentos vieram a prova, mais realista do modo como as tecnologias de informação transformaram os costumes sociais. (341)

- O controle brutal e totalitário da tecnologia de comunicação não é, contudo, a única forma de o poder político neutralizar a capacidade de livre expressão dos cidadãos. (342)
- O grande poder do conceito de democracia eletrônica reside no fato de as tendências das tecnologias de comunicação poderem ajudar os cidadãos a acabar com o monopólio da sua atenção por parte dos poderes subjacentes ao paradigma da difusão - os donos das redes televisivas, associações de jornais e associações de jornais e associações editoriais.

[...]

A Rede, que funciona maravilhosamente como uma rede lateral, também pode ser usada como jaula invisível. (349)

- O computador é, foi e continuará a ser uma arma. As CMC podem ser utilizadas para outros fins; no entanto, mesmo quando as utilizamos como instrumento de libertação, devemos ter consciência da sua origem e das potencialmente terríveis aplicações futuras por parte dos tiranos que delas se apoderem. (351)

ANEXO C – TABELA DE REFERÊNCIAS

TABELA POR ANO DOS AUTORES QUE ESCREVERAM TEXTOS PARA A COMPÓS ENTRE 2006 e 2009.

Cada coluna informa o número de vezes que o autor se auto-citou em seu texto.

Nomes	2009 Ref Própria	2008 Ref Própria	2007 Ref Própria	2006 Ref Própria	TOTAL
Larissa Soares Carneiro	0	-	-	-	0
André Lemos	5	-	3	1	9
Raquel Recuero & Zago	4	-	-	3	7
Gabriela Zago & Recuero	2	-	-	-	2
Alex Primo	0	1	-	-	1
Adriana Amaral	3	-	-	-	3
Sergio Amadeu da Silveira	0	-	-	-	0
Sandra Portella Montardo	4	2	-	-	6
Vinícius Andrade Pereira & Castanheira	3	4	-	-	7
José Cláudio S. Castanheira & Pereira	0	-	-	-	0
Simone Pereira de Sá	0	-	-	3	3
Fernanda Bruno	1	2	-	0	3
Eugênio Trivinho	-	4	3	3	10
Marcelo Benevides Lopes	-	0	-	-	0
Maria Clara Aquino	-	1	-	-	1
Maria Cristina Franco Ferraz	-	1	-	-	1
Telma Sueli Pinto Johnson	-	0	-	-	0
Bruno Costa	-	0	-	-	0
Liliana Maria Passerino & Montardo	-	2	-	-	2
Diana Domingues	-	-	1	-	1
Fernanda Costa e Silva	-	-	-	-	0
Henrique Antoun & André Custódio Pecini	-	-	2	-	2

André Custódio Pecini & Henrique Antoun	-	-	1	-	1
Fátima Régis	-	-	-	-	0
Francisco Rüdiger	-	-	0	-	0
Sivaldo Pereira da Silva	-	-	1	0	1
Erick Felinto	-	-	1	1	2
Suely Fragoso	-	-	1	-	1
Lílian Cristina Monteiro França	-	-	-	-	0
Juremir Machado	-	-	-	1	1
Juliana Tonin & Barbara Nickel	-	-	-	0	0
Barbara Nickel & Juliana Tonin	-	-	-	0	0

TABELA DE REFERÊNCIAS

1ª Coluna – Refere-se ao número de referências aos autores na bibliografia selecionada.;

2ª Coluna – Refere-se ao nome dos autores citados nas referências bibliográficas;

3ª Coluna – Refere-se a quantidade de vezes que estes autores se auto-citaram;

4ª Coluna – Refere-se a quantidade de Referências menos a quantidade de Ref. Própria (auto-citação)

5ª Coluna - Refere-se a quantos textos diferentes foram citados destes autores;

6ª Coluna – Refere-se a quantidade de textos em que aparece uma ou mais referências deste autor. Fizemos o cálculo daqueles autores que interessavam. Ou seja que estavam entre os mais citados e que tivessem a temática Internet como ponto importante em seus trabalhos.

7ª Coluna – Cálculo do Índice H. Ex: O Índice H no valor 3 significa que o autor tem pelo menos 3 textos citados pelo menos 3 vezes.

Obs: Os autores que aparecem com fundo diferente são os que trabalham com a temática da Internet.

REFERENCIAS	NOMES	REF PRÓPRIA	TOTAL REAL	Número de textos diferentes	Em quantos textos aparece este autor?	Índice H
21	BAUDRILLARD, Jean	0	21	6		3
15	VIRILIO, Paul	0	15	10		2
14	FOUCAULT, Michel	0	14	9		2
20	LEMOS, Andre	9	11	17	12	2
9	HABERMAS, Jurgen	0	9	7		2
8	BLUMER, Herbert	0	8	8		1
8	CASTELLS, Manuel	0	8	4	7	1
8	DELEUZE, Gilles	0	8	4		2
8	SANTAELLA	0	8	6	5	1
8	RHEINGOLD	0	8	4	6	2
14	RECUERO, Raquel	7	7	11	6	2
7	BENJAMIN, Walter	0	7	5		1
7	JAMESON, Frederic	0	7	3		1
7	LEVY, Pierre	0	7	4	7	1
6	GRANOVETTER	0	6	1		1

7	AMARAL, Adriana	3	4	5	3	2
6	PRIMO, Alex	1	5	5	3	1
5	HEIDEGGER, M.	0	5	3		1
5	GUMBRECHT, Hans U.	0	5	4		1
5	MAFFESOLI, M.,	0	5	5	3	1
6	BRUNO, Fernanda	3	3	4		1
8	MONTARDO, Sandra	6	2	5		2
8	PEREIRA, Vinicius	7	1	7		1
10	TRIVINHO, Eugenio	10	0	5		2